

DEUS É DONO DO MEU NEGÓCIO

No início, um abençoador apenas; depois, sócio.
Mas o melhor só aconteceu quando Deus
se tornou o dono absoluto.

Stanley Tam
E KEN ANDERSON



Editora
Betânia



DEUS É DONO DO MEU NEGÓCIO

A idéia era boa e diferente: recuperar e comercializar a prata desprendida dos filmes fotográficos durante o processo de revelação. Surgia a **Tamco**.

No princípio Deus era apenas um abençoador; depois, um sócio. Mas os melhores frutos vieram quando ele se tornou o dono absoluto.

- Como é que os homens de empresa vêem a participação de Deus no dia-a-dia de seus negócios?
- De que maneiras a consciência dessa participação afeta o comportamento profissional e as práticas comerciais?
- Existe ligação entre o fator "bênção de Deus" e o desempenho de uma empresa?

Descubra neste livro a resposta a essas perguntas e também como foi que Stanley Tam conseguiu que Deus se tornasse, legalmente e de fato, o dono de seu negócio.

Encontre, na inspiração destas páginas, novos caminhos para sua atividade profissional e uma visão mais esclarecida do que Deus pode realizar no mundo dos negócios.

Editora  Betânia

Leitura para uma vida bem-sucedida

Caixa Postal 5010 - 31611 Venda Nova, MG

DEUS É DONO DO MEU NEGÓCIO

Stanley Tam
E KEN ANDERSON

Mazinho Rodrigues

Editora  Betânia
Leitura para uma vida bem-sucedida
Caixa Postal 5010 – 31611 Venda Nova, MG

Título do original em inglês:

God Owns My Business

Copyright © 1985 Horizon House Publishers

Box 600, Beaverlodge, Alberta, Canada T0H 0C0.

Tradução de Myrian Talitha Lins

Primeira edição, 1987

Todos os direitos reservados pela

Editora Betânia S/C

31611 Venda Nova, MG

É proibida a reprodução total ou parcial
sem permissão escrita dos editores.

Composto e impresso nas oficinas da

Editora Betânia S/C

Rua Padre Pedro Pinto, 2435

Belo Horizonte (Venda Nova), MG

Printed in Brazil

Para Juanita

AGRADECIMENTO

Gostaria de expressar aqui meus agradecimentos a Ken Anderson. Entreguei a ele um punhado de “toscas moedas de prata” — minhas experiências pessoais —, e ele, com o talento que Deus lhe deu, poliu-as, transformando-as em relatos de fácil leitura. Depois, com seu discernimento espiritual e sua teologia prática, reuniu tudo e me pregou um grande sermão: “Nada + Deus = Deus.”

R. Stanley Tam

1

Hoje em dia não existe nada mais comprometedor ao bom nome de um homem do que apresentá-lo como um autêntico cristão.

Aqueles que admiram a sociedade atual, que é toda voltada para o cultivo de uma boa imagem pessoal, logo verão nele uma espécie de aberração religiosa. É claro que pastores e missionários devem ser pessoas espirituais. Mas nós, os leigos, desejarmos uma vida de maior profundidade espiritual, isso já é outra história. Podemos ser dinâmicos e ativos em nossa comunidade. Devemos fortalecer a economia da nação. Devemos construir e montar esquemas, bem como exercitar nossos músculos. Devemos freqüentar uma igreja e contribuir para a manutenção dela. Mas ser homens de oração, homens que levam a Bíblia ao pé da letra, que dão testemunho de sua fé, isso nunca.

Compreendo que nossa época é a era dos *hippies*, das contestações, do protesto, dos discípulos de pensadores hindus. Mas essas excentricidades sempre se manifestam em grupos, e a adesão a modismos reacionários não recebe o mesmo desprezo que enfrentam aqueles que se posicionam sozinhos contra a massa.

Em que triste situação nos encontramos!

Pois bem, se levar a fé a sério é um erro social, confesso-me culpado desse erro, mas não me arrependo, nem peço desculpas por ele. O que me desalenta é ser visto como um excêntrico religioso, mas não por uma questão de orgulho pessoal; não. Fico irritado é com as condições precárias dessa sociedade que considera excêntrica a pessoa que possui fome espiritual e consegue satisfazer essa fome.

Vamos explicar melhor.

Meu nome é Stanley Tam. Sou um crente leigo, um empresário. Pelos padrões do mundo, posso ser considerado um homem bem-sucedido nos negócios. Gosto de vender, gosto de introduzir novidades na praça; gosto de ver o volume de negócios crescer; gosto de ganhar dinheiro. Recentemente uma firma que negocia com ações, examinou nossos livros e me disse que o crescimento de nossa firma, comparado ao de outras firmas de mesmo porte na região, é o mais vigoroso. No momento, estou estudando seriamente a possibilidade de tomarmos medidas de expansão para nossas duas companhias.

Mas embora o meu negócio exija que eu passe muitas horas em minha sala de trabalho, constante supervisão e promoção, comprar e vender é apenas uma vocação para mim. Minha principal preocupação é ser um bom crente. Deixe-me explicar isso mais claramente. Minha principal preocupação na vida é ser obediente a Deus, é servir a ele e glorificar o seu nome.

Mesmo assim insisto em afirmar que não estou tentando propositadamente ser um reacionário. Não sou um *hippie* de meia-idade, nem iconoclasta, mas um ser humano bem normal.

Normal?

Bom, talvez eu devesse retirar essa palavra — não tanto pelo que me diz respeito, mas pelo potencial do que Deus pode fazer por você e por mim. Pois, na forma como o mundo está estruturado hoje em dia, não devemos nos acomodar com a conquista espiritual da média das pessoas.

Posso compreender um esforço para se atingir a média das realizações físicas ou intelectuais — pois certamente me enquadro nessas duas categorias — mas não posso entender como tantos crentes lêem uma Bíblia que está tão cheia de promessas para que superem em muito a si mesmos, e no entanto se acomodam a uma vida espiritual tão medíocre, que nem parecem salvos. Por causa disso, o crente que se envolve mais com Deus, de uma forma visível, é considerado uma rara exceção, e não a regra geral.

É minha convicção, porém, que Deus, pelo contrário, tem a intenção de que todos tenham uma vida espiritual plena, gratificante, como por um direito de nascença. Estamos nos privando a nós mesmos do melhor que Deus tem para nós por uma falha nossa, por causa de nosso senso de valores que é tão imperfeito e corrompido. Estou convencido de que, na opinião de Deus, esquisito é aquele que deixa de cumprir as metas que Deus determina para ele, e normal; o que descobre a realidade espiritual das poderosas perspectivas da vida cristã.

Cristianismo é isso — a descoberta da vida!

Não; embora meu principal interesse na vida seja obedecer a Deus, não me considero uma aberração. Nem estou querendo ser diferente. Sou um ser humano como outro qualquer, e estou sempre lutando para que o orgulho não venha ofuscar meu testemunho cristão e minha perspectiva das coisas espirituais. Às vezes, certos preconceitos influenciam minhas opiniões, e tenho que extirpá-los. Há ocasiões também em que, levado pelas pressões naturais dos negócios, começo a exigir muito de meu pessoal, e depois tenho que me desculpar e fazer alguns acertos. Minha esposa e minhas quatro filhas também poderiam citar muitas evidências dolorosas de que sou um ser humano comum. E embora eu procure apresentar meu testemunho cristão como algo verossímil e natural, algumas pessoas já questionaram atitudes que tomei. Não há dúvida de que, pelo menos em alguns casos, isso resulta de alguma falha minha.

Mas eu creio firmemente que é possível uma pessoa ligar sua vida à pessoa de Deus. E acredito que essa é a única maneira de se ter uma vida realmente válida; o único modo de vida que se acha ao alcance de todos, desde que cada um procure atender, com sinceridade e simplicidade, as condições estabelecidas por Deus.

E foi grato ao Senhor abençoar essa minha convicção de forma singular, e por causa disso têm ocorrido alguns fatos bastante incomuns em meus negócios. Como resultado disso, tenho tido a oportunidade de dar testemunho em muitas igrejas, escolas, em clubes de prestação de serviços e a outros grupos, falando da atuação de Deus em minha vida. Já falei a grupos judeus, católicos e protestantes. Às segundas e terças-feiras, talvez esteja em meu gabinete de trabalho; mas na quarta posso estar falando num banquete em outra cidade; na quinta estou de volta ao escritório; mas na sexta estou falando em uma reunião de homens em Omaha, e no final de semana em Portland ou Seattle. Na segunda-feira seguinte, de volta ao trabalho.

Muitas vezes, quando tenho oportunidade de relatar meu testemunho, outras pessoas sentem desejo de chegar a um maior envolvimento espiritual também. Assim é a psicologia da vida, nos contatos pessoais uns com os outros. Não existe melhor maneira de se vender ou comunicar alguma coisa, de fazer circular boas idéias.

Então é essa minha intenção em publicar este breve relato de minhas experiências pessoais — não para que alguém possa compreender melhor a pessoa de Stanley Tam; mas o faço, orando e esperando que possa transmitir incentivo e um renovado impulso à sua busca de uma vida plena e mais significativa.

Antes, porém, deixe-me alertá-lo de que não deve me tomar como protótipo. Eu tenho que viver minha própria vida, obedecendo às orientações que Deus me dá; e o leitor deve viver sua própria vida, procurando ser também obediente às ordens de Deus. Em resposta

à minha decisão, afirmada interiormente, de obedecer a Deus em tudo, ele me apresentou alguns requisitos que poderiam ser considerados até estranhos. Talvez ele faça o mesmo com o leitor, ou talvez o oriente de uma forma totalmente diferente.

No meu caso, senti uma orientação clara e direta para torná-lo meu sócio majoritário. De princípio, isso pode parecer muita ingenuidade, mas escute-me até o fim. O que estou dizendo é verdade. As ações de nossas duas companhias não pertencem nem a mim, nem aos membros de minha família. Tudo é controlado por uma organização sem fins lucrativos, cujo único objetivo é distribuir fundos para o trabalho evangélico pelo mundo. A única maneira pela qual eu e minha esposa poderíamos reaver o controle da firma seria comprar de volta as ações da companhia.

Mas essa foi a orientação que Deus deu a nós. Para outras pessoas, ele pode dar ordens totalmente diferentes. O importante é que cada um permita que Deus lhe revele o plano que ele tem para sua vida, e tão logo o conheça, passe a agir de acordo com ele em total obediência. O segredo da felicidade e do sucesso na vida é obediência a Deus, nossa garantia de abençoada imortalidade.

2

A família Tam é de origem escocesa.

Portanto, o desejo de ganhar dinheiro deve ter entrado em minhas veias por um processo genético.

Meu bisavô, de nome MacBeth, uma das colunas da árvore genealógica de minha mãe, emigrou da Escócia em 1849, quando o cheiro do ouro estava atraindo gente para a Califórnia, numa corrida alucinada, em que uns quase pisavam por cima de outros. Ao que parece, ele conseguiu vencer e morreu rico, pois chegou a entrar para o comércio bancário.

Eu nasci nos arredores de San Francisco, em 1915.

Meu avô do lado Tam não deu menor contribuição para minha formação. Embora não fosse tão apreciador das atividades no campo das finanças, era um indivíduo admirável. Quando jovem, sentiu-se atraído para o teatro burlesco; mas como nós, os Tam, não podemos nos vangloriar de possuir talentos excepcionais no que diz respeito a malabarismos, sua opção foi adotar a arte do ilusionismo, e acabou-se tornando um bom mágico. Contudo, naqueles dias, o teatro burlesco não tinha falta de talentos, e ele terminou dando mais espetáculos em escolas do que propriamente no palco. Meu pai era o assistente dele.

Embora mais tarde ele tenha abandonado a mági-

ca, conservou um baú cheio de objetos de ilusionismo, e nós, as crianças, muitas vezes o convencíamos a nos dar demonstrações de sua arte, já um tanto enferrujada, com suas argolas chinesas, as sacolas de fazer aparecer e desaparecer coisas, e suas caixas, de diversos tamanhos e formas.

Bem mais tarde, meu avô resolveu ceder ao seu gosto pelos espetáculos e, associando-se com meu pai, comprou vários cinemas, em diversas cidades. Contudo, o filho dele não sentia a mesma atração pelos holofotes e, certa vez, quando viajava por Ohio, num passeio de férias, ele e minha mãe gostaram muito da região, e mais tarde compraram uma fazendola nesse estado.

Desde então tenho vivido em Ohio.

E nós trabalhamos muito na fazenda. Houve um ano em que conseguimos vender mais de mil sacas de batata e quase mil de feijão; nada mal, para uma propriedade de apenas 174 acres, onde havia também pasto para gado e residência para a família.

Mas eu, pessoalmente, não era grande apreciador do trabalho da lavoura, principalmente por causa do pesado trabalho manual. Fiz a minha parte, é verdade, mas às vezes ficava horas e horas pensando sobre as ofertas tipo “enriqueça rapidamente”, que naquela época costumavam chegar pelo correio. E sempre que tinha dinheiro para o selo, cortava os cupons de solicitação de amostras e informações e mandava para os devidos fornecedores. Assim, a chegada diária do correio era uma festa para mim. E que maravilhoso desfile de atrações. Sementes de flores e verduras. Amostras de balas. Lubrificantes para motores de carro. Extratos alimentícios. Poções milagrosas para ganhar ou perder peso. Cremes para remover sardas. Brilhantinas para deixar o cabelo mais bonito. A masculina arte da defesa pessoal. Os segredos do ventriloquismo. Hipnotismo. A caça de tesouros escondidos. Garantias de longa vida.

E com as amostras, vinham planos de venda que praticamente afirmavam que poderiam tornar uma

pessoa independente da noite para o dia. Eu tinha vontade de experimentar trabalhar com vendas, mas sendo de índole acanhada, sentia-me preso. Como eu poderia reunir coragem para isso? Eu sonhava tornar-me um bom vendedor. Queria trabalhar por conta própria, mas não possuía aquele impulso para iniciar.

Contudo, possuía espírito de iniciativa, e apliquei-o em diversos serviços. Quando via que uma casa da vizinhança estava precisando de reparos, oferecia meus serviços! Pinteí caixas de correio, consertei cercas, lavei vidraças, aparei gramados.

Foi então que, certo dia, num impulso de momento, recortei um daqueles cupons e mandei para a firma indicada. Pouco depois me encontrei com uma caixa de amostras, de artigos domésticos para vender de casa em casa.

Foi muito penoso.

Mas aos poucos fui ganhando confiança, aprendendo a aceitar recusas e aprimorando a técnica de venda. Minhas vendas não prosperaram nas proporções indicadas pelos folhetos de propaganda, mas não demorou muito e eu já estava precisando da assistência de dois colegas de escola. John D. Rockefeller, o grande empresário daquela época, não devia se sentir mais feliz do que eu, quando fazia minhas anotações à noite, à luz de um lampião de querosene, registrando as vendas e o estoque.

Até hoje, meu gosto por vendas continua sendo um mistério para mim, já que minha natureza tende para o retraimento. Quando me recordo de minha infância, vejo um garotinho de boas qualidades, mas muito tímido, um garoto que sempre fugia de brigas, chorava à toa, e tinha uma atitude pessimista para tudo.

As meninas me atraíam, mas ao mesmo tempo tinha receio delas. Meus namoricos de escolas não passaram de trocas de bilhetes; mas eu era tão acorvadado que, quando afinal decidia expressar meus sentimentos por uma menina, pedia sempre a outra garota para fazer a comunicação por mim.

Perto de onde morávamos havia uma favela, e eu

tinha pavor de chegar perto dali. Mas tinha que passar por ela quando ia à cidade, e muitas vezes os valentões do lugar me encurralaram num canto e quase me mataram de medo. No sábado, quando tinha um dinheirinho a mais, ia com um amigo gastá-lo na cidade, e atravessávamos a favela correndo feito loucos. Mas mesmo assim houve algumas vezes em que eles nos pegaram e nos fizeram entregar-lhes nosso dinheiro. Eu sempre entregava sem a menor resistência.

E eu me detestava, por ser tão fraco; e, muitas vezes, à noite punha-me a imaginar que tinha atendido aos anúncios das revistas que ofereciam exercícios de musculação, e, de repente, me tornara tão forte que os garotos da vizinhança desapareciam da rua, só de me ver chegar. E sonhava com isso.

Mas sempre acordava para a realidade dos fatos.

Como já disse no começo, minha família tinha raízes muito interessantes, mas apesar disso meu lar não possuía as alegrias de que uma criança precisa. Brigas eram coisa comum. Eu possuía um porquinho de estimação que era toda a minha alegria e meu orgulho. Eu o conservava sempre limpinho e imaculado em seu chiqueirinho. Muitas vezes, à noite, corria e ia dormir com meu amigo irracional, fugindo ao barulho das brigas em casa.

Devido ao meu acanhamento e à falta de afeição que fortalecesse minha personalidade fraca, fui-me tornando cada vez mais introvertido. Costumava ficar horas e horas caminhando sozinho pelos campos, sonhando com o futuro. E quanto mais sonhava, mais me certificava de que queria ser vendedor. É verdade que meu acanhamento me deixava muitas vezes em situação difícil. Ao me deparar com um freguês mais ríspido, saía correndo para a rua, temeroso de tocar a próxima campainha. Mas sempre conseguia reunir coragem para tentar efetuar outra venda.

E como qualquer outra pessoa introvertida, também tinha momentos de segurança, como quando encontrava um freguês mais cordial e quando conse-

guia vender alguma coisa. Além disso, recebia muito incentivo também de amigos e professores. A vida tinha seus bons momentos.

Outra situação em que encontrei uma válvula de escape foi no meu grupo de escoteiros, do qual participei até o final do segundo grau. A essa altura, a depressão econômica já estava minando as economias da nação, e havia muito pouco dinheiro para compras que não fossem estritamente essenciais. Um dia procurei meu líder dos escoteiros e lhe disse:

— Olha, por que não tentamos conseguir algum dinheiro para a tropa?

— De que maneira, Stan?

— Bom, sei de uma firma que nos fornece extratos alimentícios para vender. Cada um de nós poderia vender para as donas de casa da sua vizinhança ou para os conhecidos, e os lucros iriam para nossa caixa.

— Parece uma boa idéia, respondeu ele.

Estava com dezessete anos e fora nomeado assistente dele, e ele tinha muita confiança em mim, o que era um dos motivos para eu querer que tudo desse certo.

Fizemos a tentativa.

Mas em pouco tempo os outros escoteiros perderam o interesse, e no fim eu acabei comprando os produtos e vendendo tudo sozinho.

Como disse, a recessão econômica estava no auge, e embora meus pais tivessem se esforçado muito para pagar os débitos da propriedade, acabaram perdendo-a. Como tantos outros pequenos agricultores, não conseguiram saldar a hipoteca.

Foi um duro golpe para nós.

Em 1933 mudamo-nos para a cidade de Lima, Ohio.

Embora eu tivesse me saído razoavelmente bem nos estudos, o curso superior estava fora de cogitação. Fiz, então, um curso de vendas por correspondência, e esta foi minha única instrução universitária. As coisas estavam muito difíceis, e eu sabia que tinha que vencer por mim mesmo.

Meus pais tentaram incentivar-me bastante. É verdade que havia muita briga em casa, mas eles davam muita importância a honestidade, integridade de caráter e bons hábitos. Eu desculpo os momentos negros que vivemos, pois lutavam com muita dificuldade, e além disso não contavam com assistência espiritual para resolverem seus problemas. Frequentávamos aos domingos uma pequenina igreja do interior — escola dominical e culto. Embora meus pais não professassem uma fé genuína em Deus, queriam que os filhos cultivassem uma crença firme.

Eles expressavam satisfação pelo meu senso de iniciativa, e isso me deu o estímulo de que tanto precisava.

Certa vez, fiz pedido de um livro de fórmulas químicas — mais uma das promessas de enriquecimento rápido que chegaram às minhas mãos — e nele havia uma receita para se reaproveitar óleo usado. E foi assim que surgiu a Companhia de Petróleo Tam-o-Shanter, cujo produto eu mesmo fabricava e vendia.

Com os lucros que obtive e economizando um pouco, ajuntei quinze dólares e comprei um carro: fui o primeiro rapaz do bairro a ter um Ford Modelo T. Isso serviu para aumentar ainda mais minha autoconfiança, além de dar um grande impulso a meu negócio. Não apenas continuei a fazer minhas vendas, mas, agora, com grande facilidade de transporte, recolhia ferro velho, papel, roupas usadas, e diversos outros tipos de objetos.

Mais tarde possuí mais dois carros Modelo T. Era uma sensação muito boa rodar por aquelas estradinhas de roça, vendo as pessoas olhar para trás para admirar o afortunado rapaz da família Tam circulando por ali.

Um desses carros depois iria ser motivo de uma das muitas experiências maravilhosas que Deus me permitiu viver. Apesar de não ser um grande conhecedor de mecânica, gostava de mexer com motores, e resolvi dar uma melhorada no carro e colocá-lo à venda, para obter algum lucro.

Publiquei um anúncio no jornal oferecendo o carro, e apareceu um vendedor de roupas feitas que se dispunha a comprá-lo, dando os dezoito dólares que pedira por ele. Deu-me cinco dólares de entrada, e depois se pôs a insistir para que eu lhe passasse os documentos. Muito inexperiente ainda em negócios, concordei.

Ele nunca me pagou mais nenhum centavo.

Mais adiante vou narrar o fim dessa história — história que só terminou trinta anos depois. Primeiramente, porém, quero mostrar como os aspectos negativos de minha vida se tornaram positivos, e como Deus passou a ocupar uma posição vital para mim, e como minha fé nele tornou-se a base de todas as minhas atividades.

3

Na época em que ainda estávamos no sítio, tínhamos lá algumas vaquinhas leiteiras, e geralmente eu ou minha irmã tínhamos a incumbência de ordenhá-las, tarefa que nós dois detestávamos. Por isso, quando eu criava ânimo para ir atrás delas, em geral já era bem tarde.

Numa noite — recordo-me de que tinha dez anos — já estava escurecendo quando afinal encontrei a última cabeça, e toquei o gado para casa, em direção ao celeiro.

A lua surgiu, lua cheia, enorme como um daqueles imensos balões em que os homens costumavam voar por ocasião da nossa exposição agrícola anual. Parei ali mesmo, encantado com a beleza dela. Desde a época em que o Rei Davi contemplou os céus admirado, e talvez até antes disso, os homens têm sempre voltado o pensamento para Deus, ao contemplar os corpos celestes. Foi o que me aconteceu naquela noite.

— Deus, quem é você? perguntei num sussurro. Gostaria de conhecê-lo.

Foi uma exclamação muito simples, que mal poderia ser considerada uma oração, contudo já era uma evidência de fome espiritual. Era a primeira vez que expressava aquela “fome” vocalmente, e, depois,

nos anos que se seguiram, tive muitas razões para crer que Deus escutara aquelas palavras e se dignara a atender-me.

Contudo, muitos anos se passaram sem que eu desse nenhum passo concreto em direção à fé em Deus. Quem me observasse veria que eu era um jovem típico de uma época em que as coisas espirituais não contavam muito. Passei da idade de freqüentar a escola dominical, mas continuei assistindo aos cultos. Contudo comecei a sentir uma espécie de aversão pelo povo da igreja, principalmente por aqueles que achavam que tinham o dever de abanar fumaça de “fogo e enxofre” na direção dos desviados e dos que ainda não tinham-se tornado membros.

Certo dia, quando eu e meu primo Bud estávamos rodando pela rua em meu carrinho Ford T, vimos a tia dele que voltava de umas compras.

— Vamos dar uma carona para ela, disse Bud.

Então parei o carro junto à calçada.

— Entre aí, tia, disse Bud. Eu e Stan vamos levá-la em casa.

Ela olhou para nós meio apreensiva, o rosto tenso, o olhar frio feito gelo.

— Stan é um bom motorista, tia, insistiu Bud. Entre. Os mantimentos devem estar muito pesados para a senhora.

E ele ajudou-a a entrar no carro. Dei uma espiada para os dois, e ela me dirigiu um olhar cortante, como se eu tivesse feito alguma coisa errada. Assim que os dois estavam sentados, Bud voltou-se para mim.

— Deixa correr!

Debreei o carro, soltei o freio devagarinho, e abaixei a alavanca do acelerador que ficava na coluna do volante. O motor, muito bem regulado, respondeu logo, e arrancamos esbanjando potência, para aqueles primeiros dias de carro a motor.

— Calma aí, rapaz! gritou a tia de Bud.

Bud olhou para mim e sorriu.

— Você está matando-a de medo, resmungou. Pise fundo!

E fomos em frente, entrando suavemente numa curva fechada para chegar à casa dela. Mas mesmo uma pessoa das mais medrosas logo se acostuma com a velocidade de um Ford T, e, assim, aos poucos, ela foi-se acalmando.

— Que é que vocês dois estão aprontando? indagou ela instantes depois. Por que estão passeando por aí à toa?

— Não estamos fazendo nada, não, tia, replicou Bud. Estávamos só dando umas voltas...

— Deus me livre! interrompeu ela. Não sei mais o que está para acontecer. Os jovens freqüentando salões de dança, jogando baralho, indo ao cinema. Aposto que os dois estavam no salão de bilhar, não estavam?

— Não, titia, como eu disse...

— Os dois estão indo direitinho para o inferno. Hoje à noite vai haver uma reunião de oração na igreja. Se os dois tiverem um pinga de bom-senso, acho bom virem ao culto e se converterem.

Depois que a deixamos em casa e fomos saindo, eu disse para meu primo:

— Olhe aqui, Bud, não vamos dar carona para ela nunca mais.

— Ah, ela não fala por mal.

— Mas seria uma péssima vendedora.

— O que você quer dizer com isso?

— Se eu fosse falar dessa maneira com meus clientes, só conversando sobre o preço das coisas, sem falar bem do produto, poderia trabalhar o dia inteiro que não ganharia um níquel.

Foi um comentário casual, desses que a gente fala e depois esquece. Mas agora, recordando o fato, acredito que disse isso sobre a tia de Bud por causa da fome espiritual latente que havia em mim. Nunca desejei grandeza e fama, mas sempre tive um ardente desejo de ser alguma coisa, e já naquela época tinha pelo menos uma leve suspeita de que a fé em Deus era um fator muito importante para se avançar rumo ao sucesso.

Algumas semanas depois, peguei meu mostruário e fui de carro a um sítio, tentar vender alguma coisa. Estava cada vez mais difícil vender, pois o dinheiro estava escasso, e eu encontrava muita resistência. Às vezes uma freguesa entreabria a porta, querendo saber o que se estava vendendo, ou pensando que talvez tivéssemos amostras grátis do produto, mas depois começava a apresentar inúmeras desculpas para não nos deixar entrar.

Uma técnica de venda que eu utilizava nessas visitas a sítios e fazendas, era verificar o nome registrado na caixa do correio. Conversar com a pessoa, tratando-a pelo nome, era muito importante. Contudo, vez por outra, pronunciava um nome incorretamente, e aí, em vez de conquistar a pessoa, perdia um cliente.

Naquele dia, o nome na caixa era de George Long. O gramado estava muito bem aparado, e havia um lindo canteiro de flores perto da varanda. Então pensei em começar assim: “Bom dia, Sr.^a Long. Estou curioso para saber o nome daquelas lindas flores do seu jardim.”

Para minha surpresa, assim que bati, a porta se abriu totalmente, e não apenas uma fresta. Era uma senhora de aspecto agradável, que me olhou como se já estivesse esperando minha chegada com meus produtos, desde o amanhecer.

— Ssssenhora Long... principiei gaguejando um pouco, e esquecendo de falar sobre as flores.

— Eu mesma, replicou. Tenho muita satisfação em vê-lo. Vamos entrar?

— Bom, claro, vou entrar mesmo, se a senhora não se importar, falei.

Caminhando à minha frente, apontou para uma cadeira junto à mesa. Dirigi-me para ela, sentei-me e corri os olhos pela sala, procurando alguma explicação para a entusiástica acolhida que ela me dera. Havia uma grande Bíblia sobre a mesa. Na parede, viam-se dois quadrinhos com versículos bíblicos.

Lembrei-me da tia de Bud. Mas não fiquei tenso.

Essa senhora era totalmente diferente daquela outra que pegara uma carona em meu carro e fora logo proclamando que eu estava em trevas.

— Você deve ser vendedor, não é? começou ela.

— É; a senhora está certa.

Abri o mostruário e apresentei-lhe as amostras dos artigos que eu tinha para oferecer. Ela escutou com atenção, e isso me estimulou a ir um pouco além de minha costumeira conversa de vendedor.

— Bom, disse ela quando terminei, o dinheiro anda muito escasso, você sabe. A gente tem sempre que estar atento para não faltar para o alimento.

Meu ânimo arrefeceu.

— Entretanto, continuou ela, vou comprar umas coisinhas. Você falou muito bem. Tem muito talento, rapaz.

— Ah, muito obrigado, Sr.^a Long, disse exultando.

E ela escolheu o que queria. Depois eu disse:

— Acho que não vamos ter que nos preocupar com essa questão de dinheiro por muito tempo. Os planos do presidente Roosevelt são excelentes. Dentro de alguns meses essa recessão estará terminada.

— Você acredita nisso?

— Tenho certeza.

E daí partimos para uma conversa sobre política, que na maior parte do tempo girou em torno de uma questão levantada pela Sr.^a Long, a da motivação pessoal dos indivíduos na administração pública. Ela não era nenhuma revolucionária, mas achava que as pessoas estavam procurando solucionar seus problemas de maneira errada.

Fiquei meio incomodado e levantei para ir embora.

— Espere um pouco, disse ela. Sente-se.

Sentei-me.

— Eu deixei você falar a respeito das coisas que tinha para vender, continuou ela, agora talvez você possa escutar também o que eu tenho para dizer.

Então ia ser uma barganha. Ela tinha me deixado

bastante animado fazendo uma compra à vista, e agora queria o dinheiro de volta vendendo-me alguma coisa.

— Como eu disse, continuou, você é um rapaz de muito talento. Você vai marcar presença neste mundo. E eu desejo que você se saia muito bem. Mas por mais sucesso que você tenha na vida, e mesmo que fique muito rico, nunca terá verdadeira satisfação interior; estará sempre querendo mais alguma coisa. Não terá satisfação enquanto não resolver a questão mais importante da vida.

— Que questão? perguntei.

— A do seu relacionamento com Deus, disse sorrindo.

— Ah, repliquei, sempre vou à igreja. Talvez a senhora me ache até um pouco estranho, pois não tenho vícios; não fumo, não bebo, e nem mesmo falo palavrões.

— Você conhece a Jesus Cristo? indagou ela.

Não era uma pergunta de cunho teológico, nem tinha jeito de “pregação”; era apenas uma interrogação sincera de uma pessoa que parecia realmente interessada em me ajudar.

— Conhece?

— Bom, ah... gaguejei. Eu...

As palavras pareciam não querer sair-me da boca.

E durante duas horas fiquei ali a escutar aquela mulher explicar o que Jesus significava para ela. Contou-me como sua vida era vazia antes, como ela procurava satisfação aqui e ali, como tentara descobrir o sentido da vida. Nada tinha sentido; sua vida só passou a ter valor depois que conhecera o Filho de Deus.

Uma coisa era certa: a Sr.^a Long sabia vender. Ela acreditava naquilo de que falava; já experimentara seus benefícios.

Contou-me das respostas de oração que já recebera. Disse que conseguia conversar com Deus como se conversa com um amigo. Contou também que orara pedindo a Deus que transformasse sua casa num

santuário, onde as pessoas pudessem receber orientação espiritual. (Mais tarde vim a saber que eu fora a sétima pessoa a entrar ali, em resposta a essa oração. E depois de mim iriam muitos outros.)

Quando chegou ao ponto em que naturalmente iria perguntar-me se eu não queria receber Jesus como meu Salvador, apareceram num carro alguns parentes dela. Pedi licença e saí.

Embora estivesse querendo sair dali o mais depressa possível, na verdade foi com relutância que me afastei. Qualquer outra pessoa igual a ela eu logo taxaria de fanática. Mas a Sr.^a Long, não. Ela era uma pessoa autêntica, feliz; interessada, mas sem agredir com pressões. Estava convencido de que ela possuía uma vida espiritual genuína; e era isso que eu queria.

E, enquanto me afastava da casa dela naquela manhã, tentei orar; tentei entrar num acordo com Deus e fazer um trato com ele. Mas, naturalmente, o trato teria que ser feito segundo as minhas condições; teria que ser compatível com minhas noções sobre a vida, com meus preconceitos, com minha imagem própria.

Aquela mulher notável me havia dito que cada um tem que reconhecer sua pecaminosidade, confessando-a a Deus, bem como sua total incapacidade de ter uma vida reta. Mas isso significaria despojar-me de meu orgulho, meu crescente sentimento de autoconfiança, e minha sensação de que era capaz de cuidar de mim mesmo.

Eu e meu primo Bud já estávamos freqüentando a igreja com certa regularidade, no domingo pela manhã e à noite. Em nossa comunidade, ir à igreja era uma prática própria das pessoas decentes. Mas minha atitude para com ela era de “é pegar ou largar”. Agora, parecia-me estar sempre ouvindo as palavras da Sr.^a Long nos sermões, nos hinos, nas orações. Nossa igreja era, como se poderia dizer, da linha tradicional. No domingo de manhã, havia o culto de louvor e adoração; à noite, evangelismo. Nos cultos de

evangelização, sempre se fazia um apelo para que as pessoas fossem à frente, dando um testemunho público de que renunciavam à sua antiga vida e aceitavam uma nova vida. Eu sempre ficava intrigado com as pessoas que atendiam ao apelo no domingo à noite.

Alguns choravam de arrependimento; e logo em seguida choravam de alegria. Outros já davam imediatamente testemunho das transformações que se operavam neles. Isso me deixava confuso. Suponhamos que eu fosse à frente. Será que teria essa experiência? E eu queria tê-la?

— Bud, indaguei certo dia, o que será que acontece? Do jeito que algumas pessoas agem quando se convertem — parece que levaram um choque, ou coisa parecida.

— Acho que com cada um acontece algo diferente, respondeu ele filosofando. É como num jogo. Uma pessoa berra até quase rebentar a garganta; enquanto outra fica sentada quieta como se estivesse num jogo de xadrês. E ambas estão interessadas no jogo.

— E pode ser até que a segunda se divirta mais que a primeira, acrescentei.

— Pode ser, concordou Bud.

— E você, Bud?

— Eu?

— É; você acha que vai se converter algum dia?

— É; algum dia.

— Tem alguma idéia de quando será?

— Não; e você?

Dei de ombros. Havia momentos em que não queria mais pensar naquilo, mas não o conseguia. Em meu coração havia um constante anelo. Era a recordação da conversa que tivera com a Sr.^a Long em casa dela.

— Muitas pessoas estão muito confusas com relação ao Cristianismo, dissera ela. Algumas acham que se trata de uma porção de regrinhas: “faça isso”, “não faça aquilo”. Outras tentam ser crentes por esforço próprio. Para uma pessoa se tornar crente, Stanley, a única coisa que tem a fazer é deixar Deus transformar-lhe a vida. Por nós mesmos, nunca con-

seguimos obter a salvação; assim como não obtemos a vida física por nós mesmos. Deus é quem faz isso; mas ele só o faz se o permitirmos.

Certa vez, num sábado à noite, eu e Bud estávamos passeando na rua, como de costume. Era o tipo de programa para ir ver as moças. E com frequência as garotas bonitas me faziam olhar para trás. Mas, nesse dia, minha cabeça estava a mil quilômetros de distância de idéias românticas.

— Bud, disse eu, venho pensando muito ultimamente.

— É? Sobre o quê?

— Sobre religião. Sabe, as coisas que eles pregam na igreja...

Bud ficou em silêncio.

— Você não pensa nisso?

— Claro que penso.

Caminhamos mais uma meia quadra, ambos calados.

— Você ainda não resolveu quando vai se entregar?

— Não; mas pretendo, com certeza.

— Mas não basta apenas pretender.

— É, acho que sim, Stan.

Paramos para tomar um sorvete. Estávamos só os dois ali e podíamos conversar.

— Não sei o que você vai fazer, Bud, falei. Mas eu, amanhã à noite, na igreja, vou resolver logo esse negócio de salvação.

— Vai? indagou Bud, fitando-me um tanto admirado.

— E quero que você me ajude numa coisa.

— Bem, não vejo como poderia ajudá-lo.

— É simples, vai poder sim.

— O que é, então?

— Vamos nos sentar juntos, como sempre fazemos. Só que quero sentar-me na ponta, e você fica perto de mim. Assim que o pastor fizer o apelo para o povo ir à frente, quero que você me dê um empurrão.

— Você quer que eu faça o quê?

— Que me empurre para o corredor. Se você der um empurrãozinho, acho que conseguirei ir à frente.

A manhã de domingo raiou com uma beleza incomum. Fui à escola dominical, assisti ao culto, mas não ouvi quase nada do que foi dito. Meu pensamento estava fixo no culto evangélico. Eu queria mesmo fazer aquilo? Será que teria coragem de ir à frente?

À tarde, fui dar um longo passeio a pé.

Por que eu tinha que me expor publicamente? Por que não podia simplesmente falar com Deus, confessar que reconhecia meus pecados, minha carência espiritual, e depois pedir-lhe para operar em mim aquele negócio de salvação? Por que não poderia fazê-lo naquele momento mesmo, enquanto caminhava?

Mas era inútil argumentar comigo mesmo. Naquela época, a experiência de conversão estava diretamente relacionada com o ato de ir à frente, na igreja — pelo menos em nossa comunidade. E querer ser salvo, sem fazer isso, poderia ser considerado heresia. De todo modo, eu estava certo de que, se minha conversão ocorresse mesmo, teria que ser no altar. E talvez fosse assim que deveria ser mesmo: eu tinha que apelar para toda a minha coragem para fazer uma decisão pública.

Ao aproximar-se a hora do culto noturno, minha mente estava dominada por sensações contraditórias. Havia momentos em que eu ansiava pelo culto; em outros, ficava apavorado. Mas uma coisa era certa — eu tinha que ir àquele culto.

Eu e Bud chegamos pouco antes de o pastor anunciar o primeiro hino. Sentamo-nos quase na última fileira; eu na beirada, meu primo a meu lado.

Eu não saberia dizer sobre que o pastor pregou naquela noite. Quase não tinha a sensação de que estava dentro de uma igreja. Parecia mais que me achava como que suspenso no ar. Tinha a impressão de que o pregador havia-me escolhido para alvo de sua mira, dentre os demais presentes, como faz um caçador que se vê diante de um bando de gansos.

Foi uma sensação horrível.

Mas ao mesmo tempo transmitia segurança.

Pois Deus estava atendendo a oração simples daquele garoto de dez anos, que um dia tinha olhado para a lua que nascia em todo o seu esplendor, e murmurara: “Deus, quem é você? Gostaria de conhecê-lo.”

Deus é Deus. Que idéia reconfortante! Ele nos ama e quer que cheguemos a conhecê-lo e a amá-lo. Aquele que o buscar em sinceridade irá encontrá-lo, pois ele mesmo o trará a si, embora o leve a caminhar por estradas as mais diversas.

Afinal, o sermão chegou ao fim.

Olhei para minhas mãos; tremiam. Meu coração batia com força. Eu respirava ofegante, como se tivesse corrido.

O pastor, de maneira suave, tentava persuadir os ouvintes que, convictos de sua carência espiritual, titubeavam entre dar ou não o passo de fé que preencheria o vazio que sentiam. Suas palavras estavam impregnadas de graça e amor. Tive a forte impressão de que ele amava muito as pessoas como eu, e queria ajudá-las, queria orientá-las nesse difícil caminho da decisão espiritual.

A congregação se levantou para cantar o hino de apelo. Antes que Bud me desse o empurrão, saí para o corredor e caminhei resolutamente até o altar, e ali me ajoelhei.

Outros vieram; foi um bom número.

Depois, uma pessoa veio ajoelhar-se ao meu lado para fazer o aconselhamento. Mostrou-me todo o plano da salvação, passo a passo, nas páginas do Novo Testamento, da mesma forma que a Sr.^a Long já havia mostrado: “*Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus...*” (Rm 3.23); “*Cristo morreu pelos nossos pecados...*” (1 Co 15.3); “*Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo...*” (Rm 10.13).

— Ore a Deus, disse-me o conselheiro. Converse com ele da mesma forma como conversa comigo,

Stanley. Fale com suas próprias palavras. Diga a ele que reconhece sua carência espiritual e está disposto a deixar que ele a supra.

Fechei os olhos e inclinei a cabeça.

“Ó Deus, disse eu, sou pecador. Não posso conquistar eu mesmo minha salvação. E foi para isso que tu mandaste Jesus ao mundo, para que eu pudesse ser salvo. Neste momento, eu recebo Jesus como meu Salvador pessoal.”

Ergui a cabeça lentamente e abri os olhos.

— Que Deus o abençoe, Stanley, disse o conselheiro. Você fez essa oração com sinceridade?

Acenei que sim.

— Então, o que é que a Bíblia diz nesse caso? falou ele, abrindo em Romanos 10 e apontando o versículo 13.

“Todo aquele que invocar o nome do Senhor...” li rapidamente.

— Você o invocou?

— Sim.

— Então, o que aconteceu a você?

— Eu...

— Deus diz para o invocarmos. Você o invocou, não foi?

— Invoquei.

— Você foi sincero quando disse a Jesus que o estava recebendo?

— Fui, sim, senhor.

— Você não acha que Jesus ouviu sua oração?

— Espero que sim.

— Não é só esperar, Stanley, disse o homem bondosamente. Deus afirma claramente que se o invocarmos ele nos atenderá. Nossa segurança está nas palavras dele, e não no que esperamos nem no que sentimos. Deus não mente. Se você cumprir sua parte do acordo, ele cumprirá a dele. Você acredita nisso?

— Acredito.

— Então, o que aconteceu quando você invocou o nome dele agora?

— Ele... ele me ouviu.

— E você se tornou o quê?

— Eu...

— Se você invocou a Deus de coração sincero, pediu-lhe para salvá-lo de seus pecados, o que aconteceu?

— Eu me converti.

— E se converteu mesmo!

Ele estendeu a mão e eu estendi a minha. Ele apertou minha mão com efusão, e nos cumprimentamos.

Naquele momento, olhei para os outros que estavam ao meu redor no altar. Muitos choravam. Outros irradiavam grande felicidade ao se darem conta de sua conversão. Eu não experimentara nenhuma dessas emoções.

Sentia-me perturbado.

Algumas dúvidas penetraram fundo em meu coração, deixando-o sombrio.

4

É perfeitamente válido ter dúvidas sinceras.

A Bíblia nos diz para julgarmos "*todas as coisas*" e retermos "*o que é bom*" (1 Ts 5.21). A conversão verdadeira é como um imenso salto do finito para o infinito, embora entre um e outro a pessoa continue a ser essencialmente como era. Se era impaciente, continua sendo impaciente. Se tinha um gênio muito forte, continua tendo gênio forte. Ela retém todas as suas fraquezas de personalidade, sejam elas quais forem.

Mas ocorre uma grande mudança.

Pela presença do Espírito Santo em nós, Cristo começa a operar o processo de transformação. "*E assim, se alguém está em Cristo*", afirma a Bíblia, "*é nova criatura: as cousas antigas já passaram; eis que se fizeram novas.*" (2 Co 5.17.)

A pessoa começa a edificar sobre um novo alicerce.

Jesus Cristo.

Mas a Bíblia nos diz também para crescermos "*na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo*" (2 Pe 3.18).

Temos um alicerce.

E construímos nossa vida sobre esse alicerce.

É uma maravilhosa experiência de transformação que começa num segundo, e dura toda a nossa existência.

É verdade que minha fé cristã nunca foi uma experiência emocional. Sou mais aquele tipo de pessoa que prefere pegar uma idéia, analisá-la friamente, submetê-la a um teste, e, quando percebo que é verdadeira, creio nela; quando concluo que não o é, rejeito-a. É assim que Deus trata comigo. Mas as pessoas são diferentes entre si; Deus não as criou iguais. Estou convencido de que muitas pessoas se tornam espiritualmente desajustadas porque acham que ter fé é ajustar-se a certos padrões. Não percebem que, embora a fé em Cristo nos capacite a gozar do mais gratificante dos relacionamentos humanos, nunca foi intenção de Deus que todos os crentes fossem exatamente iguais.

Eu tive realmente muitas dúvidas no começo.

Uma coisa me incomodava — não ocorrera nenhuma mudança em minha personalidade, naqueles primeiros dias após a conversão. Contudo, eu sabia que tivera uma experiência. Tinha crido na Palavra de Deus. A Bíblia mostrava minha carência espiritual com grande firmeza, e proclamava que minha redenção só era possível através da vida, morte e ressurreição de Cristo, e afirmava que, simplesmente entregando minha vida a ele, com uma fé como de criança, eu me tornara filho de Deus.

O segredo de tudo é a Bíblia!

Nunca mais me esqueci das palavras que me disse o conselheiro naquela noite, no altar, quando me ajudou a tomar minha decisão: “Nossa segurança está na Palavra de Deus, e não em nossas esperanças, nem no que sentimos.” Todo o propósito da Bíblia é este: declarar aos homens as condições e provisões de Deus não apenas para se iniciar a vida em Cristo, mas para a continuação dela.

Como já mencionei com toda sinceridade, os primeiros momentos de minha experiência cristã foram cercados de frustrações e incertezas; mas assim que

comecei a estudar a Bíblia, essas dúvidas se dissiparam, e minha fé foi ganhando solidez.

Mas somente a Palavra de Deus pode dar-nos essa certeza, e promover nossa maturidade cristã.

A participação nas atividades da igreja também deve ter um papel importante na vida de todo crente. Quantas vezes, ouvindo um bom sermão, senti-me inspirado a buscar aspirações espirituais mais elevadas. E chego a ser até antiquado, pois creio que os adultos também deviam freqüentar assiduamente uma classe de escola dominical. Enquanto o crente não aprender a estudar bem a Bíblia, e não aprender a “garimpar” nela à procura de seus inesgotáveis tesouros, para sua inspiração, orientação e instrução, não poderá alcançar a maturidade espiritual.

Naturalmente eu estou ciente da grande corrente de questionamentos que cerca a Bíblia hoje em dia. Ela é a Palavra de Deus, ou simplesmente contém a Palavra de Deus? Será ela, quando muito, apenas o registro histórico das incessantes tentativas humanas de encontrar, fora de si mesmo, um sentido na vida? Sinceramente, não possuo nem a erudição necessária para participar de uma discussão dessas, nem tempo para isso. Também não quero dizer com isso que não possa haver debates em torno dela; claro que pode, desde que em sinceridade. Não creio que temos que aceitar cegamente todos os dogmas, embora a razão esteja em conflito com eles. Se a Bíblia é a Palavra viva de Deus, ela passa por qualquer teste de veracidade a que os homens desejem submetê-la.

Eu só posso dizer uma coisa — e o digo com toda certeza — desde o primeiro dia, após minha conversão, a Bíblia se tornou meu guia constante, e companheiro de todos os momentos. Nesses anos todos, tenho tido o costume de levantar-me cedo, antes dos demais membros da família, para passar meia hora ou uma hora, ou às vezes até mais, lendo a Bíblia, deixando que suas verdades permeiem minha mente.

A Bíblia afirma que *“a fé vem pela pregação, e a pregação pela palavra de Cristo”* (Rm 10.17). Em

outras palavras, isso quer dizer que ninguém pode gerar fé por meio de filosofias ou passes de mágica. Ela procede de uma única fonte, a Palavra de Deus.

Tenho certeza de que muitas das discussões que existem sobre a veracidade da Bíblia acabariam se os homens a examinassem com humildade, reconhecendo que precisam da luz de Deus, vendo nela a lâmpada para seus pés e a luz para seus caminhos, deixando que Deus os convencesse de seus erros, os purificasse e os inspirasse por meio de sua Palavra.

Perdoem-me se aparentemente estou transgredindo ideais teológicos, mas acho que Deus propositalmente dificultou as coisas para as mentes intelectuais, com respeito à sua aceitação da Bíblia como seu livro inspirado. A travessia do mar Vermelho, as experiências de Jonas, os milagres do Novo Testamento — todos esses fatos têm um efeito disciplinador sobre a busca da fé, fazendo-nos ir a Deus com humildade, com uma admiração infantil, reconhecendo que ele é Deus, e que não há nada impossível para ele.

Mas deixemos essa controvérsia teológica para outros. Gostaria de sugerir ao leitor um melhor proveito do estudo bíblico, que tem sido de grande importância para mim.

É muito importante ler e estudar a Bíblia. Mas é possível uma pessoa lê-la muito e mesmo assim não captar a verdadeira razão por que Deus preparou para nós essa exposição de seus pensamentos e seu coração. O segredo para se descobrir a inspiração contida no ilimitado reservatório das páginas da Bíblia é a meditação. Muitas vezes, fico uma hora meditando sobre um versículo da Palavra de Deus, às vezes sobre uma frase ou mesmo uma palavra. Sempre peço a Deus que me mostre claramente o sentido daquela preciosidade; não o sentido teológico, nem o doutrinário, mas a importância de sua aplicação à minha vida. O que esse texto me diz em termos de orientação? Será que está apontando uma fraqueza de minha personalidade que necessita ser corrigida? Será ela uma espécie de vitrine espiritual através da qual eu

possa visualizar a grandeza do Senhor numa medida nunca vista antes por mim?

A meditação amplia o significado da Bíblia para o crente; pela meditação, ela ganha relevância interior. Assim, a Palavra de Deus não apenas me forneceu um terreno sólido onde minha fé pôde se firmar, mas também operou transformações surpreendentes em minha vida.

Minha tendência negativa tomou direção positiva. Tornei-me mais extrovertido, mais seguro, mais consciente do propósito de Deus para a vida. As promessas bíblicas passaram a fazer parte de minha mentalidade.

"Nenhum bem sonega aos que andam retamente." (Sl 84.11.) *"Invoca-me, e te responderei; anunciar-te-ei cousas grandes e ocultas que não sabes."* (Jr 33.3.) *"E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades."* (Fp 4.19.)

Essas preciosas promessas levaram-me a comprovar para mim, pessoalmente, que Deus não apenas deseja colocar-se em nosso caminho, mas também quer caminhar ao nosso lado.

Comecei a buscar de Deus a solução para problemas simples: fazer o carro pegar, numa manhã fria; enviar-me bons contratos de venda; mostrar-me o que fazer para que o dinheiro que entrava desse para as despesas e, ao mesmo tempo, para ir expandindo aos poucos meu potencial de mercado. A essa altura, eu já havia começado minhas primeiras explorações no negócio da prata, e os problemas que encontrei serviram para submeter a provas a resistência de minha recente fé. É exercitando nossa fé que a conservamos; e exercitá-la é afastar a incredulidade que tão frequentemente impede a intervenção de Deus na vida de seus filhos.

E tive que exercitar fé muitas vezes, enquanto lutava para aprender a arte de caminhar com Deus diariamente. Certa vez fiz uma viagem ao sul de Ohio e Kentucky, com vendas muito fracas. Então resolvi

voltar para casa. Em Athens, Ohio, completei o combustível do carro, e me restaram apenas setenta e oito centavos de dólar. E foi bastante desanimado que peguei a rodovia para voltar, mas satisfeito de ainda ter gasolina suficiente para chegar a Lima.

Tinha rodado cerca de quinze quilômetros quando o motor começou a fazer um barulho muito forte. Diminuí bem a marcha, e consegui levar o carro até a cidadezinha próxima, parando numa oficina.

— É, disse o mecânico, o problema é no motor. Não estou com muito serviço hoje, e posso consertar para você.

— Em quanto vai ficar? perguntei meio temeroso.

— Ah, vamos ver.

Ele olhou para o motor, com os lábios apertados. Parecia um sujeito simpático, mas, logicamente, quando se tratava de negócios, não poderia fazer caridade.

— Dez dólares, está bom?

Senti um aperto no coração.

Ó Deus, orei silenciosamente, o que é que vou fazer? Não tenho os dez dólares.

— O dinheiro está meio curto? indagou o homem. Acenei que sim.

— Onde você mora?

— Lima.

Ele abanou a cabeça.

— Não, disse, não posso estender crédito para alguém que mora tão longe. Pode ser até que você seja honesto como um pastor, mas, para dizer a verdade, fiz um serviço para um pastor, e ele ficou me devendo uma boa quantia.

“Meu Deus... há de suprir em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades.” (Fp 4.19.)

A promessa me veio logo à mente, em resposta à minha constante dependência da Bíblia como fonte de fé. Reivindiquei seu cumprimento com uma afirmação silenciosa, e recebi em meu coração a certeza de que Deus, de alguma forma, iria resolver tudo.

E resolveu.

— Quanto você tem aí? indagou o mecânico.

Disse-lhe quanto tinha.

Pelo seu jeito, ficou claro que ele tinha pensado em propor alguma forma de pagamento, mas minha situação financeira não dava margem para qualquer “jeitinho”. Olhando-me meio chateado, meio com pena, ele se virou e começou a afastar-se.

Ó Deus, por favor! orei.

De repente, ele se voltou para mim de novo e, apontando um local à frente, disse:

— Está vendo aquela escola no alto daquele morro? Eles têm um curso de mecânica ali, e os alunos trabalham em carros e não cobram nada. No começo, isso prejudicou um pouco a oficina aqui, mas depois o pessoal viu que o serviço não era muito confiável, e nem se poderia esperar que o fosse. Mas eles podem consertar seu carro, e vai dar para você chegar a Lima, tenho certeza.

Algumas horas depois eu estava a caminho de casa outra vez.

Lembro-me de certa ocasião em que cheguei a uma loja, precisando muito fazer uma boa venda. Coloquei meu mostruário no balcão. A princípio, o proprietário pareceu interessado, e pensei que iria fazer um pedido. Mas, de repente, ele disse: “Não”, e assumiu uma atitude que dava a entender que queria que eu saísse dali o mais depressa possível. Senti-me muito frustrado. Trabalhava exclusivamente com laboratórios de fotografos e de raios-X, o que significava que em qualquer cidade a perspectiva de venda era bastante reduzida, e aquela loja era uma espécie de última esperança. Contudo, embora eu estivesse precisando muito efetuar uma boa venda, senti uma grande paz em meu coração. Deus tinha conhecimento de minhas necessidades. Ele não me esquecera. *“Todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus”* (Rm 8.28), é a promessa dele. Então sorri, despedi-me do homem e me virei para sair.

— Espere aí, rapaz, gritou ele.

Parei à porta.

— Volte aqui.

Voltei ao balcão.

— Ando meio cansado de vendedores, disse ele. Primeiro, eles ficam a adular a gente; depois, se a gente não compra, viram bicho. Eu já estou cheio disso. Para dizer a verdade, gostei da sua idéia, mas é que ando saturado de vendedores. Mas você parece ser diferente; você tem alguma coisa de diferente.

E ele acabou-se tornando um de meus melhores clientes.

Além do meu trabalho de passar em fotos, arranjei um “bico”, comprando negativos velhos. Toda vez que uma pessoa tira uma fotografia, o fotógrafo guarda o negativo, na perspectiva de que mais tarde o freguês volte a pedir cópias dela. Esses negativos ficam arquivados por mais ou menos cinco anos; após esse tempo, o fotógrafo supõe que a pessoa não tem mais interesse naquela foto, e joga fora os negativos. Comecei a recolher esses negativos velhos, passando-os para uma firma em Valparaíso, Indiana, onde eles removiam a emulsão do negativo e, em seguida, recortavam e vendiam o celulóide para fabricantes de carteiras, para serem usados como capas de portadocumentos.

Isso era um excelente bico em minhas viagens de vendas, já que muitas vezes cobria os gastos de óleo e combustível.

Numa dessas ocasiões, quando eu estava com as finanças meio baixas, dirigia-me certa vez para casa pela rodovia U.S. 30, para que pudesse passar por Valparaíso com negativos no valor de oitenta dólares, que naquela época não era pouco dinheiro.

Cheguei à firma de restauração de filmes e entreguei no depósito os que havia conseguido; recebi uma papeleta, e fui ao escritório pegar o dinheiro.

— Nós o enviaremos para você, disse a moça ali.

— Gostaria de recebê-lo agora, falei.

— Sinto muito, retrucou, mas o patrão viajou, e não há ninguém aqui que possa assinar o cheque.

— Olha, estou completamente sem dinheiro!

— É uma pena, falou ela, mas sem a mínima expressão de dó.

Aguardei uns instantes, e ela voltou ao seu trabalho. Saí para a rua. Na verdade eu não estava completamente sem dinheiro. Tinha exatamente treze centavos de dólar no bolso, e o tanque do carro ainda tinha uns sete litros de gasolina. Achava-me a uns duzentos e setenta quilômetros de Lima. Poderia deixar meu carro nessa cidade, e voltar de carona para casa, mas isso significaria que, quando arranjasse o dinheiro, teria que fazer todo o trajeto outra vez.

Fiz uma oração rápida, pedindo a orientação de Deus.

Sentia um forte desejo de partir logo para casa. Entrei no carro, rodei algumas quadras, e olhei para o marcador de gasolina. Parecia tolice querer continuar. Então, parei a um lado da rua e inclinei a cabeça sobre o volante e orei de novo. Senti outra vez a convicção de que deveria continuar rodando. “Mas, Senhor”, retruquei, “tenho apenas uns sete litros de gasolina, e treze centavos no bolso.”

A convicção continuava.

Do outro lado da rua havia uma lanchonete. Nessa época um hambúrguer custava cinco centavos. Resolvi comer alguma coisa. Depois de um hambúrguer e um copo de água, restaram-me oito centavos.

Meio relutante, rodei até um posto de gasolina.

— Olhe aqui, comecei meio sem jeito, será que, é... você não me venderia oito centavos de gasolina não, não é?

O rapaz olhou para mim intrigado, provavelmente pensando que eu estava meio bêbedo.

— Só tenho oito centavos, expliquei, na esperança de que ele oferecesse me vender a crédito.

— Bom, replicou ele falando lentamente, se você só tem isso, acho que só posso lhe vender isso.

Pegou a ponta da bomba e introduziu no bocal do tanque, deixando cair ali exatamente oito centavos de gasolina; nem uma gota a mais.

Pouco depois que havia dirigido uma pequena

distância, a noite caiu totalmente. Fiquei pensando muito, tentando descobrir uma fórmula para calcular daí a quanto tempo o combustível se esgotaria; pensando se devia parar, mas ainda com a convicção de que deveria seguir, convicção que me viera depois de orar pedindo orientação a Deus.

Numa das curvas da estrada, o farol iluminou a figura de um rapaz mais ou menos de minha idade, que pedia carona. Eu nunca dava carona. Certa vez meu pai fora assaltado por andarilhos. Os jornais estavam sempre cheios de casos de pessoas que tinham sido assassinadas por indivíduos a quem tinham dado carona. Então eu resolvera nunca me expor a correr esse risco.

Entretanto, obedecendo a um estranho impulso, saí para o acostamento, e freiei o carro um pouco adiante de onde ele estava.

— Oi, cara, exclamou ele enquanto se sentava a meu lado, muito obrigado. Um fazendeiro me deixou aqui, no meio da estrada, há várias horas. Eu já estava desistindo de pedir carona. Já achava que ia ter de caminhar até a outra cidade.

Engrenei a primeira marcha com muito cuidado, e fui soltando o pedal da embreagem e pressionando o acelerador. Estava resolvido a conseguir a melhor quilometragem possível do pouco combustível de que dispunha.

— Até onde você vai? indagou meu companheiro.

— Não sei ao certo, repliquei, com os olhos no marcador de gasolina. Até onde você vai?

— Eu moro em Marion, Ohio.

— Fica logo depois de Lima.

— Isso. Vai até lá?

— Eu moro em Lima.

— Então é para lá que você está indo?

Expliquei-lhe meu problema.

— Olhe aqui, disse ele rindo, não sou um vagabundo de estrada. Tenho um bom emprego, mas como o dinheiro ainda está meio escasso, tento economizar do jeito que posso. Há alguns dias resolvi tirar

umas férias e fui para Chicago, só pedindo carona. Agora estou voltando para Marion. Mas eu tenho um pouco de dinheiro. Vamos parar no primeiro posto e colocar gasolina para chegar até Lima.

Murmurei uma oração de agradecimento a Deus.

E hoje, muitas vezes quando estou na Rodovia 30, em direção a Chicago, gosto de parar naquele mesmo posto de Valparaíso, abrir o vidro do carro, respirar fundo e dizer: "Complete o tanque!"

No que me diz respeito, nunca poderia considerar experiências iguais a esta como simples coincidência, pois ocorreram com muita frequência. Nos momentos de dificuldade — fosse qual fosse a dificuldade — Deus sempre intervia, agindo a meu favor. Ele é assim, um amigo pessoal, íntimo, interessado em mim, e não um distante ser celestial. Ele sabe o número de cabelos que há em nossa cabeça. Nem a queda de um pardal escapa ao seu conhecimento. Ele veste os lírios do campo, faz a grama crescer, mas sua maior preocupação é cercar de bênçãos e orientação a cada um de seus filhos. Por isso, conhecer a Deus, caminhar ao lado dele diariamente e esperar sempre sua orientação passaram a ser coisas fundamentais para mim.

Mas eu era novato nas coisas de Deus.

E ainda o sou.

A experiência cristã plena constitui-se de três partes, como um triângulo: leitura da Bíblia, comunhão com Deus em oração e testemunho de nossa fé a outros. Nas duas primeiras dimensões eu já tinha começado a amadurecer, mas de certa forma negligenciara a terceira. Não que tivesse ficado totalmente calado a respeito de minha fé, não; tinha dado alguns testemunhos. Mas meu maior gozo era ver Deus suprir minhas necessidades materiais, solucionar meus problemas e ajudar-me a superar obstáculos nas vendas.

Por vezes, no meu trabalho de vendedor, me sobrevinha um certo sentimento de culpa por utilizar a lisonja como uma estratégia de venda. Sempre

procurava ser agradável com os clientes, mesmo que não fizessem um pedido. Muitas vezes, tive de tratar com homens de vida suja, e sentia no coração o desejo de falar-lhes sobre o encontro que poderiam ter com Jesus Cristo e que iria transformar-lhes a vida. Contudo, na maioria das vezes, não disse nada. Parecia-me que, pregar para uma pessoa, dizendo-lhe que era pecadora e que sem a graça de Deus ela estava caminhando na direção do inferno, não combinava bem com minha profissão de vendedor.

E o que eu desejava acima de tudo, com toda a minha força de vontade e esforço, era tornar-me um vendedor de sucesso.

Vez por outra, quando os negócios iam bem, eu me identificava como membro de igreja. Eu amava minha igreja, recebia muitas bênçãos ali, e sempre me esforçava para estar em Lima aos domingos a fim de assistir aos cultos pela manhã e à noite. Mas, a bem da verdade, eu não poderia ser considerado uma testemunha eficiente.

E isso me perturbava.

Tenho conhecido muitos crentes nesses anos todos. E sempre que conversávamos sobre a questão do testemunho, esses meus irmãos na fé comentavam como desejariam testemunhar de sua fé em Cristo, mas que o faziam raramente e com pouca eficiência. Vez por outra se encontra um crente mais insensível com relação a isso, mas a maior parte se sente sob o peso da culpa, por não obedecer devidamente à ordem de Cristo.

Era o meu caso.

Tinha um desejo muito forte de vencer nos negócios. O mais importante jogo da vida era ganhar dinheiro, e eu queria ser o artilheiro desse jogo. Eu dormia pensando em melhores técnicas de venda, sonhava com as vendas e acordava no outro dia com a cabeça cheia de idéias novas para expandir meu mercado.

Embora estivesse sempre consciente de minha fé e de sua importância para minha vida, meus negócios

vinham em primeiro lugar. E quando orava, sempre estava pedindo as bênçãos de Deus para minhas visitas aos clientes.

Com meu anseio de expandir minha área de vendas, comecei a planejar viagens a lugares que ficavam fora dos limites da área onde costumava atuar. É típico de um vendedor achar que “o capim do outro lado da cerca é mais verde”. Numa das primeiras incursões que fiz cheguei até Iowa, Nebraska e Dakota do Sul, onde pretendia tentar ganhar novos fregueses.

Eu já sabia que, num país grande como os Estados Unidos, cada região possui suas características peculiares. Frases que eu empregava em Ohio, Indiana e Kentucky, e que tinham dado bons resultados nas vendas, não causavam o menor impacto em outros lugares, à medida que avançava para o Oeste.

Certa vez, cheguei a uma cidadezinha à noite, numa ocasião em que me sentia arrasado pelo desânimo. Registrei-me num hotel e fui para o quarto. Ali, sozinho, ajoelhei-me ao lado da cama, o rosto apoiado nas mãos.

“Senhor”, orei, “estou com problemas sérios. Já estou na estrada há oito dias e ainda não ganhei nem para as despesas. Essas pessoas não estão entendendo bem o que digo. E está fazendo tanto frio que todo dia tenho que pagar alguém para ajudar-me a empurrar o carro. Preciso efetuar algumas vendas. Por favor, auxilia-me, Senhor.”

Permaneci ajoelhado durante algum tempo, aguardando. Acho que estava esperando que Deus me envolvesse com seu amor e seu senso de segurança. Mas o que me pareceu ouvi-lo dizer foi o seguinte: “Espere um pouco, Stanley. Nosso acordo é bilateral. Você quer que eu o abençoe em suas visitas aos clientes, e sabe que venho fazendo isso. Mas para que vou abençoá-lo mais? Você não faz nada para mim.”

Eu não fazia nada para Deus?

Que absurdo!

Eu não ia à igreja todos os domingos? Não lia a

Bíblia fielmente? Não estava sempre consultando-o acerca das decisões a serem tomadas, e tendo o cuidado de agradecer a ele pelas bênçãos que recebia?

Mas quanto mais eu pensava no assunto, mais forte se tornava a mensagem dele. Meu relacionamento com Deus fora, em grande parte, como uma rua de mão única. Não se pode dizer que ler a Bíblia, ir à igreja e ali receber inspiração para ter uma vida mais rica, e ter o privilégio de orar sempre que necessitasse do auxílio divino fosse prestar um serviço a Deus.

Naquela noite fiz uma auto-análise bem sincera, e não gostei do que vi em mim mesmo. Estava-me esforçando cada vez mais em meus negócios. Eu mesmo estava-me sujeitando a pressões. Desejava ardentemente triunfar na vida. Meus parentes e amigos estavam sempre de olho em mim. Queria impressioná-los, mostrar minha capacidade de superar minha timidez e deficiências pessoais tornando-me um exemplo brilhante de um rapaz dali mesmo, que vence na vida.

Confessei a Deus meu egoísmo, meu temor, ali naquele quarto de hotel, e o ambiente se tornou um santuário para mim. “Quero consagrar-me inteiramente a ti”, disse ao Senhor. “De hoje em diante, minha vida é toda tua. Entra em meu coração e assume o controle de tudo. Tudo que me pedires para fazer, seja lá o que for, fá-lo-ei da melhor maneira que puder. E vou buscar em ti o poder e a orientação de que preciso para fazer o que me ordenares.”

Levantei-me e me pus a caminhar pelo quarto. Em meu coração, havia uma sensação nova, uma leveza de espírito. Deus me fizera dar um passo importante em meu processo de desenvolvimento espiritual: o passo da obediência.

Obediência!

Meu desejo é que essa palavra ocupe o centro de toda a minha vivência. A Bíblia nos diz: *creia e obedeça*. É um conceito muito simples, mas que possui implicações profundas. E o primeiro passo a

ser dado em obediência é nos submetemos à sabedoria e à vontade de Deus.

Assim que damos esse passo, Deus começa a pedir que pratiquemos atos que comprovem nossa determinação de obedecer. Há ocasiões em que as coisas que ele pede de nós parecerão temeridades. Na maioria das vezes ele nos pede para fazer coisas que são opostas à nossa vontade e às nossas idéias preconcebidas, pois é assim que ele nos leva a depender totalmente dele.

No meu caso a ordem foi testemunhar.

“Mas como, Senhor?” orei. “Tu sabes que viro uma matraca quando tenho que promover um dos meus produtos, mas perco a língua quando penso em dizer às pessoas que estão perdidas, e que podem encontrar a salvação em Jesus Cristo.”

Achei que Deus estava apenas me submetendo a uma prova, como fizera com Abraão, quando lhe pediu para sacrificar Isaque. Ele sabia de minha falta de jeito. É claro que não iria querer que eu envergonhasse seu nome com minha inépcia para falar de minha fé.

Mas Deus não pede que tenhamos um desempenho superior à nossa capacidade, a não ser que nos dê o poder necessário para superarmos a nós mesmos. Ele sabia de minha timidez, de minha falta de habilidade. E eu tinha alguns folhetos que recebera na igreja; estavam dentro da Bíblia. Eram folhetos muito bem impressos, e bem diferentes de outros que eu já vira, que apresentavam borrões na impressão. Provavelmente tinham sido confeccionados com a melhor das intenções, mas na verdade não faziam justiça às maravilhosas realidades da vida espiritual que eu estava experimentando. Eu havia ficado bem impressionado com os nossos folhetos, que eram bem feitos, e por isso colocara alguns em minha Bíblia.

Ali estava um modo pelo qual eu poderia testemunhar. Poderia arranjar alguns folhetos bem feitos, bem escritos, e distribuí-los às pessoas que encontrasse em minhas viagens. E foi assim que iniciei essa

forma de testemunhar que uso até hoje. Ah, eu compreendo que muitos não vêem com bons olhos o trabalho com folhetos evangelísticos. Mas, se utilizamos impressos para fazer publicidade de bons produtos, por que não empregamos o mesmo método para divulgarmos esse dom gratuito de Deus, que é a salvação em Cristo Jesus?

Mas seja qual for nossa posição nesse caso, o fato é que, quando Jesus estava no monte das Oliveiras, momentos antes de ascender aos céus, suas últimas palavras foram: "*Sereis minhas testemunhas.*" (At 1.8.)

E ele ainda não anulou essa ordem. O crente que evita testemunhar está desobedecendo a ele.

5

Já mencionei que meu bisavô participou da “corrida do ouro” de 1849. Mas não irei apelar para a influência genética, e afirmar que esse fato constituiu a base de meu interesse pela exploração da prata. Na verdade, se o velho MacBeth viesse a saber como esse descendente dele opera a prospecção desse metal, talvez até se negasse a ter alguma coisa a ver conosco.

Mas quando digo isso, que ninguém venha a pensar que usei de meios ilícitos para promover minha ascensão no mundo dos negócios. Não faço nada de ilegal sob nenhum aspecto. Mas confesso que o modo como exploro a prata possui facetas que inegavelmente fogem ao convencional.

O fato de em minha infância ter conhecido a recessão econômica tem muita coisa a ver com isso.

Vi meus pais sofrerem debaixo da impiedosa carestia financeira que assolou o país. Foi horrível ver todos aqueles anos de trabalho árduo para pagar a fazenda evaporarem-se no ar; era como ver um homem forte ir perdendo as energias pouco a pouco. Formou-se em mim, então, uma forte resistência à idéia de trabalhar com a terra ou de fazer altas despesas para se manter um estoque. Queria comprar

na baixa e vender na alta. Queria retornos rápidos e lucros altos; isso estava em meu sangue.

Fora isso que me levara a criar minha firma “Tam-o-Shanter”, que já mencionei, e que teve curta duração, quando recolhia nos postos de gasolina o óleo usado e tentava refiná-lo de novo. Foi por isso também que trabalhei recolhendo velhos negativos de fotos, que vendia para aquela firma de Valparaíso.

Foi por isso também que entrei nesse negócio de reaproveitamento de prata.

Eu continuava consultando as revistas em busca de ofertas de negócios do tipo “enriqueça rapidamente”, procurando informações sobre possíveis oportunidades de ganhos. Em 1932, dei com uma notícia muito interessante, que despertou minha imaginação e me convenceu de que finalmente encontrara a placa sinalizadora que me indicava meu futuro na vida.

Pelo que dizia a nota, a companhia Eastman Kodak utilizava cerca de dezesseis toneladas de prata por semana, na manufatura da emulsão usada nos filmes. Mas, quando o negativo era colocado no recipiente com fixador, cerca de oitenta por cento dela eram removidos pelo processo de lavagem. Parecia incrível! Quase treze toneladas de prata eram desperdiçadas semanalmente!

E tinha mais.

Um homem de Cleveland, um inventor, conseguira desenvolver um aparelho para obter o reaproveitamento desse material, mas ao que parecia não estava conseguindo convencer os laboratórios fotográficos a colaborar com ele para aproveitar essa prata.

Tinha que acontecer. Ali estava a oportunidade de se ganharem milhares de dólares com a recuperação da prata. Havia um inventor com a solução para o problema, mas não conseguindo “vender” sua idéia. E depois havia eu, Stanley Tam, destinado a triunfar na arte de vender, ansioso para encontrar um produto que fosse uma mina.

Mas nessa ocasião eu era ainda bem jovem, e sabia que não tinha o tino comercial necessário para assu-

mir um desafio desses. Guardei o recorte, juntamente com outros, mas nunca me esqueci de todo dele. Estava sempre dando uma olhada no artigo, relendo aquela notícia.

Em 1936, chegando à madura idade de vinte anos, resolvi estudar a questão. Planejei uma viagem a Cleveland.

— Sr. Aukerman, disse ao inventor após a saudação inicial, vim aqui para ajudá-lo a colocar seu coletor de prata em todos os laboratórios fotográficos desse país.

— Ora, rapaz, retrucou ele, então entre!

— É claro que minha oferta só estará de pé se constatar que o aparelho funciona mesmo.

— Ah, funciona.

— Será que poderia fazer uma demonstração?

— Não precisa ter a menor dúvida, insistiu ele. Estou aperfeiçoando meu invento há vários anos. Já estudei bem todas as complicações possíveis e tenho certeza de que ele supera todos os problemas que possam existir. Esse aparelho é a solução para uma das maiores falhas da indústria americana hoje.

Ele me pareceu demasiadamente entusiasmado. Fiquei na dúvida.

— Como é que ele funciona? indaguei.

O homem foi buscar uma caixa que parecia já ter sido aberta e fechada muitas vezes no passado, mas recentemente estava praticamente intocada. Dela ele retirou o protótipo de seu invento.

— Não é muito grande, comentei.

— É, fiz assim de propósito, explicou ele. Se fosse muito grande os fotógrafos não poderiam utilizá-lo.

— Está em condições de ser usado agora?

— Bom...

— Quando foi que o criou?

— Já faz um bom tempo. Foi lá por volta de 1918.

Senti meu coração apertar-se. Devia haver alguma coisa errada ali. Mas depois olhei para o Sr. Aukerman. Parecia ser um sujeito honesto. Era pos-

sível que aquele invento dele realmente viesse a render muito dinheiro, e ele apenas não conseguira colocá-lo no mercado. Orei silenciosamente a Deus, agradecendo-lhe por haver-me encaminhado àquele homem, e senti uma grande paz interior.

— Está vendo aqui dentro? disse o Sr. Aukerman virando o aparelho para o meu lado. Aqui há uma pilha. Está vendo as placas negativa e positiva?

— Estou.

— Imerge-se o aparelho na solução fixadora, as placas ficam ativadas, e a eletricidade que é gerada aí atrai a prata para as placas. Depois você remove essas placas, e as substitui por outras; leva a prata para uma fundidora e faz o refinamento dela.

— Que quantidade de prata uma unidade dessas pode coletar?

— Calculo que o equivalente a vinte dólares, explicou ele. Digamos uns dezessete ou dezoito, se estiver funcionando bem.

— E quanto tempo ela levaria para coletar essa quantidade?

— Bom, é claro que isso vai depender do volume de trabalho do laboratório, do número de negativos que eles revelarem. Eu diria que uma unidade dessas estaria saturada num período entre três e seis meses.

— Só mais uma pergunta, Sr. Aukerman. Em quanto ficará a produção dessas unidades?

— Como você vê, elas são muito simples. Eu calculo que um rapaz empreendedor como você poderia montar uma produção em massa e assim não lhe custariam mais que três ou quatro dólares; talvez até menos que isso.

Minha cabeça começou a girar a mil por hora.

Dezesseis toneladas de prata eram utilizadas semanalmente, e oitenta por cento dela eram perdidas, na verdade, jogadas fora. Se começasse com cerca de cem unidades, ao custo de cinco dólares cada, e rendendo mais ou menos quinze, daria um lucro líquido de dez a doze mil dólares. Mil unidades dessas

dariam um lucro de mais de cem mil dólares, e cada laboratório iria utilizar duas delas por ano, no mínimo. Eu poderia ficar rico dentro do período de um ano!

— O senhor já registrou o invento? indaguei cauteloso.

— Claro.

— A patente está à venda?

— À venda, não, Sr. Tam, mas posso assinar um contrato com o senhor para receber *royalties*. Ah, mas eu sou realista. Sei que não vai ser muito fácil colocar o aparelho nas mãos dos fotógrafos. Não vou pedir muito dinheiro.

— Além disso, contrapus, já faz mais de quinze anos que o senhor criou esse aparelho.

Em seguida elaboramos um contrato, cujos termos acabaram sendo melhores do que eu esperava.

E foi assim que, com a idade de vinte e um anos, Stanley Tam já se via caminhando na estrada de um estrondoso sucesso.

O que eu não sabia era que os fotógrafos, na sua maioria, são como artistas. Eles dão muito valor ao seu trabalho. Aham que não pode haver nada mais importante do que uma fotografia feita com criatividade, com uma exposição exata e uma cópia bem feita. Não têm grande interesse em negócios secundários e menos ainda por algo que poderia implicar em depreciação de seus objetivos artísticos.

Mas foi com um entusiasmo esfusante que voltei a Lima, portando a permissão do Sr. Aukerman para fabricar seu coletor de prata. E pouco depois já tinha manufaturado vários deles. Depois, muito confiante, saí para visitar os estúdios fotográficos. Mas, se tivesse seguido meus primeiros impulsos, provavelmente ainda estaria vendendo aparelhos eletrodomésticos hoje. A reação dos fotógrafos era tipicamente negativa.

— Não, meu rapaz. Não estou interessado em perder tempo com esse seu brinquedinho aí. É que não quero mesmo me envolver com nenhuma atividade extra.

— Mas vai render muito dinheiro para mim e para o senhor, argumentava eu.

— Mas será que não vai sujar a solução?

— Como é que pode?

— É o que estou-lhe perguntando.

Houve alguns técnicos de laboratório fotográfico que resolveram experimentar o coletor, mas não souberam lidar com ele da maneira certa. Outros retiravam-no da solução e esqueciam de recolocá-lo. Em alguns casos, o aparelho nem funcionou.

Minha sonhada mina de ouro ameaçava transformar-se numa imensa bolha de sabão.

Mais tarde, vim a descobrir que alguns fotógrafos só me recebiam porque eu me tornara a piada do momento. Assim que eu entrava, eles caçoavam.

— Hey-ô, Silver! * gritavam. Como vai indo? E como está o Tonto, aquele índio amigo seu?

E em seguida alguém começava a trautear as notas iniciais do prefixo musical do seriado Cavaleiro Solitário.

— Esse aí é o Cavaleiro Solitário? gritou um dia uma garota, mascando chicletes. Mas ele nem está de máscara.

Se não fosse por duas razões, eu teria desistido. A primeira é que sou muito teimoso, e não desisto facilmente das coisas. E a segunda, num bom número de laboratórios as unidades estavam funcionando exatamente como era previsto. Tive que enfrentar o problema de ensinar aos técnicos de laboratório como se usava o aparelho de reaproveitamento da prata, e de convencê-los, superada a fase da brincadeira e dos desacertos, a ver no meu “coletor de prata Tamco” um valioso acréscimo à sua empresa.

Era um trabalho que exigia paciência.

Às vezes eu passava uma semana ou mais confeccionando eu mesmo os aparelhos, num trabalho

* Silver, em inglês, prata, é o nome do cavalo do Cavaleiro Solitário. N.T.

penoso. Depois colocava todos no carro e ficava viajando durante uma ou duas semanas, vendendo-os. Na verdade, não os vendia. Pagava uma pequena taxa para instalar as unidades nos laboratórios e ainda oferecia uma porcentagem sobre a prata recolhida.

Havia apenas um problema.

O Sr. Auckerman não me informara que havia assinado contratos, anteriormente, com quatro pessoas — mas não lhe tenho mágoa por isso — e os quatro tinham falido. Mas eu calculava que essas pessoas, provavelmente, haviam fracassado por não serem bons vendedores. Estava claro que o sucesso da idéia, ou o fracasso dela, dependia das vendas do produto. Então, continuei firme, decidido a triunfar nesse negócio.

É claro que eu não contava com capital. Meu pai havia arriscado cem dólares para eu iniciar a empreitada; tinha meu carro; e era só.

Tentei conservar o otimismo. Estava conseguindo entrar em contato com laboratórios que estavam aceitando meus coletores Tamco, e, nesse sentido, eu estava avançando um pouco. Mas a distribuição de um produto é sempre mais custosa que a fabricação dele. Também é sempre mais incerta. E sempre que eu tinha ocasião de me sentar e calcular os custos e a receita do projeto, me via diante de uma realidade que me deixava pensativo.

Inevitavelmente, chegou o dia de acertar as coisas. As contas a pagar iam chegando, devagar, mas chegavam, e um dia tive que parar e encarar os fatos. A renda crescera também, mas muito pouco, e eu não estava conseguindo ficar em dia com as obrigações próprias de uma empresa nova.

Nunca me esquecerei desse momento de abertura. Estava trabalhando muito, confeccionando meus coletores Tamco, telefonando para laboratórios fotográficos desde bem cedo pela manhã até tarde da noite, até a hora em que ainda houvesse alguém lá para atender. Mas sabia que a situação estava precária.

Para economizar um pouco nos custos, eu estivera trabalhando em Ohio, indo a Bellefontaine, Springfield e Dayton; passava por Xenia e London, e de lá para Columbus. E foi nesta última cidade que tive de encarar minha situação de frente. Eu não tinha condições para colocar anúncios em revistas especializadas. Contava apenas com as mãos e a boca para tocar meu negócio. Às vezes, as metas que eu me propunha pela manhã, não conseguia alcançar no decorrer do dia. Aí sentia-me derrotado.

Resolvi parar.

Desalentado pela frustração, ajuntei meus poucos pertences, e voltei para casa. Iria arranjar um emprego ou voltaria a vender como antes. Uma coisa era certa, não queria nunca mais me estabelecer num tipo de negócio assim.

“Por que, Senhor?” orei, quando seguia para casa. “Por quê?”

E foi então que aconteceu um fato incrível. Ainda na saída de Columbus, pareceu-me ouvir Deus dizer: “Stanley, isso não tem necessariamente que fracassar. Você não tem que falir.”

Fiquei espantado. A voz de Deus parecia falar-me de forma inconfundível.

“O Senhor está vendo o que aconteceu, meu Deus”, repliquei. “Não vai dar mesmo para mim. Agora, se eu tivesse capital...”

“Você não precisa preocupar-se com a falta de dinheiro, Stanley”, dizia aquela voz interior. “Você só precisa ter fé em mim.”

“E eu tenho, Senhor.”

“Tem fé para entregar seus negócios para mim? Para deixar que eu passe a controlar tudo?”

Uma sensação tomou conta de mim, um misto de admiração e respeito. Eu encarava com muita seriedade minha experiência espiritual. Queria Deus em primeiro lugar em todas as coisas da minha vida. Mas a idéia de entregar a ele meus negócios, deixando que ele dirigisse tudo, era inteiramente nova.

Mas espere aí!

Será que Deus falara realmente comigo? Ou será que eu me achava tão esgotado por causa dos problemas que estava com os nervos abalados, e começando a imaginar coisas? Era certo que eu me sentia muito decepcionado por não ter conseguido sucesso com a Tamco. Mas talvez estivesse com o orgulho ferido. Talvez estivesse apenas querendo me poupar constrangimentos. Seria muito mais feliz se abandonasse de uma vez por todas essa idéia de ter meu próprio negócio.

“Lembra-se daquela promessa?” ouvi novamente a mesma voz interior. *“E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir em Cristo Jesus cada uma de vossas necessidades.”* (Fp 4.19.) A promessa não mudou. Você pode apropriar-se dela, se quiser. Entregue-me seus negócios. Deixe-me tomar conta de tudo. Deixe-me suprir as suas necessidades. Você não crê nas promessas que lhe faço em minha Palavra?”

Aquela sensação de admiração e êxtase me sobreveio tão forte que diminuí a marcha do carro e fui rodando muito devagar. Numa curva, um caminhão surgiu atrás de mim, e veio acompanhando-me de perto, esperando uma oportunidade de ultrapassar-me. O motorista buzinou irritado. Olhei para ele desejando poder pedir-lhe desculpas, no momento em que afinal me ultrapassava.

“Senhor”, orei falando devagar, em voz alta e com uma calma deliberada, “será que isso pode acontecer? Se isso é possível, eu quero. Entregarei meus negócios a ti. Tome-o, Senhor, e, se fizeres com que ele triunfe, darei toda a glória a ti, de todas as maneiras possíveis. Prometo!”

Uma onda de confiança me invadiu, soerguendo meu espírito.

Chegando em casa, contei a meus pais o que havia acontecido, e perguntei a meu pai se ele me ajudaria financeiramente outra vez. Ele me deu doze dólares. Era o máximo que poderia fazer.

Com esse investimento e mais os vinte dólares que tinha no bolso, lancei-me de novo ao trabalho. Seria

um esforço longo e penoso, mas agora tinha certeza de que venceria.

Muitas vezes, quando falo a jovens ou crianças, gosto de ensinar uma lição objetiva a partir de nossos coletores de prata. É verdade que os coletores Tamco recolhem a prata, impedindo que ela seja desperdiçada. Mas o fato é que essa prata que recebemos dos laboratórios fotográficos, quando apanhamos os coletores carregados e deixamos ali os novos, não tem valor nenhum, pois é cheia de impurezas. Temos que passá-la pelo fogo, submetendo-a a um calor de 1300°C durante duas horas, para que as escórias se separem dela e subam à superfície. Assim podemos removê-las, e obtemos uma barra de prata pura.

Nossa vida também é assim.

Quando somos salvos, entramos em comunhão com Deus, mas ainda continuamos a ter muitas impurezas. Somente o calor das provações pode removê-las, tornando-nos aptos para servir ao nosso Deus. E muitas vezes, quando o fogo está muito quente, começamos a reclamar. Mas devíamos fazer o contrário — louvar a Deus. Pois, como disse Jó, *“ele sabe o meu caminho; se ele me provasse, sairia eu como o ouro”* (Jó 23.10).

Eu estava para ser submetido a muitas provações, algumas delas bem dolorosas, mas todas faziam parte de um plano de Deus para minha vida, e tinham por objetivo fazer com que eu confiasse cada vez menos em mim mesmo e passasse a depender mais das orientações da Bíblia, fortalecendo minha confiança no cuidado de Deus por mim.

Aliás, sou de opinião que o sofrimento é uma condição básica para se descobrir a vida plena em Cristo.

Eu disse *sofrimento*?

Talvez, num certo sentido, seja mesmo sofrimento, mas seja qual for a provação que enfrentamos e por mais profundo e escabroso o vale que atravessamos, as adversidades que Deus permite encontrarmos em nossa caminhada para o alto são sempre ocasionadas

pelo brilho da presença dele, cujo clarão nos envolverá inevitavelmente, assim que passar o momento da provação.

Não há nenhum momento na nossa vida em que não tenhamos motivos para entoar louvores a Deus.

6

Fala-se muita coisa sobre caixeiros-viajantes.

Não vá julgando a todos nós como um bando de libertinos. Nesses anos todos, tenho cruzado com muitos viajantes que são homens sérios, fiéis à esposa e à família e que, como eu, estavam procurando ganhar a vida honestamente.

Como eu já disse, ser crente é estar qualificado para pertencer a uma das melhores irmandades do mundo. Em minhas viagens, não apenas na América do Norte, mas também em outras partes do mundo, tenho sempre encontrado irmãos em Cristo. Somos como irmãos de sangue que se reencontram após uma longa separação, pois temos muitas coisas em comum — a transformação que experimentamos pela fé no Filho de Deus, o desejo que temos de servir e honrar a ele, nossa esperança de uma eternidade feliz.

É claro que o melhor lugar para se conhecerem novos amigos crentes é a igreja. E sempre que meu programa de viagens me forçava ficar em outra cidade durante o final de semana, procurava uma igreja para cultuar a Deus ao lado de irmãos. E assistir a um culto torna-se um ato de importância vital para nós, assim que compreendemos que participamos de um ato de comunhão espiritual com pessoas de mesma fé.

E foi uma situação assim que vivi certa vez, no verão de 1937, quando fiz minha primeira viagem a Rockford, Illinois. Achei a cidade tão agradável que não senti muita pressa de voltar para casa. Resolvi então passar o domingo ali e regressar na segunda-feira seguinte.

Ajustei o despertador, para não dormir demais no domingo de manhã. Levantei-me, tomei o café e depois saí a procurar uma igreja para assistir ao culto. Rodei numa direção, e depois em outra, mas, por algum motivo, nenhuma das igrejas que vi despertou meu interesse. A certa altura, entrei na Rua 7, e meus olhos caíram numa grande placa com as palavras: *Cristo morreu pelos nossos pecados*. Resolvi, então, que iria assistir ao culto nessa igreja.

À porta havia alguns homens que me receberam muito bem. Um deles, um rapaz de aspecto amistoso, aproximou-se e se apresentou.

— Bom dia, meu nome é Bob Miller.

— Stan Tam.

— Acho que você pode vir para a nossa classe de escola dominical, Stan, disse ele. Venha comigo.

Naquele mesmo instante, senti que estava no meio de amigos.

Recentemente, a igreja tinha sido abalada com a morte accidental de uma pessoa jovem dali, e por isso percebia-se um forte espírito de preocupação e envolvimento, tanto na escola dominical como no culto. Minhas baterias espirituais receberam uma boa carga naquele dia.

— O que você pretende fazer na parte da tarde? indagou Bob.

— Vou para o hotel, expliquei.

— Vamos ter um culto memorial aqui hoje. Virão várias pessoas de outras cidades. O rapaz que morreu era presidente regional da sociedade de jovens. Era excelente pessoa e tinha uma grande influência entre nós. Posso apanhá-lo às três horas?

Após o culto, o dirigente anunciou que todos os presentes ali, que eram de fora da cidade, estavam

convidados para jantar num dos restaurantes locais, por iniciativa da sociedade de jovens da igreja.

— Você é de fora, Stan, disse-me Bob. Então pode vir.

— Ah, não quero abusar mais da hospitalidade de vocês, repliquei. Acho que vou simplesmente voltar ao hotel.

— Como “abusar”? Você já é da família.

— Se eu sou da família, então vocês não deveriam pagar o jantar para mim.

Bob me deu um tapinha nas costas.

— Vamos deixar para discutir isso depois; venha.

Acabara de sentar-me à mesa, quando senti que fora uma ótima idéia não ter voltado para o hotel. À minha frente, do outro lado da mesa, estava a mais linda garota de olhos azuis que eu já vira. Começamos a conversar, e daí a pouco nos apresentamos.

O nome dela era Juanita.

Tinha lindas covinhas e olhos maravilhosos que corriam pelo meu rosto como raios de sol. Acho que minha conversa estava meio sem sentido, pois estava mais interessado em olhar para ela.

A certa altura, ela disse:

— Estou achando muito bom ter você para conversar comigo. Meu namorado está em Minnesota, e devia vir hoje. Mas na última hora aconteceu alguma coisa e não deu para ele vir.

Meu ânimo arrefeceu.

Ah, tudo bem. Foi ótimo enquanto durou.

Nos dias que se seguiram, minha lembrança voltou várias vezes àquele restaurante de Rockford. Devido à minha timidez e à forte compulsão de vencer com a minha Tamco, não estivera muito preocupado com garotas. É claro que esperava um dia me casar, mas desejava que Deus me mostrasse a jovem certa.

E naquela tarde de domingo, em vários momentos, tive a impressão de que aquela moça era a pessoa certa para mim. Mas estava resolvido a não fazer concorrência com ninguém. Além disso, Rockford era bem distante de Lima. Não tinha certeza se poderia

me dar ao luxo de arcar com as despesas que um namoro à distância acarretaria.

Entretanto, um ano depois, nos meados de 1938, ela terminou o namoro com o jovem de Minnesota. Certa noite, sentindo-se um pouco sozinha, foi à casa de uma amiga, onde estavam sendo preparadas as ornamentações para um retiro de jovens, que iria ter lugar num acampamento das proximidades.

Num dado momento, a campainha tocou. Era Bob Miller, o rapaz da igreja, que vinha saber se Juanita e sua amiga não queriam sair um pouco com ele e alguns amigos.

— Tem aí um rapaz de fora, para sair com você, Juanita, disse Bob.

— Quem é ele? indagou a moça meio cética.

— Um caixeiro-viajante.

— Ah, não!

— Mas o rapaz é direito, insistiu Bob. Ele é crente.

— É de Rockford?

— Já disse — ele é caixeiro-viajante. Ele esteve aqui no dia do culto memorial de Hilding. Percebi que ele simpatizou com você, apesar de não ter dito nada.

A essa altura, Juanita estava morrendo de curiosidade.

— A idéia foi só minha, explicou Bob. O rapaz está lá fora no carro, e não está nem sonhando que a garota que estou arranjando para ele é você.

— Como é o nome dele?

— Stan.

— Stan de quê?

— Tam.

— Stanley Tam? repetiu Juanita pensando, o nome lhe parecia levemente conhecido.

— Você não lembra dele? Ele estava sentado à sua frente, no restaurante naquele dia em que...

Mas a moça já saíra para ir pegar o casaco e o chapéu.

Oito meses depois, na amada igreja da Quarta Avenida com Rua 6 em Rockford, ela se tornava a Sr.^a Stanley Tam.

Ela é uma esposa maravilhosa. Sabe de uma coisa, não existe melhor base para um bom casamento do que os dois jovens possuírem a firme determinação de colocarem Cristo em primeiro lugar na sua vida, além, é claro, de se sentirem atraídos um pelo outro.

Nós já comprovamos que isso é um fato.

Em todos esses anos em que estamos casados, minha esposa tem sido minha eterna namorada. Por natureza, eu sou um homem muito sério, mas sei apreciar uma boa piada. Já houve ocasiões de eu rir até me correrem lágrimas pelo rosto. Juanita às vezes sabe ser muito engraçada. Muitas vezes, só de ouvi-la contar os incidentes engraçados do dia, sentia aliviar-se as tensões de um dia trabalhoso e difícil no escritório.

Mas ela possui também grande vitalidade espiritual. Ela já me sustentou com suas orações, em momentos em que eu atravessava circunstâncias bastante difíceis. E em muitas ocasiões, quando tive de tomar decisões importantes, a percepção dela a respeito dos fatos era superior à minha. Tenho tido que viajar tanto que as ocasiões em que estivemos separados, se somadas, resultam em muitos anos que foram subtraídos ao nosso casamento. Mas ela nunca se queixou.

— Você tem muito o que dizer aos outros, Stan, afirma ela. Gosto de pensar que estou colaborando com essa obra, ficando em casa com as crianças, orando por você.

Muitas vezes, quando faço palestras para jovens, digo aos rapazes: “Não tem nada de errado em querer um belo par de olhos azuis e covinhas, mas é melhor ainda procurar uma jovem que coloca Cristo em primeiro lugar na sua vida. Mas acima de tudo, quando estiverem procurando uma esposa, busquem a vontade de Deus nesse aspecto. Minha esposa sempre diz que nem o melhor computador do mundo poderia ter acertado tanto quanto Deus, na maneira como ele nos uniu.”

Rockford é uma cidade em rápido crescimento,

com setores residenciais elegantes e imensos complexos industriais. Juanita poderia ter-se casado com alguém que lhe proporcionasse logo no início muito mais conforto do que o que eu poderia dar-lhe. Nossa casa, por exemplo, era uma casa-reboque, para que pudéssemos estar juntos durante mais tempo, com mais economia.

Mas ela transformou nosso *trailer* num pequeno castelo. Às vezes eu suportava um dia duro na estrada, porque sabia que ela estava-me aguardando no reboque — que aliás estava sempre recebendo um novo (e não muito caro) retoque de suas habilidosas mãos de dona-de-casa — com algum prato saboroso, que iria sair do forno, assim que eu entrasse em casa. Era melhor do que ter uma mansão na Park Avenue*, porque estava sempre perto de mim.

Sempre que possível, procurávamos estacionar o *trailer* em locais de belo cenário, às margens de um lago ou rio, com vistas para as montanhas ou florestas. Eu sabia que Juanita desejava ter uma casa algum dia, mas, nesse período de nosso casamento, ela concordou em morar num *trailer*, acomodando-se perfeitamente à situação, parecendo não querer outra forma de vida. À noite repassávamos todas as vendas que tínhamos feito naquele dia, e fazíamos planos para as futuras viagens. Ela conhecia o negócio em todos os detalhes tão bem quanto eu, com exceção da parte do contato pessoal com os clientes. E foi com grande emoção que ficamos a ver nosso filhotinho, o Tamco, começar a soltar penas, e, pouco depois, tentar levantar vôo.

— O segredo é este, disse-lhe; manter os custos bem baixos, como fazemos, e formar uma boa base para mais tarde expandirmos o negócio. Tenho certeza de que as outras firmas não conseguiram progredir com o empreendimento dos coletores de prata porque não atentaram para isso.

* Park Avenue, a mais luxuosa rua de Nova Iorque. N.T.

— E tem mais uma coisa, lembrou minha esposa. Nosso negócio não é como os outros. Você o entregou a Deus. Se prosperar é só por causa da bênção de Deus.

— Não me deixe esquecer disso nunca, querida.

E nós trabalhamos muito, vivendo da maneira mais frugal possível. Ainda tive muitas frustrações, mas a cada dia que passava íamos nos tornando mais e mais fortes, à medida em que um maior número de fotógrafos utilizava o processo Tamco com sucesso.

Certo dia, já perto do fim do ano comercial, estávamos em Lima preparando novos coletores para outra jornada de vendas.

— Está parecendo que vamos ter uma renda bruta de doze mil dólares este ano, disse eu. Para um negócio isso ainda não é muita coisa. Mas estamos crescendo. Estou pensando em aumentar nosso salário para quatorze dólares por semana.

Rimos com isso. Tínhamos economizado até os centavos aquele ano todo, carreando todos os ganhos para a Tamco.

— E já estou podendo prever outra coisa também, continuei. Uma casa aqui em Lima para morarmos permanentemente.

Muito feliz, Juanita me deu um abraço. Ela estaria disposta a morar no *trailer* mais uns cinco anos. Que melhor motivação eu poderia ter para tentar comprar uma casa o mais cedo possível?

E trabalhei mais que nunca.

Afinal chegou o dia em que achei que poderíamos procurar uma casa. Mas Juanita protestou, insistindo que ainda não poderíamos nos dar a esse luxo.

— Aplicar em imóveis é o melhor investimento que um casal jovem pode fazer, expliquei. Além disso, a casa pode ser a sede de nossas operações.

E acabamos encontrando uma casa que superava em muito a que tínhamos desejado, mas dentro do orçamento que eu havia estabelecido.

Aceitei aquilo como uma dádiva de Deus.

Depois disso, passei a trabalhar mais nas cidades próximas a Lima, para poder voltar para casa no

mesmo dia, não apenas para estar na companhia de minha esposa, mas também porque agora estávamos trabalhando os dois juntos.

Tempos depois nasceu a primeira de nossas quatro filhas, e nosso lar passou a ser ainda mais importante para nós. Tínhamos uma vida muito boa e feliz. E eu me perguntava, e ainda me pergunto, como é que uma pessoa pode se contentar com uma situação em que Deus não seja o centro de seu lar.

— Vamos continuar sempre assim, dizia Juanita. Muitos empresários deixam que a riqueza lhes roube a fé em Deus. Não vamos deixar que isso nos aconteça.

Devo confessar que houve momentos em que receei que isso viesse a acontecer comigo. Mas aí ficava mais decidido ainda a conduzir meus negócios e minha casa sempre dando o primeiro lugar a Deus. Mas eu nem suspeitava de que Deus levaria ao pé da letra aquela minha decisão!

E nosso negócio foi prosperando. Eu trabalhava muito. Experimentando uma idéia nova aqui, acertando ou errando ali, fui adquirindo certas habilidades nas vendas e na administração da firma, que resultaram em boa comunicação e maior volume de negócios; e sem contar as circunstâncias favoráveis que não deixavam dúvida de que Deus estava ao nosso lado. Sentia em todas as coisas um forte senso de oportunidade, o que muitas vezes me deixava admirado e sempre consciente de que meu sucesso na empresa dependia da orientação e das bênçãos divinas.

E este sentimento de admiração, de realização pessoal começou a me importunar, a mexer com minha consciência. Uma noite, quando estávamos sentados na sala, em casa, Juanita notou que eu estava muito silencioso, e quis saber a razão.

— Eu já lhe contei o que me aconteceu aquela ocasião, quando estava saindo de Columbus, principiei. Eu disse a Deus que, se ele assumisse meus

negócios, eu o glorificaria de todas as maneiras que pudesse.

Juanita acenou que sim.

— Pois Deus tem-me falado sobre aquela promessa que fiz a ele, querida.

— De que modo?

Olhei para as mãos por uns instantes. Era difícil falar.

— Foi um pacto que fiz com Deus, expliquei por fim; e se há uma coisa que a gente tem que cumprir é uma aliança com Deus.

— Isso mesmo, disse minha esposa.

Permaneci em silêncio alguns instantes.

— E nós estamos procurando glorificar a Deus em tudo que fazemos, afirmou ela.

Continuei em silêncio.

— Não glorificamos? indagou.

— Espero que sim, respondi.

Afinal expliquei.

— O problema, querida, é que não sei até onde uma pessoa realmente deixa Deus envolver-se em seus negócios. Há uma idéia que ultimamente não me sai da cabeça: que eu deveria buscar uma atuação de Deus em nosso negócio assim como o pastor procura a orientação dele nos trabalhos da igreja.

— Eu ainda não tinha pensado nisso, disse Juanita.

— Mas não devia ser assim? Se um crente não puder envolver Deus em tudo que faz, então alguma coisa está errada.

— Bom, disse minha esposa, peça a Deus para lhe mostrar se há alguma outra maneira definida pela qual você poderá glorificá-lo através de seus negócios.

— É isso mesmo que estou fazendo, expliquei; mas sinto-me receoso.

— E por que ter medo? Nós dois só queremos fazer a vontade de Deus. Então sempre que ele nos disser para fazer alguma coisa, vamos fazer.

— Você está falando sério?

— Claro que estou!

— Pois eu estou sentindo que Deus quer que demos um passo de fé, e que ele passe a ser o sócio majoritário de nossa firma.

— E como é que a gente pode fazer isso, Stanley?

— Vamos modificar a documentação, dando a ele 51% das ações.

Agora foi a vez de minha esposa ficar em silêncio. Ela me olhou fixamente, examinando bem meu rosto.

— O que você acha disso? perguntei.

— Damos a Deus metade dos negócios?

— Isso mesmo!

— E pode-se fazer isso?

— Bom, tenho que consultar um advogado, mas antes queria conversar com você a respeito do assunto.

Outra vez ela ficou em silêncio.

— Você sabe o que isso vai significar, disse eu. Significa que 51% dos lucros irão para o trabalho dele.

Minha esposa ergueu o olhar para mim. Seus olhos azuis nunca me pareceram mais belos, mais penetrantes.

— Meu bem, indaguei, o que você acha?

— Stanley, o que Deus lhe pedir para fazer, faça, seja lá o que for.

Como já afirmei anteriormente, o mundo olha com estranheza para um crente leigo que resolve expor seus anseios espirituais.

Parece que alguns crentes têm um prazer imenso em ser chamados de fanáticos. Eles se consideram um povo à parte, celestial; e levam isso tão longe que já houve um pregador que afirmou que eles acabam não tendo serventia alguma na terra. Quanto a mim, desde a época de minha conversão, sempre achei que a nossa fé deve ser compatível com a vida, e não transcender a ela.

E eu gostaria de reafirmar aqui minha convicção de que a intenção de Deus é que o crente tenha uma vida plena, produtiva, gratificante, uma vida de realidade. Por mais riqueza que uma pessoa tenha, por mais realização pessoal ou prestígio que possua, isso não se compara com a satisfação interior que pode ter até um simples operário que já ligou sua vida a Jesus Cristo, numa experiência de transformação total.

Reis e presidentes, artistas e grandes empresários, todos sentem uma mesma necessidade interior que só Cristo pode satisfazer plenamente. *“Eu vim para que tenham vida”,* disse ele, *“e a tenham em abundância”* (Jo 10.10).

Meu anseio de todos os dias é gozar dessa vida abundante.

Contudo, o fato é que, para possuir essa vida, eu não preciso me transformar num ser estranho, de outro mundo. É verdade que precisamos ter determinação na obra do Mestre do mesmo modo que temos em nossos negócios, mas Deus não estabeleceu as leis da psicologia de vendas para que os fabricantes de cerveja pudessem vender mais do seu produto, e, sim, para que pudéssemos conquistar almas para nosso Salvador.

É fácil compreender, então, a vibração que senti ao pensar na possibilidade de transferir nossas ações para uma organização religiosa sem fins lucrativos. Parecia-me já ouvir as pessoas dizerem:

“Esse tal de Tam está mesmo maluco. Além de se tornar fanático, ele agora enlouqueceu de vez.”

Eu sou meio orgulhoso. Quero que as pessoas pensem bem de mim, e não gosto de saber que, quando ando pela rua, alguém olha para mim, e se põe a girar o indicador à altura da cabeça.

Mas o que é que a Bíblia diz?

“Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu... porque onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.” (Mt 6. 19,21.)

Será que Jesus estava falando sério? Esta ordem se aplica a nós hoje? Se assim o for, devemos obedecer a ela?

Acredito que a resposta dessas três perguntas é *positiva*.

Desde o início da firma Tamco sempre fui dizimista. E eu e minha esposa ainda tiramos o dízimo do salário que recebemos de nossa firma. Mas como já disse certa pessoa, aliás com muito acerto, a questão não é quanto do meu dinheiro dou a Deus, mas quanto do dinheiro de Deus conservo comigo. Pois foi ele quem nos criou, quem nos deu os talentos que possuí-

mos, quem nos deu saúde e até a matéria-prima com que trabalhamos. *"Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém"*, disse o salmista, *"o mundo e os que nele habitam"* (Sl 24.1).

E diz mais o apóstolo Paulo: *"Porque de Deus somos cooperadores"* (1 Co 3.9) e fomos *"criados em Cristo Jesus para boas obras"* (Ef 2.10).

Mas antes de continuar, eu gostaria de mais uma vez dar uma palavra de alerta: eu sou Stanley Tam. Você é você. Deus tem um plano para minha vida, bem como tem um plano para a sua. Ele é o mesmo Deus, mas nós não somos a mesma pessoa. Ele trata com cada um de nós individualmente, de maneira específica e complexa. O que ele me manda fazer é diferente do que diz a você, pois cada ordem é dada de acordo com a natureza de cada um, com as necessidades e qualidades de cada um, e, mais estrategicamente, de acordo com a vontade dele para cada um de nós.

No meu caso, foi um desejo insaciável de ganhar dinheiro. Eu gosto disso. Gosto de promover a firma, de vê-la expandir-se. Estudo nossos boletins anuais como um falcão faminto, fazendo avaliações, procurando descobrir novas facetas do trabalho, fazendo verificações e revisões delas. Também me interesso por investimentos, e tenho sido feliz na escolha deles, com um bom número de operações lucrativas.

Deus sabia desses meus anseios interiores, e quando eu lhe disse que queria entregar minha vida a ele totalmente, ele aceitou minha palavra. E assim começou a acionar forças que me conduziriam passo a passo à realização de seus planos para mim.

Alguém talvez despreze essa forma de Deus agir, transformando a maior fraqueza de um indivíduo na maior expressão de sua mordomia, e eu confesso que já vivi momentos de perturbação com essa situação. Mas é triunfando sobre a fraqueza que se manifesta com maior intensidade a graça de Deus. Deus diz que nossa força se aperfeiçoa na fraqueza. As habilidades divinas tornam uma pessoa de mau gênio num indi-

víduo mais amável; uma mulher faladeira, em pessoa mais sóbria; um homem imoral, num homem mais contido; um egoísta, em pessoa generosa. Nunca devemos nos esquecer de que Deus é quem está totalmente empenhado nesse negócio de transformar vidas.

No meu caso, Deus sabia de minha ânsia de ganhar dinheiro. Se ele não tivesse me tocado com relação a isso eu poderia ter-me tornado um homem orgulhoso, materialista, egoísta, um desajustado espiritual. Mas, de qualquer maneira, eu tivera a sabedoria de dizer a Deus que ele poderia controlar toda a minha vida. Não falei por falar, e Deus me levou a sério. Assim, quando submeti a ele o mais forte impulso de minha personalidade, a sede de ganhar dinheiro, ele removera de minha vida uma influência destrutiva e colocara no lugar dela uma paz interior e uma satisfação que de outra forma eu não teria experimentado.

E era isso que eu realmente desejava; é o que toda pessoa de bom-senso quer: satisfação e paz interior.

Mas eu tinha que ser obediente às suas orientações.

No meu caso, isso significava uma mordomia exercida com bastante disciplina. Não tenho a menor dúvida de que outros homens podem conduzir seus negócios de maneira normal, e ser totalmente consagrados a Deus na maneira como empregam seu dinheiro. Quanto a mim, porém, eu tinha que fazer uma entrega definida.

Um dia, então, fomos ao escritório de um advogado e lhe expusemos nosso plano. Ele ouviu-nos estupefato. Quando terminei, disse:

— Rapaz, essa sua atitude é bastante louvável, querer dar à igreja metade de seu dinheiro. Mas você e sua esposa ainda são jovens. Precisam tomar alguma providência para sua segurança no futuro.

— Sei disso, doutor, falei.

— Eu não posso dar-lhes uma orientação sobre finanças. Talvez devam conversar com um banqueiro

a esse respeito. Naturalmente você está ciente de que sua empresa ainda é muito pequena, ainda não está bem estabelecida. Pode ser que você nunca chegue a ter muito lucro, e nem possa pensar nisso.

— Tenho certeza de que a empresa vai crescer.

— Ah, estou certo que sim. Mas, para falar francamente, como advogado não posso tomar parte num negócio desses. Por que vocês não pensam mais um pouco, digamos uns três meses, e depois voltam aqui para conversar comigo?

— Então o senhor não prepararia nossa documentação?

— Não posso, Sr. Tam. Agora não. Sinto muito.

— Quanto é a consulta?

— Não vou cobrar nada.

Agradei-lhe e saí.

— O que vai fazer? indagou minha esposa.

— Vou procurar outro advogado.

Assim que pude, marquei entrevista com outro advogado, e dessa vez tentei fazer uma apresentação um pouco mais diplomática.

— Meu pedido vai lhe parecer um pouco incomum, principiei.

— Recebo muitos casos incomuns, disse ele simpaticamente.

Senti-me mais animado.

— Bem, doutor, a situação é a seguinte. Tenho um pequeno negócio. Mas ele está crescendo, e estou bastante confiante de que um dia ele se expandirá bastante.

— Isso não me parece um problema sério, comentou o advogado sorrindo calorosamente.

— Sabe o que é? continuei. Sou crente. E minha fé é muito importante para mim. Tudo que possuo me veio por uma intervenção direta de Deus em minha vida. Então tudo que vai-me acontecer no futuro também dependerá diretamente da bênção dele. O que eu gostaria de fazer, a verdadeira razão por que vim aqui é que desejo dar sociedade a Deus nos negócios; quero que ele seja sócio majoritário.

No rosto dele estampou-se uma expressão de consternação.

Meu ânimo arrefeceu.

— Queria que o senhor preparasse a documentação, prossegui, todos os papéis necessários, para que legalmente eu e minha esposa passemos 51% do negócio para Deus.

— Bom, meu rapaz, disse ele meio pensativo depois de um demorado silêncio, essa atitude sua, de querer passar metade de seu dinheiro para a igreja, é maravilhosa.

Parecia que ele tinha um gravador na garganta, emitindo a mesma opinião do primeiro advogado que eu consultara.

— Já me disseram isso, comentei, impaciente. O senhor é o segundo advogado que procuro.

— E o outro recusou-se a preparar a documentação que pediu?

— Isso mesmo.

— É, acho que tenho de fazer a mesma coisa.

— Mas eu estou em meu juízo perfeito, argumentei. Eu e minha esposa pensamos muito sobre essa questão, analisando tudo com muito cuidado. Pedimos a orientação de Deus e temos certeza de que ele nos deu essa ordem. Então não temos direito de tomarmos as medidas legais que acharmos necessárias?

Ele me olhou sem dizer nada.

— Não quero parecer inconveniente, continuei, mas preciso que o senhor redija os documentos para mim; de modo que vou ficar aqui sentado até o senhor concordar em fazer isso.

Ele deu um sorriso meio sem graça.

— Você está mesmo resolvido, não? disse ele.

— Firmemente.

Ele pensou uns instantes.

— Me faça esse favor, pedi.

— Bem, disse ele, na verdade homens como eu, advogados, têm essa profissão não porque as pessoas querem servir a Deus da maneira como o senhor

deseja, mas sim porque a tendência natural das pessoas é agir contra as leis de Deus.

— O senhor me ajudará? insisti.

Ele ficou em silêncio mais uns instantes e por fim disse:

— Já sei o que vou fazer. Embora esteja contrariando meu bom-senso, vou redigir seu testamento. Assim colocaremos nele esse seu desejo.

— Mas ainda sou jovem. Posso viver mais uns sessenta anos.

Ele deu um risinho.

— Isso não seria nenhuma tragédia, não é? comentou, e mais sério prosseguiu: quer que faça o testamento? É a única coisa que posso fazer nesse caso.

Concordei com a sugestão dele, mas ainda hesitando muito.

— Eu não entendo isso, disse para minha esposa à noite.

Estávamos sentados à mesa para ler a Bíblia e orar um pouco como era nosso costume desde que nos casáramos.

— O que pode haver de estranho nisso? Sou um ser humano normal. Amo você tão intensamente quanto é possível um homem amar sua esposa. Gosto de boa comida, de ter uma boa casa, de vestir-me bem, de um carro bom. Então, por que tem que parecer estranho o fato de eu querer que Deus seja o presidente da firma?

— Não fique desanimado.

— Estou-me esforçando muito para não ficar.

— Você fez tudo que podia, Deus sabe disso. É possível que o que aconteceu hoje seja o primeiro passo que ele queria que você desse.

— Temos que obedecer a Deus, querida.

— E nós lhe desobedecemos hoje?

— Não, mas...

— Então deixe as coisas assim, por hoje.

— Eu a amo, murmurei e peguei a mão dela.

— Vivemos num mundo muito desordenado,

Stanley, num mundo em trevas, cheio de pessoas confusas e temerosas. Mas nós somos diferentes. Não por causa do que somos ou do que fazemos, mas por causa de nosso relacionamento com Deus.

— Continue falando, estou precisando muito ouvir isso.

— Deus tem um plano para nossa vida, para a sua, principalmente. Tenho tanta certeza disso. Não duvide. Deixe que ele o encaminhe a cada situação dessa, uma de cada vez. Deixe que ele faça de você um exemplo para os outros, digno de ser observado por todos, por todas as pessoas que estão ansiosamente buscando solução para sua vida. Talvez a nossa vida possa vir a trazer um pouco de luz para ajudar algumas pessoas angustiadas a encontrarem a mesma bênção que encontramos.

— Amo você, murmurei de novo.

— Leia.

Abri a Bíblia. Estávamos lendo Provérbios, um livro do qual tenho tirado muitos ensinamentos nesses anos todos.

“Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas.” (Pv 3.5,6.)

Foi bom saber disso.

8

Chegou um dia em que comecei a questionar nossa decisão de estabelecermos nossa sede em Lima.

Como a Tamco era, em grande parte, uma empresa de um homem só — eu próprio confeccionava os coletores e depois saía para colocá-los nos laboratórios — seu desenvolvimento enfrentava limitações óbvias. O dia só tem um número certo de horas, e um vendedor não pode simplesmente ir entrando numa firma e ser recebido na mesma hora. Então, não apenas teria que procurar novos negócios, se quiséssemos prosperar, mas também via que a única forma de trabalho que daria bons resultados seria instalar eu mesmo os coletores de prata nos laboratórios, e depois ir recolhê-los, substituindo-os por outros, assim que estivessem com uma carga de prata suficiente para ser derretida.

Era um processo muito trabalhoso, e nós sonhávamos com o dia em que teríamos representantes nas cidades, fazendo esse serviço em nosso lugar. O grande empecilho era que, nesse período pós-guerra, os salários estavam subindo rapidamente, e estávamos longe de poder nos dar ao luxo de contratar pessoas.

Então, certo dia, estávamos em Mankato, Minne-

sota, e minha esposa me acompanhava nessa viagem. Num dado momento ela pegou um jornal e leu uma nota que nos inquietou muito. O preço da prata caíra em quase três centavos a onça. No dia seguinte, caiu em mais dois centavos, e depois disso continuou a cair um centavo por dia, até se estabilizar em trinta e cinco centavos a onça.

Fiquei apavorado.

Tínhamos várias barras da prata guardadas em casa, que deviam ser vendidas em breve, mas nesse preço teríamos uma perda de cerca de quinhentos dólares.

Fomos para Minneapolis, onde consultamos um refinador, mas ele não me deu notícias melhores. Então partimos para casa. Ambos nos sentíamos bastante desanimados. Quando rodávamos para Lima, eu disse:

— Não sei como poderemos continuar trabalhando com a prata a trinta e cinco centavos a onça. Não poderei continuar viajando, pois não ganharia quase nada.

Fazia muitos anos que não me sentia tão desanimado.

— Será que não dá para trabalhar pelo correio? sugeriu Juanita.

— Duvido. Os fotógrafos não mexem nos coletores, sempre esperam que eu vá lá para fazer isso. Eles querem ter o mínimo de trabalho possível, com esse negócio.

— Poderíamos tentar enviá-los pelo correio, e pedir a eles que nos mandem o outro também pelo correio.

— Posso até tentar, falei, mas acho melhor já ir procurando algum outro negócio para suplementar nossa renda. Talvez vender casas-reboque. Conheço bem os *trailers*, e poderia começar a vendê-los imediatamente.

— Não vamos tomar decisões apressadas, sugeriu Juanita, enquanto não virmos o que acontecerá.

Pouco antes disso, havíamos nos instalado no

porão de uma casa, e contratáramos um rapaz para cuidar de tudo enquanto estivéssemos viajando. Tivemos que dizer a ele que não precisávamos mais do seu trabalho.

Economizamos o mais que pudemos.

— Não vá logo procurar outro serviço, disse Juanita. Vamos tentar primeiro fazer o serviço pelo correio, e ver no que dá.

Passamos a remeter avisos pelo correio. Eu estava meio cético, mas, para minha surpresa, os coletores de prata começaram a chegar, e então pusemo-nos a enviar os novos, para substituí-los. Outra coisa que fizemos foi divulgar a venda através do correio, e os resultados foram animadores.

Por fim, o volume de negócios começou a crescer, e nunca cheguei a procurar outro serviço.

Coisas desse tipo têm acontecido muitas vezes em nosso negócio. Às vezes penso que sou razoavelmente inteligente, e tento aplicar minha inteligência ao funcionamento dos negócios. Mas muitas vezes o que nos encaminha para uma nova onda de desenvolvimento e novas oportunidades são circunstâncias que surgem, e não propriamente minha sagacidade. Essa é outra razão por que estou convencido de que Deus encaminha todos os nossos passos, quando entregamos toda a nossa vida a ele.

Não demorou muito e pude voltar ao advogado e convencê-lo de que realmente devíamos colocar Deus em nossa empresa, como sócio majoritário. E foi assim que nasceu a organização Stanita Foundation, da qual irei falar com maiores detalhes, um pouco mais adiante.

Mas qualquer empresa que começa a crescer, tem problemas.

Nosso coletor de prata estava-se tornando mais e mais insatisfatório. A essa altura, apresentava algumas falhas. Estávamos sempre recebendo cartas de fotógrafos reclamando de problemas. Na verdade, se eles seguissem cuidadosamente as instruções que acompanhavam o aparelho, não teriam dificuldades.

Mas geralmente tinham muito que fazer, e não podiam perder muito tempo com o coletor. Então, a solução era reduzir as falhas dele.

Por volta do Natal de 1943, a situação estava crítica.

Fomos passar as festas em Rockford. Certo dia, senti uma forte compulsão de entregar tudo nas mãos de Deus. Todas as pessoas da casa estavam muito felizes, e procurei participar do ambiente alegre. Mas, depois que todos foram deitar-se, disse a Juanita que precisava passar alguns momentos a sós.

Ela foi-se deitar.

Ajoelhei-me ao lado de um sofá e me pus a orar. Não sabia o que fazer. Então orei:

“Senhor, vou ficar aqui de joelhos até que me dê uma resposta. Estou aturdido, como já estive antes, e não sei a que vou recorrer. Por favor, socorre-me!”

Continuei a orar pela madrugada adentro, mas parecia que não recebia resposta. Meu coração estava pesado. Mas depois, quase que com uma voz audível, ocorreram-me as palavras: *“Nenhum bem sonega aos que andam retamente.”*

Levantei-me depressa.

“Obrigado, Senhor!” exclamei.

Então me pus a pensar. Aquilo era um texto da Bíblia? Não me lembrava de tê-lo ouvido. A Bíblia de minha sogra estava ali perto. Peguei-a. Ela continha uma chave bíblica. Instantes depois eu abria no Salmo 84 e lia: *“Porque o Senhor Deus é sol e escudo; o Senhor dá graça e glória; nenhum bem sonega aos que andam retamente.”* (Sl 84.11.)

Mais ou menos por essa ocasião, o Sr. Aukerman, o homem de Cleveland de quem eu obtivera o primeiro aparelho, conseguiu aperfeiçoar bastante o coletor de prata. Assim que fiquei sabendo disso, entrei em contato com ele. Fizemos um contrato, no qual ele me dava o direito de fabricar seu novo invento. O contrato especificava que eu deveria pagar-lhe *royalties*, e não deveria questionar sua patente, e se algum dia resol-

vesse parar de trabalhar com eles, deveria passar-lhe minhas anotações para que ele pudesse continuar a atender aos clientes.

Meu relacionamento com o Sr. Aukerman sempre fora muito cordial. Mas em 1945 descobri que havia um homem em Nova Jersey que estava fabricando e distribuindo coletores idênticos aos nossos.

Escrevi ao Sr. Aukerman perguntando-lhe se desejava mover uma ação contra essa pessoa. A resposta dele me deixou confuso. Disse ele: "Sr. Tam, o senhor tem direitos exclusivos sobre minha patente. Se quiser processar esse homem, isso é privilégio seu."

Então, notifiquei a firma de Nova Jersey, passando-lhes todos os dados sobre nossa patente, e dizendo-lhes que deveriam cessar de produzir o equipamento.

O advogado deles informou-me que fizera um exame atento da patente e descobrira que ela tem muitas falhas. O novo coletor de prata já era do domínio público. Comecei a imaginar se não seria por isso que o Sr. Aukerman não insistira em dar início ao processo. Depois, pensei em outras coisas. Por que eu teria que pagar *royalties* no valor de duzentos dólares por mês, por uma patente que não valia nada?

Consultei um advogado de Dayton, que era especialista no assunto. Ele concordou em estudar o caso, e duas semanas depois escreveu-me o seguinte: "O advogado de Nova Jersey está certo. A patente do Sr. Aukerman está cheia de falhas, e ele não conseguirá defendê-la num tribunal. Minha opinião é que não deve mais pagar-lhe *royalties*."

Escrevi de volta para ele perguntando: "Mas, e o contrato que assinei com o Sr. Aukerman?"

E ele replicou: "Como a patente não tem valor, ele não pode obrigá-lo a cumprir o contrato. Se você quiser, podemos assumir o caso, e notificar legalmente ao inventor que ele não pode mais obrigá-lo a cumpri-lo."

Embora aquela idéia me perturbasse um pouco, consenti. O Sr. Aukerman ficou furioso, e mandou seu advogado procurar-me.

— O senhor tem que continuar a pagar *royalties*, disse ele.

— Mas a patente está cheia de falhas, argumentei.

— Então pague por uma questão de boa fé, replicou ele.

— Sinto muito, falei, mas não vou pagar. Se a patente fosse válida, não hesitaria um instante. Mas como ela não vale nada, você sabe que não se poderá brigar por ela num tribunal. Vou ficar firme em meus direitos de cidadão.

E assim a questão foi encerrada.

Pelo menos foi o que pensei.

Passaram-se três anos. Meus negócios continuaram a prosperar. Então decidiram fazer uma cruzada evangelística em nossa cidade, e eu fiquei com a responsabilidade de formar grupos de oração em favor dela.

Pus-me a visitar as igrejas do lugar, na noite do culto de oração, e muitos pastores praticamente me deixavam dirigir todo o culto, dando-me permissão para falar sobre os planos da cruzada, e apelar aos crentes para que apoiassem aquele esforço, com suas orações e contribuições.

Certo dia, eu estava falando em uma igreja e disse mais ou menos o seguinte:

— Como tantas outras cidades deste país, Lima precisa receber uma grande bênção de Deus. Já houve ocasiões no passado em que a igreja de Cristo presenciou avivamentos e viu as bênçãos que ele traz a uma cidade. Agora, vamos nós também crer que nossa região pode passar por esse despertamento. Mas todos sabem que não é preciso esperarmos que haja a cruzada para recebermos esse avivamento. Poderíamos pedir a Deus que nos mandasse essa visitação do seu Espírito hoje mesmo.

Assim que todos começamos a orar, pedindo a Deus que nos desse um novo toque do Espírito Santo, sobreveio-nos grande sentimento de unidade espiritual. E Deus começou a falar-me.

— Stanley, como é que você pode orar pedindo um

avivamento quando sabe que nem tudo está certo com você? Veja, por exemplo, a maneira como você está agindo com aquele inventor.

“Senhor”, repliquei silenciosamente, “não estamos orando pelo Sr. Aukerman. Estamos orando pela cruzada evangelística que vai haver nesta cidade.”

Mas a voz de Deus era insistente.

“Você assinou um contrato com o Sr. Aukerman, no qual se comprometeu a pagar *royalties*, e a não questionar sua patente. Sabe que cometeu uma fraude quando procurou aquele advogado e questionou a patente?”

“Mas talvez seja por isso que ele introduziu essa cláusula no contrato”, argumentei. “Ele sabia que a patente tinha falhas. Não posso defender meus direitos de cidadão?”

“Existem dois tipos de leis, Stanley. Há as leis dos homens e a minha lei. Você poderia beber um litro de uísque hoje, e não estaria transgredindo nenhuma lei do estado de Ohio; mas estaria desobedecendo a minha lei. Qual é o padrão de valores que você está obedecendo, o dos homens ou o meu?”

Eu estava lutando contra Deus, como Jacó. A reunião de oração prosseguia numa atmosfera de uma alegre e profunda renovação de espírito, mas eu me recolhera para o silêncio árido de meu coração.

Não falei a ninguém sobre minha experiência, nem naquela noite, nem no dia seguinte. Mas no outro dia, que era sábado, fui almoçar com um amigo, e como estava-me sentindo com o coração pesado, resolvi pedir conselho a ele.

O nome dele era Steve. Era um verdadeiro amigo.

Ele poderia ter dado de ombros e me dito: “Ah, deixa isso para lá, Stanley. Você dá seu dinheiro para Deus. Trabalha na igreja, e tudo o mais. Esqueça isso.” Mas ele não disse.

A Bíblia afirma que “*Leais são as feridas feitas pelo que ama*” (Pv 27.6).

Steve fitou-me diretamente nos olhos e disse:

— Se o que você me diz é verdade, então Satanás

tem uma acusação contra você no trono de Deus. Enquanto você não fizer o que Deus ordena, nessa questão, não terá poder espiritual.

Imediatamente, comecei a tomar providências para entrar em contato com o Sr. Aukerman, e descobri que ele estava morando em Wilmington, Delaware, com uma filha.

“O filho pródigo deseja voltar para casa”, escrevi a ele. “Estou-lhe enviando uma quantia em dinheiro para que me telegrafe avisando se estará nessa cidade de hoje a uma semana. Se estiver, irei procurá-lo.”

E ele me telegrafou confirmando a data.

Na semana seguinte, após o culto de oração em nossa igreja, minha esposa me levou de carro até a estação ferroviária.

— Estou muito contente com sua atitude, murmurou ela.

— É essa questão da obediência, querida, disse-lhe. Tenho que aprender a obedecer a Deus em tudo.

Quando nos despedimos com um beijo, ela estava com os olhos cheios de lágrimas, mas também sorria.

A filha do Sr. Aukerman veio receber-me na estação. Pensei que iríamos diretamente para sua casa, mas ela me conduziu a um prédio alto, onde estão os escritórios da companhia Dupont, cuja sede é em Wilmington. Pegamos o elevador, e eu não fiz nenhuma pergunta, mas estava muito curioso.

Paramos no sexto andar, e ela me levou corredor abaixo até um conjunto de salas.

Eram os escritórios de uma firma de advocacia.

Assim que entramos, havia um advogado à minha espera, o Dr. Carlson, e me senti como Daniel entrando na cova dos leões.

— Eu trabalho para o Dr. Carlson, explicou a filha de Aukerman. Meu pai achou que talvez o senhor não se importasse de explicar o que deseja para o advogado.

Aí então relaxei um pouco.

— Sua carta foi muito concisa, explicou o Dr. Carlson, mas achamos que estamos compreendendo o

que o senhor deseja. Será que pode dar-nos maiores detalhes?

Sempre procuro evitar pregar para as pessoas, e, sim, falar de minha experiência como crente. Mas naquele dia, senti uma forte compulsão de contar àquelas pessoas tudo que se passara comigo.

E então, caminhando de um lado para outro, pus-me a relatar tudo. Falei de meu passado, contei sobre a senhora que me falara de Deus, de minhas primeiras frustrações nos negócios, da maneira como Deus me falara com clareza acerca do problema do pagamento de *royalties*, e como eu, desobedecendo, tentara não dar atenção ao fato. Eles me ouviam atentamente.

— Estou aqui hoje, disse, porque cometi um pecado contra o Sr. Aukerman e desejo reparar meu erro.

O advogado e a filha de Aukerman se entreolharam espantados.

Em seguida, conversamos sobre o acordo a ser feito, passando ali várias horas. Foi uma experiência maravilhosa. Não havia rancores nem ressentimentos, apenas o desejo de fazer o que fosse direito. Em alguns momentos, eles me pediram para sair da sala por uns instantes, para que pudessem discutir livremente entre si alguns pontos.

Afinal, o advogado mencionou uma quantia em dinheiro.

— Se o senhor se dispuser a pagar esta quantia, disse ele, o Sr. Aukerman lhe dará uma declaração por escrito dando-lhe todos os direitos de explorar seu coletor de prata, sem ter que pagar-lhe *royalties*.

A quantia era um pouco inferior a quinhentos dólares, e achei que seria um acordo justo.

Assim que assinei o documento tive a sensação de que havia sido retirado de meu coração um enorme peso. Agora, não somente tudo estava acertado entre mim e o Sr. Aukerman, mas também os canais de comunicação entre mim e Deus estavam desimpedidos.

Em dezembro daquele ano, o Sr. Aukerman sofreu uma hemorragia cerebral, e ficou inconsciente por duas semanas, vindo a falecer alguns dias antes do Natal. Quando fiquei sabendo de sua morte, levei as mãos ao rosto.

“Ó Senhor”, orei, “e se eu tivesse demorado a obedecer-te? No dia do juízo, ele poderia comparecer perante o teu trono e apontar para um hipócrita que se interpusera em seu caminho.”

Duas semanas após o sepultamento dele, a filha de Aukerman escreveu-me uma das cartas mais preciosas que já recebi. “Ele o perdoou totalmente”, dizia ela. “Pouco depois que você esteve aqui, ele tirou retrato e pediu-me que lhe mandasse um. Mas aí ele adoeceu subitamente e eu não cuidei disso. Agora estou enviando-o juntamente com esta carta.”

Depois, tive o privilégio de visitar essa senhora muitas vezes em sua casa, em Wilmington. Hoje ela também tem uma fé viva em Cristo.

Você não imagina por quê?

9

Após o primeiro ano em que fizemos a experiência de passar a remeter os coletores pelo correio ao invés de fazer campanhas de vendas em cada cidade, e conseguimos sucesso, nosso negócio foi crescendo, a princípio, devagar, como um foguete espacial logo após a contagem regressiva, mas depois ganhando força. No segundo ano, tivemos ganhos brutos em torno de dezesseis mil dólares; depois, de noventa mil, cento e cinquenta mil, e assim por diante, crescendo a cada ano.

Mas Deus continuava a nos disciplinar.

A prata que retirávamos dos coletores estava sendo vendida a uma firma de Chicago, mas como nosso volume do metal estava aumentando, ocorreu-me que talvez fosse bom ter mais de uma firma para quem vendê-lo.

Então, enviamos um carregamento para um refinador de uma cidade do leste americano, que logo nos escreveu, dizendo que não havíamos anexado o comprovante de registro com a Receita Federal. Respon-di-lhe que me achava totalmente desinformado sobre o assunto.

A refinaria me mandou então um exemplar do Regulamento do governo n.º 84, com uma breve

carta, sugerindo-me que o lesse, caso desejasse mesmo continuar com o negócio. O documento dizia que a pessoa que não tivesse licença para o comércio da prata era considerada um especulador, caindo na alíquota de cinquenta por cento no imposto de renda.

Fiquei horrorizado.

Meu primeiro pensamento foi limitar-me a trabalhar apenas com a primeira refinaria, que nunca tinha perguntado nada, supondo talvez que eu estivesse pagando o imposto. Mas como crente e bom cidadão, sabia que tinha de encarar meu erro de frente.

Telefonei então para o departamento regional da secretaria da receita pública, que me mandou consultar a divisão de impostos, em Toledo. Ali, o encarregado consultou o livro de regulamentos e depois me disse:

— Está certo. É necessário mesmo ter uma licença para se operar uma refinaria de prata. Mas não sei como agir com uma firma como a sua, que já está operando há dez anos sem licença. Vou tomar nota do caso e escrever para o departamento, em Washington, e deixar a decisão com eles.

O pessoal de Washington respondeu que eu devia a soma de vinte e três mil dólares em impostos atrasados.

A resposta me deu a sensação de ter batido de frente com uma carreta. E naquela noite, depois que a família toda foi-se deitar, fui para a sala e me ajoelhei, para clamar a Deus mais uma vez. Derramei uma porção de queixas diante dele. Disse como era difícil ter um negócio próprio, como seria muito mais fácil arranjar um emprego de oito horas diárias, e deixar outras pessoas se preocuparem com os problemas. E Deus, em sua sabedoria, deixou que eu externasse bem esse meu complexo de mártir.

Depois, do mesmo modo como já me falara tantas vezes, disse: “Stanley, eu já não atendi suas orações antes? Sei que esse pedido é muito sério, mas eu sou onipotente. Posso solucionar problemas sérios do mes-

mo jeito como soluciono os menos graves.”

Confessei meu pecado de incredulidade, e com uma fé infantil lancei aquele fardo de preocupação sobre o Senhor.

Já ouvi algumas pessoas dizerem:

“Isso é um excelente recurso psicológico, Sr. Tam, mas não serve para pagar contas.”

Essas pessoas estão-se esquecendo de um dado muito importante. Uma fé vital é muito diferente da mera prática religiosa; tão diferente como o dia da noite. Deus não é um conceito que criamos em nossa mente; não. A Bíblia diz o seguinte: *“Sabei que o Senhor é Deus; foi ele quem nos fez e dele somos; somos o seu povo, e rebanho do seu pastoreio.”* (Sl 100.3.)

Deus não é mentiroso. O que ele disser que fará, fará mesmo. E também não brinca de gato e rato com seus filhos. Ele nos criou para sermos alvo de sua misericórdia, seu amor e sua graça. Que insensatez, que grande tolice dizer que Deus está morto, e que não passa de um ser de ficção, criado no passado.

Deus está vivo!

E como sócio principal de nossa firma, ele fez uma viagem especial a Washington D.C., para defender nosso caso. Ele sabia a quem devia procurar, e que corações precisaria comover. E não tive que pagar altos honorários de advogados; nem tive maços e maços de papéis para arquivar, nem passei pela enervante burocracia das repartições públicas.

No fim, o pessoal da divisão de impostos de Toledo recebeu a seguinte nota de Washington: “Se a repartição daí estiver de acordo, gostaríamos de perdoar ao Sr. Stanley Tam, de Lima, Ohio, a sua dívida com este departamento, com exceção de uma taxa de quatrocentos e setenta e seis dólares.”

Mas embora Deus nos abençoe muito quando entregamos a ele os nossos negócios, a Bíblia nos instrui da seguinte maneira: *“No zelo não sejais remissos.”* (Rm 12.11.) Não podemos ter uma atitude de descaso para com nosso trabalho, gastar dinheiro

desregradamente, e depois pedir a Deus para conservar tudo, e nos dar os lucros. Já conversei com muitas pessoas que se encontravam em dificuldades financeiras bem sérias. Elas ouviram meu testemunho, e depois vieram falar comigo, esperando que eu lhes fornecesse uma chave para com ela abrirem o depósito dos tesouros do céu.

Como qualquer outro empresário, tenho tido que aprender as coisas através de experiências e falhas. E algumas vezes tenho cometido muitas falhas.

Eu sei, porém, que a Bíblia nos assegura que Deus irá suprir todas as nossas necessidades. Alguns crentes acham que isso quer dizer então que podem ficar bem à vontade, enquanto Deus se preocupa com tudo. Mas eu não acredito que seja assim. Conheci um homem, certa vez, que deliberadamente se metia em dívidas, para depois se ver obrigado a confiar em Deus para sanar suas dificuldades, e assim ver sua fé crescer. Mas esse homem foi à falência.

Não; Deus nos deu capacidade para pensarmos por nós mesmos, para tomarmos decisões e termos iniciativa. Não podemos esperar que Deus pense por nós. O que podemos fazer é entregar-lhe nossa mente, corpo e energias, e pedir-lhe que oriente nossos pensamentos e ações. Quando Deus nos criou, não fez marionetes, mas seres inteligentes e perspicazes.

Logo no início de minha atividade empresarial, comecei a estabelecer alvos e padrões definidos, que serviram para disciplinar minha conduta e objetivos no trabalho.

E em todos esses anos como empresário — mais de trinta anos — só tomei empréstimo bancário uma vez. Fiz um empréstimo no valor de vinte e cinco mil dólares, para pagar dentro de um ano, com a finalidade de comprar nosso primeiro prédio. Mas, a não ser nesse caso, sempre trabalhei com capital próprio. Todas as vezes que precisei de dinheiro, recorri ao meu sócio majoritário, e ele mo deu. Estou ciente de que hoje em dia os negócios são feitos à base de

empréstimos, e não faço críticas àqueles que tomam empréstimo. Quanto a mim, prefiro receber juros, a pagá-los a outrem.

Deixe-me explicar melhor o que quero dizer quando afirmo que peço dinheiro a meu sócio majoritário.

Gosto muito de ler a biografia dos homens que alcançaram sucesso na vida, principalmente de homens de Deus. Uma das histórias que mais me impressionam é a de Jorge Müller, um inglês que dirigia um orfanato, e que com suas orações conseguiu ofertas de milhares de dólares para o trabalho de Deus em seu país. Aqueles que contribuíram só o fizeram devido à intercessão de Müller, levando-os a sentirem a necessidade de obedecer a Deus na questão da mordomia de seus bens.

Contudo, a contribuição é apenas uma das diversas facetas da mordomia cristã. A maneira como um homem conduz seus negócios ou como uma dona-de-casa controla seu orçamento doméstico também podem ser formas de mordomia.

Assim, quando preciso de injetar recursos financeiros em minha empresa, não resolvo o problema pedindo a Deus que me faça cair do céu uma espécie de maná monetário. Tampouco fico à espera de que algum rico negociante crente me dê uma ajuda. Pelo contrário, peço a Deus que me mostre um modo pelo qual posso melhorar o desempenho da firma, para que seja gerado o capital de que necessito. Em outras palavras, tenho pedido a ele para iluminar minha mente e me orientar nas decisões que tomo, e ele tem atendido a essa oração, de forma maravilhosa, milhares de vezes.

Sou de opinião que Deus deu a cada um de nós um bom cérebro, e quer que o utilizemos. O mundo dos negócios, como tudo o mais, possui suas leis próprias, e se usarmos a cabeça e operarmos em harmonia com essas leis, temos uma grande perspectiva de sucesso.

Contudo, embora eu creia ser válido aplicarmos os princípios corretos na condução de nossos negócios,

tenho muita confiança também no fato de que Deus me chamou para isso. Tenho certeza de que é plano dele que eu esteja onde estou.

Meu negócio é o meu púlpito.

Mas talvez alguém pense que o que me aconteceu não passa de simples coincidência, e que outra pessoa, com uma mentalidade estritamente secular, poderia ter passado pelas mesmas crises que eu passei, saindo delas vitoriosa.

Quero debater melhor esse ponto.

Sinceramente, não creio que eu seja um empresário tão eficiente como nossos balancetes financeiros parecem indicar. Acredito que estou atuando bem acima de minha capacidade natural. Sozinho não seria capaz de criar e gerir uma empresa com um volume anual de milhões de dólares, e a bela margem de lucro que estamos conseguindo manter — dez por cento, subtraídos os impostos — que é uma margem excelente para negócios hoje.

Eu me considero mais ou menos como a cauda de um papagaio. Enquanto eu estiver ligado ao papagaio, terei sucesso. Tenho que me manter sempre em dia com Deus, sempre obediente, e para isso faço questão de me rededicar ao Senhor diariamente, e algumas vezes mais de uma vez por dia.

Vou tentar explicar melhor como isso se dá.

A Bíblia está cheia de textos em que Deus nos diz para envolvê-lo nos pormenores de nossa vida. Ora, Satanás engana o homem fazendo-o relegar Deus a um plano secundário, em profundas liturgias, prelúdios de órgãos e vitrais — embora essas coisas tenham seu lugar. Mas Deus quer ter uma participação pessoal em nossa vida. Não devemos pensar nele irreverentemente como “um bom sujeito”, ou “o cara lá de cima”, mas como uma pessoa que deseja participar de nossa vida, até o mais íntimo de nosso ser.

E então, durante o dia, estou sempre submetendo a Deus tudo que aparece em meu trabalho. Quando surgem problemas, peço a orientação dele; e assim

que encontro as soluções, agradeço a ele. Não é necessário que nos ajoelhemos e recitemos uma determinada oração todas as vezes que precisamos dele. O que Deus quer de nós é que nossa mente e nossa intenção estejam de acordo com sua vontade, reconhecendo o poder dele, e isso pode ser feito apenas com um breve pensamento ou mesmo uma simples atitude.

Acredito que o segredo de tudo isso é o fato de entendermos que é preciso que revelemos ao mundo a existência de Deus e sua capacidade de realizar uma grande obra no homem; nisso ele depende de nós. Tudo isso se resume numa palavra: testemunhar. Mas ser testemunha de Deus não é apenas subir num caixote em praça pública e citar alguns versos da Bíblia; é mais que isso. Ser uma testemunha implica em servir de um *outdoor* para Deus, ser uma exposição ao vivo, que comprove que Deus está vivo e atuando entre nós.

Pense um instante em como é grande o privilégio de ser uma testemunha da realidade de Deus! Que outro objetivo no mundo poderia tornar nossa vida mais válida?

Sei que Satanás gostaria de depreciar meu testemunho, de me colocar num canto onde pudesse, nuns poucos momentos de entrega ao pecado, arruinar a eficácia de minha vida espiritual. Conheço muitas pessoas de valor que foram destruídas, vítimas dos ardis de Satanás, e por isso encaro essa possibilidade com muita seriedade.

Aliás, tenho a firme convicção de que quanto mais perto estivermos de Deus, mais Satanás tentará derrubar-nos. E nessa questão também a Bíblia nos promete que, em Cristo, podemos *ser mais que vencedores*.

Mas temos que estar sempre com os olhos fixos nele.

Quero explicar mais um detalhe sobre nosso sucesso no trabalho com a prata.

O leitor talvez se recorde de que mencionei que

quatro companhias haviam falido — fato que eu desconhecia quando procurei o Sr. Aukerman pela primeira vez, para sondar a possibilidade de fabricar os aparelhos, a partir da unidade que ele criara.

Será que no meu caso houve um golpe de sorte e eu consegui vencer sem a bênção de Deus? Duvido.

Como qualquer um pode perceber, esse trabalho de recolher prata oferece muitas oportunidades para se agir com desonestidade. Quando eu ia aos laboratórios fotográficos apanhar os coletores que ali deixara, os técnicos não sabiam quanto ela iria render para eles. Eu poderia ter-lhes apresentado um valor qualquer. Mas havia tomado a deliberação de trabalhar sempre com os cálculos exatos, observando até as frações de uma onça. E aos poucos meus clientes foram-se apercebendo desse fato.

Muitos daqueles fotógrafos já tinham sido lesados anteriormente, e por isso não queriam aceitar esse negócio. Mas presenciando minha forma de trabalhar, com meus princípios cristãos bem rígidos, muitos deles voltaram a ter confiança. Contudo, ainda houve alguns que se negaram terminantemente a fazer negócio comigo. Mas depois de saber de algumas das fraudes de que tinham sido vítimas no passado, dei toda razão a eles.

Certa vez entrei em um laboratório em Michigan, no intuito de conseguir que trabalhassem comigo. Mas como haviam sido vítimas de extorsão, não quiseram nem conversar. Depois, porém, vi dois deles cochichando num canto, e um deles me chamou.

— Escute aqui, disse ele, é você o tal sujeito que dá metade dos lucros para a igreja?

— Isso mesmo.

— Ah, então acho que podemos confiar em você.

E essa associação passou a ser uma das mais lucrativas.

Lembremos, porém, que apesar de Deus muitas vezes querer trabalhar *conosco*, seu método normal é operar *através* de nós. Ele inspira nossa mente, guia nossas mãos e dirige nossos passos. Ele nos promete o

seguinte: *"Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir; e, sob minhas vistas, te darei conselho."* (Sl 32.8.) Ele nos instrui e nos guia, mas o ir e o fazer ficam sob nossa responsabilidade.

A condição para que ele nos dê essa instrução e orientação é que sejamos sempre puros e obedientes. Quando alguém deseja seguir a vida cristã pode saber que Deus irá submetê-lo a testes para verificar suas intenções.

Um exemplo. Certa vez enviamos uma remessa de prata para a refinaria de Chicago, e, pelos cálculos, esperávamos receber um cheque de dois mil dólares. Mas recebemos um de cinco mil.

Creia-me, estávamos bem necessitados daqueles três mil a mais.

Será que fui tentado a ficar com aquele dinheiro? Claro que fui. Mas eu tinha um compromisso com Deus. E meu compromisso não era parcial, somente para os momentos em que estivesse em dificuldades e precisando do socorro dele. Mas era um compromisso que afetava todas as negociações, em todos os momentos do dia.

Escrevi uma breve carta para a firma de Chicago sugerindo-lhes que fizessem novas análises. Pensando que eu estava insatisfeito com a quantia que recebera, eles concordaram, mas tiveram uma grande surpresa ao constatar que haviam cometido um erro no valor de três mil dólares a nosso favor. Recebi uma carta de duas páginas cheia de agradecimentos. Por engano, eles tinham trocado dois algarismos da análise e, se eu não tivesse escrito, nunca teriam descoberto o erro.

Algun tempo depois, fiz uma viagem a Chicago e o Sr. Goldsmith, vice-presidente da firma, convidou-me para almoçar com ele e mais quatro homens. Quando almoçávamos ele me perguntou:

— Sr. Tam, o que quer dizer quando afirma que Deus é seu sócio majoritário?

— É uma história meio longa, expliquei.

— Ah, mas podemos ficar aqui o tempo que for necessário.

E foi assim que, durante uma conversa de uma hora, tive o privilégio de contar àqueles homens o milagre que Deus operara em minha vida: a redenção de minha alma e a orientação para minhas atividades comerciais.

Não percebi o menor sinal de ceticismo no olhar daqueles homens. É que, quando se devolve a uma pessoa uma quantia de três mil dólares, ela acredita firmemente na explicação que lhe damos para o fato.

10

Minha vida não é uma interminável seqüência de crises.

Os incrédulos que gostam de observar os crentes, afirmam que somos muito mórbidos. Nossos hinos falam sobre os fardos da vida. Estamos sempre orando a respeito de doenças e de cirurgias que vamos fazer. Na maioria dos casos, os sermões que mais nos comovem são os que nos falam dos vales, e não dos picos dos montes.

É claro que nunca foi intenção de Deus que a vida cristã fosse assim caracterizada.

O profeta Neemias afirma: "*A alegria do Senhor é a vossa força.*" (Ne 8.10.) E Jesus disse: "*Tenho-vos dito estas cousas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo.*" (Jo 15.11.) Eu compreendo que nosso gozo é provado quando passamos por circunstâncias adversas que vêm interromper o fluxo normal da vida. Mas essas coisas são ocasionais. A disposição normal de um crente deveria ser de genuína exuberância, e seu tom de voz e semblante, não uma mera fachada, mas uma expressão do seu reservatório interior de maturidade espiritual.

Também creio que Deus pode falar-nos em nossos

momentos de alegria. Tenho sido preletor em acampamentos de jovens, e muitas vezes, ao ver aqueles jovens crentes com um propósito definido na vida, senti-me emocionado, e isso fortaleceu minha decisão de ajudar os moços de nossa terra — e existem muitos jovens bons aqui — a descobrir os grandes valores da vida em Cristo.

Mas Deus nos conhece muito melhor do que nós nos conhecemos. Ele sabe que, se só tivéssemos “dias ensolarados”, tornar-nos-íamos descuidados, e ficaríamos só a nos divertir, em vez de trabalhar. Então coloca “nuvens” e “sombrias” em nosso caminho, para nos forçar a ir a um lugar à parte, onde possa falar-nos com mais clareza. Às vezes é um problema, uma decepção, um perigo iminente; ou às vezes Deus coloca um peso em nosso coração, para nos alertar de que tem uma mensagem especial para nós, e por isso quer que nos afastemos para orar, estudar a Bíblia e meditar.

Foi isso que aconteceu comigo no final de 1945. Os negócios estavam indo bem. Havíamos criado a organização Stanita Foundation, que controlava cinqüenta e um por cento de todo o negócio, e já tínhamos conseguido contribuir com boas ofertas para diversos setores do trabalho cristão. Eu participava ativamente dos trabalhos da igreja, principalmente da escola dominical, que revelava um desenvolvimento bastante animador.

Creio que os membros da igreja devem participar ativamente dos trabalhos dela, e eu, pessoalmente, aprecio muito o trabalho da escola dominical. Em 1941, a igreja me elegera superintendente da escola dominical, que estava com uma assistência média de oitenta e seis alunos. Eu estava com intenção de realizar muita coisa, como, por exemplo, fazer um concurso com uma igreja de Toledo. Mas naquele primeiro ano, a frequência caiu para oitenta e duas pessoas.

Mais tarde, fui à conferência bíblica de Winoma Lake, e ali ouvi falarem de dois livros. Um deles tinha

por título *How to Put your Sunday School Across* (Como desenvolver a escola dominical), e o outro tratava de avivamento espiritual, e era da autoria de Charles Finney. O primeiro livro era muito bom, mas foi o segundo que acendeu uma chama em meu coração, principalmente o capítulo “Empecilhos ao Avivamento”, onde pude enxergar claramente meu orgulho, minha autoconfiança, meus pecados patentes, como se o livro tivesse sido escrito para mim.

Então orei a Deus pedindo-lhe que removesse de minha vida tudo que pudesse representar um empecilho à minha atuação como obreiro da escola dominical. Inevitavelmente, as coisas começaram a modificar-se.

Anteriormente, as coletas da escola davam uma média de cinco dólares por semana, e eram utilizadas para se comprar carvão para o aquecimento da igreja. Pedi à diretoria que me deixassem usar aquele dinheiro com material para as crianças. Remodelamos o porão, repintamos, consertamos, compramos mais equipamento, e começamos a colocar ali biombo e divisórias, à medida que o dinheiro permitia.

A frequência à escola aumentou. Os outros membros da igreja começaram a notar aquilo. Recebemos uma oferta de oitocentos dólares, com a qual pudemos comprar dois ônibus.

A frequência média cresceu para 119 pessoas no ano seguinte, depois para cento e sessenta e quatro, e depois para mais de duzentos alunos; e continuou crescendo.

Era maravilhoso ver aquilo. Contudo, eu ainda tinha um peso no coração. Parecia que Deus estava-me dizendo: “Stanley, você está indo muito bem. Mas lembre-se daquela viagem que fez a Iowa e Nebraska? Lembra-se daquela noite, no hotel, quando me disse que iria entregar-me tudo? Isso ainda não se tornou realidade, já?”

Eu me achava um pouco confuso.

Estava programada para daí a pouco uma convenção de líderes de escola dominical, a ser realizada em

Chicago. E eu planejava assistir a ela. Então disse à minha esposa:

— Por que não vai passar uns dias em casa de seus pais, enquanto vou a esse encontro em Chicago? Estou pensando em assistir às reuniões diurnas mas ficar no hotel à noite. Tenho que resolver um problema interior.

— Alguma coisa muito importante?

— Não sei. Só sei que me sinto um pouco inquieto. Ela pôs a mão em meu braço.

— Vou orar por você.

Na verdade, eu sabia por que Deus estava colocando aquele peso em meu coração, mas vinha tentando fugir de uma confrontação com ele. Durante os últimos meses eu estivera bem consciente de que, apesar de Deus haver-me dado o dom de vender, eu o estava empregando para a busca de metas seculares.

Fui para a convenção, e procurei anotar algumas coisas, mas sempre que tinha um momento de folga, recolhia-me ao quarto do hotel para ler a Bíblia, e orar caminhando de um lado para outro.

Vários versículos me chegavam à mente, textos tais como: *"E sereis minhas testemunhas..."* (At 1.8.) *"O que ajunta no verão é filho entendido, mas o que dorme na sega é filho que envergonha."* (Pv 10.5.) *"Quem sai andando e chorando enquanto semeia, voltará com júbilo, trazendo os seus feixes."* (Sl 126.6.) *"O que ganha almas é sábio."* (Pv 11.30.)

"Mas Senhor", retrucava eu, "veja como a nossa escola dominical cresceu. E todo mundo conhece minha posição, sabe que sou crente. Isso não é testemunhar? O Senhor fez com que nossos negócios prosperassem para que tivéssemos dinheiro para dar às organizações evangélicas que estão trabalhando na colheita de almas. Isso não é suficiente?"

"Quero que você seja um ganhador de almas, Stanley."

"Eu?"

"Eu o ajudei a superar sua timidez, e lhe dei o talento para vendas. Agora quero usar esse talento

para persuadir as pessoas de que elas precisam da salvação.”

“Mas, Senhor, eu faço distribuição de folhetos. Já distribuí milhares e milhares de folhetos.”

Bem lá no fundo, eu não queria resistir à instrução divina. Na verdade, o fato é que estava com medo. Em muitos casos, sabe, uma pessoa que parece muito extrovertida, na realidade, é bem introvertida. É por isso que estou convencido de que todos os créditos para o sucesso de nossos negócios devem ser atribuídos a Deus, quando nada, porque ele me ajudou a superar meu acanhamento.

O que mais me apavorava era ter de dizer às pessoas que elas estavam perdidas, que eram pecadoras, que precisavam da expiação realizada na cruz do Calvário. Não sou o tipo de pessoa que gosta de desmoralizar as pessoas, de depreciá-las.

A convenção estava chegando ao fim, mas eu não encontrava a desejada paz. Mas pelo menos implicitamente eu disse a Deus que iria tentar conversar com as pessoas diretamente, falando-lhes acerca da sua necessidade de salvação, embora ainda não soubesse como iria fazê-lo. E o que me deixou mais confuso foi que, embora as reuniões fossem excelentes, eu me achava cada vez menos interessado nas questões da escola dominical. Eu era um profundo admirador do trabalho de escola dominical (e ainda o sou), mas cada um de nós só dispõe de um determinado número de horas no dia, e eu estava sentindo uma compulsão forte no sentido de que devia dedicar meu tempo a outra atividade.

Fui dar uma volta pelo centro da cidade, caminhando pela rua Madison, e depois LaSalle. Cheguei à rua Randolph, o setor onde ficam os cinemas. Imensos cartazes nas fachadas dos prédios, profusamente iluminados, divulgavam as mais recentes produções de Hollywood, com os nomes dos grandes astros. Eu criara um forte ódio contra filmes cinematográficos. Estou certo de que pode até haver alguns produtores que desejam comunicar alguma coisa de valor através

de suas fitas, mas tenho mais certeza ainda de que Hollywood teve um papel muito importante no desencadeamento dos problemas morais e sociais que enfrentamos hoje.

Contudo, a despeito da aversão que sentia, aqueles letreiros me faziam pensar numa idéia estranha que me ocorrera várias vezes durante o verão — a de conseguir um projetor de filmes e alguns filmes evangélicos, e sair mostrando-os de casa em casa, num esforço evangelístico.

Mas sempre que tal pensamento me ocorria, tentava afastá-lo. Em minha mente preconceituosa, o cinema era um instrumento do diabo. Chegara mesmo a criticar a prática de algumas pessoas de exibirem filmes nas igrejas. Para mim, o filme era uma arma de Satanás.

Aí chegou a sexta-feira.

Por volta de dez horas da noite eu orava: “Senhor, encontro-me hoje tão confuso como quando cheguei a Chicago. Passei a semana toda buscando a tua vontade, mas não aconteceu nada. Deve ser porque ainda não chegou o momento de me revelares teu plano para mim. Vou ler a Bíblia mais um pouco, e depois vou dormir. Amanhã cedo regressarei a Lima. Sinto muito por haver praticamente lhe ordenado que me mostrasse tua vontade. Dou-me por satisfeito agora, e vou aguardar até que tu determines o tempo certo para isso.”

Quando me ergui, senti um pouco de paz. Peguei a Bíblia dos Gideões que havia no quarto e sentei-me para ler. Estava lendo todo o Novo Testamento, e já me encontrava no livro de Atos. Pus-me a ler com muita atenção, procurando manter a mente aberta a qualquer palavra especial que o Senhor pudesse ter para mim ali, mas não pensando em nenhuma descoberta grandiosa.

O capítulo 10 de Atos narra a visão de Pedro. Como eu, Pedro também era um homem preconceituoso. Ele tomava o Velho Testamento ao pé da letra,

crendo que havia carnes puras e carnes impuras, e que a pessoa que quisesse agradar a Deus não poderia tocar na impura. Com essa experiência, Deus estava querendo formar nele uma atitude certa com relação aos gentios. Para ele, os gentios eram pessoas impuras, perdidas, e se achavam fora do alcance da graça de Deus.

E então Pedro teve uma visão que modificou tudo; ele viu *"toda sorte de quadrúpedes, répteis da terra, e aves do céu. E ouviu-se uma voz que se dirigia a ele: Levanta-te, Pedro; mata e come. Mas Pedro replicou: De modo nenhum, Senhor, porque jamais comi cousa alguma comum e imunda. Segunda vez a voz lhe falou: Ao que Deus purificou não consideres comum."* (At 10.12-15.)

Comum e imundo.

Os filmes!

Fechei a Bíblia devagar e comecei a pensar. Isso era para mim? Será que Deus estava-me sugerindo que eu usasse o filme evangelístico como uma espécie de muleta, para que isso me ajudasse a ter mais coragem de testemunhar, tudo isso por causa de minha excessiva timidez? Interiormente, aceitei que talvez fosse, e logo aquela rebeldia — o preconceito contra o cinema — começou a desfazer-se dentro de mim. No lugar dele, surgiu uma sensação de paz e certeza.

"Farei isso, Senhor", murmurei.

Sabe de uma coisa? As palavras mais poderosas que podemos dizer é: *"Vou fazer o que queres."* Nossa vida só passa a ter sentido e paz quando se harmoniza nossa vontade com a de Deus.

Continuei a folhear as Escrituras revendo alguns dos textos que havia lido antes, naquela semana, e naquele momento Deus aplicou pessoalmente a mim as palavras de Jesus que se acham registradas no capítulo quinze de João, onde ele diz: *"Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros, e vos designei para que vades e*

deis frutos, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda." (Jo 15.16.)

Senti um sopro de coragem entrando em meu coração. Eu teria ousadia para testemunhar, na força daquele que me escolhera para servi-lo.

Quando voltei a Lima e comuniquei esses planos aos amigos, eles não me deram muito incentivo.

— Você está cometendo um erro, Stanley, diziam.

— E como vai ficar a escola dominical? Precisamos do seu trabalho aqui.

— Não vai ter muitos convites.

— Tem certeza de que as pessoas vão deixá-lo entrar em suas casas apenas para exhibir filmes? Não seria melhor convidá-las para virem à igreja?

Procurei não parecer muito teimoso a respeito de minhas convicções, mas estava firme em minha resolução, pois tinha certeza de que, pelo menos para aqueles dias, era essa a obra que Deus desejava que eu realizasse.

Arranjei um projetor e alguns filmes que tinham uma mensagem clara sobre a necessidade que o homem tem da salvação e a oferta que Deus lhe faz da redenção através de Cristo Jesus. E depois me pus a pensar nas pessoas que poderia visitar. Com a ajuda do pastor e aproveitando alguns contatos que fizera nos tempos em que trabalhara com a escola dominical, com pouco tempo já tinha uma lista razoável. Fiz o primeiro telefonema para uma família que, parecia-me, poderia interessar-se.

Para minha satisfação, eles acolheram bem a idéia.

Nas primeiras tentativas me atrapalhei um pouco. Para se ganharem almas é necessário saber falar às pessoas sem ofendê-las, é preciso ser cativante e sincero. Isso faz com que desejem a bênção que temos para dar-lhes. Não que naqueles primeiros encontros eu tivesse sido brusco, não; mas também não sabia bem conduzir as pessoas a uma decisão.

Mas houve um aspecto muito animador em quase

todos os lares que visitei. A princípio, as pessoas colocavam-se na defensiva. Falavam o quanto eram retas, e afirmavam que nunca tinham feito nada que pudesse desagradar a Deus. Mas quando eu mostrava o filme e conversava com elas, aquela atitude de defesa desmoronava-se. E o mais importante foi que muitas dessas pessoas me aceitaram como amigo. Eu não era um fanático religioso; era Stanley Tam, um negociante da cidade, que tinha uma profunda certeza da presença de Deus em sua vida e estava passando isso a outros.

Embora não tenha conseguido levar ninguém a fazer uma entrega pessoal de sua vida a Cristo nos primeiros lares que visitei, o fato é que fiz amizade com muitas pessoas que queriam demais ter um amigo crente. Muitos deles passaram a freqüentar nossa igreja regularmente, e, desses, muitos deram o importante passo de receber Cristo em seu coração.

Estou convencido de que todo crente pode ser um ganhador de almas. Lembremos o que a Bíblia ensina: *um planta, outro rega, mas o crescimento vem de Deus*. Pode ser que não consigamos levar a Cristo todas as pessoas com quem falamos, mas podemos plantar a semente, ou regá-la. Podemos ser um degrau no meio dessa subida. Na verdade, somente o Espírito Santo pode levar um indivíduo à fé em Cristo. Somos apenas instrumentos que ele usa para transmitir aos homens a mensagem.

A princípio, eu me sentia muito acanhado. Muitas vezes limitava-me apenas a conversar um pouco com as pessoas que visitava e as convidava para ir à igreja. Mas a experiência nos ensina muito. E a cada visita que fazia, ia ganhando mais confiança.

Meus amigos — não falando por mal — tinham dito que eu não teria muita aceitação. Mas aconteceu o contrário: estava tendo um número cada vez maior de convites para ir aos lares, e o tempo estava sendo pouco. No começo, fazia esse trabalho às terças e quintas à noite, mas com pouco tempo tive que acrescentar outros horários.

Mas nunca mais esqueci da primeira vez em que realmente obtive um fruto.

Estávamos na casa de uma família de classe média. Tanto o marido como a mulher nos tratavam amistosamente. Esta era crente; o marido, não. Exibimos o filme, e percebi o quanto o homem ficara tocado. Durante toda a exibição permaneci em oração; eu orava com muito empenho e fervor.

Terminado o filme, acendemos as luzes, e eu fiquei a conversar com aquele senhor por alguns instantes. Senti que a esposa dele estava orando, embora continuasse a fitar-nos.

— Sabe o que é? dizia ele. Eu costumava ir à escola dominical quando era menino. Recitar versículos? Sabia muitos versículos de cor. Mas, uma coisa engraçada, o tempo todo em que fui à escola dominical e até mesmo à igreja, ninguém nunca me perguntou se eu queria receber a Cristo. Se alguém tivesse me falado alguma coisa, é bem possível que tivesse me convertido. Mas como não aconteceu, acabei me afastando da igreja.

— Pois você poderia receber a Cristo agora, disse-lhe, o coração batendo como um martinete; como vimos no filme.

Ele me olhou direto no rosto, sem hesitações, os olhos revelando espanto e fome espiritual ao mesmo tempo.

— Por que não recebe agora, Frank? indagou a esposa.

Ele olhou para ela e depois para mim.

— Acho que vou, disse.

Foi a primeira vez que tive o privilégio de levar ao reino de Deus alguém por quem Cristo tinha morrido.

Mas logo depois ganhei outra, e mais outra. Várias dessas pessoas passaram a freqüentar nossa igreja. Todas davam mostras de haver passado por uma transformação de vida. E dentro em pouco até alguns daqueles meus amigos que expressaram dúvida, eles mesmos me deram nomes de famílias para eu visitar.

Certa noite, uma das poucas noites em que eu ficava em casa, a campainha tocou. Era um rapaz da igreja.

— Eu estava pensando... disse ele. Sabe, sou um pouco acanhado, mas tenho um peso muito grande no coração, uma grande vontade de levar as pessoas a um encontro com Deus. Estava pensando se o senhor não poderia emprestar-me o projetor nos dias em que não o está usando, e se poderia dar-me umas “dicas” sobre como se faz esse trabalho.

Pouco tempo depois, já havia dezesseis pessoas na igreja empenhadas nesse ministério de pregar de casa em casa.

Não existe em nenhum lugar da terra uma cena mais maravilhosa, uma experiência mais agradável, uma aventura melhor, que possa dar maior satisfação ao coração, do que a alegria de levar outras pessoas a um encontro pessoal com o Filho de Deus.

É uma pena que algumas pessoas inábeis, embora com boas intenções, tenham cometido alguns erros nesse tipo de evangelismo, e dessa forma maculado a imagem desse trabalho. Não existe um gesto de amizade mais caloroso, nem um aspecto do relacionamento humano que seja mais profundo do que, com muita educação e tato, convidarmos uma pessoa para receber a Cristo. Se ela não estiver interessada, não insista. Eu procuro nunca constranger as pessoas; nunca insisto demais no assunto. Sabendo que é o Espírito Santo quem leva as pessoas a Cristo, procuro apenas ser um instrumento de Deus, uma ferramenta que o Espírito pode utilizar para iluminar corações sedentos que estão em trevas.

É um ministério em que todo crente pode participar.

11

Talvez alguém diga que foi por acaso que começamos a trabalhar com plásticos.

Só que eu não penso assim. A essa altura, o leitor já deve ter percebido que eu creio firmemente que, quando uma pessoa procura centralizar sua vida numa imutável fé em Deus, não vive de acasos. Conforme a Bíblia diz, *“sabemos que todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus”* (Rm 8.28).

Tudo aconteceu da seguinte maneira.

Em 1955 criamos um novo coletor de prata para o qual era necessário adquirir um novo recipiente, um recipiente maior do que o utilizado até então. Procuramos em Lima, telefonamos para vários fornecedores; mas nenhum deles tinha o recipiente de que precisávamos. A sensação era a de que havíamos construído no porão um barco muito grande, que agora não conseguíamos retirar da casa.

Algum tempo depois, fui a uma exposição de artigos de laboratórios fotográficos. Certa tarde, caminhando entre os diversos *stands*, cheguei a um que apresentava um recipiente de plástico, de cerca de treze litros de capacidade, que era exatamente o que necessitávamos.

— Esse artigo é novo? indaguei.

— Novíssimo, replicou o homem. Ainda não está nem à venda.

Conversamos sobre preços. Ele deu o preço para uma compra maior. Fiz um pedido grande.

Nosso plano era mandar um novo balde de plástico para cada novo coletor que enviássemos. Um serviço de rotina, pensávamos. Os fotógrafos apenas iriam derramar o líquido nos baldes e colocar neles os coletores novos, que eram maiores.

Mas para surpresa nossa, nossos clientes começaram a nos escrever e telefonar querendo saber se poderiam comprar outros desses recipientes em nossa mão, para outros serviços de laboratório. Nosso estoque foi diminuindo. Pedimos mais baldes ao fornecedor, e fizemos outros pedidos; vendíamos centenas desse novo tipo de recipiente de plástico.

E uma coisa puxava outra. Será que teríamos bacias de plástico para vender? Será que teríamos juntas de plástico? E cano? Teríamos outros artefatos de plástico? Daí a pouco estávamos fazendo folhetos de propaganda de nossos produtos, para colocar em cartas ou cobranças enviadas.

— Sabe o que mais? disse eu certo dia para minha esposa. Acho que essas vendas de artefatos de plástico podem vir a superar o negócio da prata.

— Talvez isso seja a mão de Deus, disse ela. Você tem andado preocupado com o que pode acontecer à prata.

Fiquei a ler o jornal por uns instantes. Juanita estava costurando peças de roupas das crianças. Comecei a pensar.

— Meu bem, disse eu.

Minha esposa olhou para mim.

— Tem acontecido tanta coisa em nossa empresa, que fico um pouco preocupado.

— Por quê?

— Bom, você sabe. Tudo que tem acontecido nesses anos é simplesmente incrível. E hoje eu estava pensando de novo. Pagamos tudo à vista. Depois

daquele empréstimo de vinte e cinco mil dólares que fizemos para construir o primeiro prédio da empresa, nunca mais precisamos tomar nenhum dinheiro emprestado. Estamos sempre aumentando o estoque, e está tudo pago.

— Isso é ótimo. Você é muito habilidoso nos negócios, querido. Estou muito feliz com isso.

— É, mas eu não tenho muita certeza se isso é habilidade minha.

— Pois eu tenho, disse ela sorrindo, brincalhona.

— Não; falando sério, Juanita. Ultimamente, tenho pensado cada vez mais que, se a firma está prosperando, isso se deve à bênção de Deus, e não à minha habilidade.

— Então, por que está preocupado?

— Estou na dúvida se me acho realmente cumprindo minha parte do acordo.

Ela me fitou espantada.

— O que estou pensando é o seguinte, expliquei. Que tal se chamássemos um desses peritos em produção para fazer uma avaliação da empresa, passando um pente-fino de ponta a ponta?

Ela não fez nenhum comentário.

— É claro, continuei, que o que me incomoda nisso tudo é que, se estamos buscando a orientação de Deus em todas as atividades e em todos os projetos iniciados...

— O que você quer dizer é que, se o negócio está sendo dirigido por Deus, não há necessidade de um perito em produção?

— Acho que é, mas...

— Mas, o quê?

— Vamos ver a coisa por esse ângulo, expliquei, eu sou humano. Embora esteja sempre procurando seguir a orientação de Deus, isso não quer dizer que não cometa erros.

Juanita fitou-me atentamente mas não disse nada.

— Minha preocupação é com a questão da mordomia, continuei. Quanto mais lucros obtivermos, mais dinheiro poderemos ter para ofertar ao trabalho de

Deus. Então quero ter a certeza de que não estamos fazendo nada errado que possa atrapalhar o aumento dos lucros. Não há ninguém me pressionando; não é isso. Também não estamos tendo nenhum problema. Mas acredito que essa idéia de chamar um analista não me veio à mente por acaso.

— Talvez, disse minha esposa, a razão por que você deve fazer isso é que sempre trabalhou sozinho. Nunca teve assim uma diretoria para aconselhá-lo. Não teve oportunidade de ganhar experiência de empresariado com empregados, como outros executivos tiveram. Agora, se recorrer a um perito, talvez ele possa dar-lhe algumas orientações.

E foi assim que um perito da firma "George S. May" veio fazer uma avaliação de nossa companhia.

— Quero que você seja bastante rigoroso, disse a ele. Não procure amenizar nada.

Então ele fez o exame da firma, desde o saguão até a rampa de expedição. Mostramos a ele nossos processos de cobrança. E ele passou várias horas verificando nosso departamento de expedição. Analisou as mecânicas de estocamento, o sistema de pedidos para o estoque, o controle de qualidade e todos os aspectos relacionados com os serviços para a clientela.

— Parece-me que sua firma está muito bem organizada, disse o analista.

— Lembre-se de que estamos querendo críticas, insisti.

Ele apresentou algumas observações sobre a maneira de realizarmos o faturamento com maior eficiência, mas nada de extraordinário.

Fiquei um pouco confuso a respeito da razão por que tinha sentido aquela orientação para chamá-lo. Talvez fosse porque já sabia que nossa estrutura operacional estava em excelentes condições e apenas queria ouvir uns elogios. Também sou sujeito a esse tipo de tentação.

Foi então que o funcionário da May veio com uma sugestão, uma idéia simples, mas grandiosa.

— Estou achando que vocês estão deixando de

utilizar um bom recurso no comércio desses artefatos de plástico.

— Qual é? indaguei.

— Bom, vocês trabalham com uma ótima seleção de produtos — artigos com boa margem de lucro e retorno rápido; mas fazem a divulgação deles com uma porção de folhetos avulsos. Por que não confeccionam um catálogo só, bem feito, com todas as informações?

Essa simples sugestão resultou em centenas de milhares de dólares para nós, pois o catálogo anual que hoje temos tornou-se a espinha dorsal de toda a nossa operação.

Após dez anos de existência, a divisão de plásticos de nossa companhia, que dava um produto bruto de quinze mil dólares por ano, passou a ter um movimento de muitos milhões de dólares; e continua crescendo.

O nome da primeira firma, quando trabalhávamos com a prata, era States Smelting and Refining Corporation (Companhia de Fundição e Refinaria States). Mas pouco depois tivemos que fundar uma outra firma, que se chamou United States Plastic.

Nosso negócio de plástico foi uma grande bênção de Deus, pois acreditamos que eventualmente a indústria da prata acabará. Hoje colocamos muitos de nossos coletores nos laboratórios de Raio-X de alguns hospitais. Mas existe hoje uma tendência para o emprego cada vez mais amplo de vídeo-teipe, em vez do filme comum. É possível que surjam outras inovações semelhantes em outras áreas da indústria fotográfica. Os plásticos, porém, pela aceitação que têm hoje, são a onda do futuro.

Nosso crescimento tem sido tão fantástico que a secretaria da receita federal veio examinar nossos registros durante dez anos consecutivos. Aliás, o diretor regional da receita contou ao nosso advogado que eles recebem uma média de oito cartas por ano de “alcagüetes” que afirmam possuir informações sérias de que sonegamos impostos.

No ano passado, pagamos mais de três mil dólares de impostos, e, pela primeira vez, a receita não veio examinar nossos livros. Ao que parece, agora acreditam quando dizemos que esta empresa pertence a Deus, e que a dirigimos segundo princípios cristãos.

— Sabe de uma coisa, querida, disse eu certo dia à minha esposa, é como diz o profeta Malaquias: quanto mais damos para Deus, mais ele abre as janelas do céu e derrama sobre nós as bênçãos materiais. Se não tivéssemos transferido cinquenta e um por cento das ações da firma para ele, tenho certeza de que os ganhos que teríamos, os cem por cento de lucro da firma, seriam menos que a metade dos quarenta e nove por cento que hoje retiramos da companhia.

Naquela noite, lemos o texto de Malaquias em nosso culto doméstico. Trata-se de um apelo a todos os crentes, é um pedido que Deus nos faz de que apresentemos um ultimato a ele.

“Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós bênção sem medida.” (Ml 3.10.)

Os lucros que estamos carreando para nossa instituição beneficente, apesar dos elevados impostos que pagamos ao governo, têm-nos possibilitado enviar quantias cada vez maiores a organizações cristãs, e principalmente a missionários e outros projetos no exterior.

Por causa disso, naquele ano, 1955, resolvemos fazer uma viagem pela América do Sul, visitando o Equador, Peru, Brasil e Colômbia.

E foi durante essa viagem que tive de enfrentar uma crise que eu nunca pensaria pudesse sobrevir-me, que nunca imaginaria naquele dia em que, num solitário quarto de hotel, disse a Deus que lhe dedicaria todo o meu ser: minha vida, meus talentos, meu futuro, tudo.

12

A idéia de uma viagem à América do Sul surgira havia três anos, em janeiro de 1952. Nessa ocasião, viera à nossa cidade um pregador de nome Dwight Ferguson, que aqui realizaria uma campanha evangelística de duas semanas. Embora eu estivesse participando do comitê organizador, nunca ouvira falar dele, e, sempre tendo muitas atividades, comentei ligeiramente com minha esposa sobre o fato de que teríamos as noites todas tomadas, por um período tão longo.

Mas ele não era uma pessoa comum.

Nos primeiros dias, ele pregou apenas para os crentes. Mas não ficou a “malhar” os membros da igreja, prática bem comum dos pregadores. O que ele fez foi explicar, com muito amor e grande unção, qual é a atuação do Espírito Santo na vida do crente, segundo o ensino das Escrituras.

No quinto dia fui à frente. Sentira que estava abrigando orgulho, complacência e auto-satisfação em meu coração. Então, orei a Deus pedindo que me esvaziasse do meu “eu” e do orgulho, e que o Espírito Santo assumisse o controle de meu ser, mente e corpo.

Experimentei então uma dinâmica renovação de minha experiência cristã.

No final, acabei-me tornando amigo daquele pregador; e, quando a campanha já se aproximava do fim, ele me revelou que estava com planos de fazer uma viagem a Formosa, à Coréia e ao Japão, e me deu um susto dizendo que gostaria que eu fosse com ele para dar meu testemunho de executivo crente.

Não dei muita atenção à idéia, já que nunca me afastara da firma e da família por mais de uma semana.

Mas depois que o Dr. Ferguson foi embora, passou a escrever-me todas as semanas, insistindo para que eu comesse a tomar as providências para a viagem. Conversei muito com minha esposa sobre o assunto, e muitas vezes nos indagávamos se aquilo era apenas um anseio dele, ou se Deus desejava mesmo que eu fosse. A certa altura minha esposa disse:

— Nossos recursos estão sendo aplicados no trabalho missionário, argumentou ela. Se você tivesse interesses comerciais no Oriente não iria inspecionar? Então talvez uma viagem dessa natureza serviria para você compreender melhor nossa responsabilidade na contribuição.

— Do jeito que você coloca as coisas, parece que não tenho outra alternativa.

— Não estou dizendo isso.

— Mas acha que devo ir?

— Se eu pensar egoisticamente, não. Mas se você tiver certeza de que Deus quer que o faça, não vou fazer nada que o possa impedir.

— Está bem, então vamos deixar as coisas assim: eu irei, a não ser que aconteça alguma coisa que impeça a viagem.

Que decisão!

Minha avó morreu. Seis dias depois meu pai morreu. Depois minha secretária me avisou que iria deixar a firma, pois o marido arranajara um emprego em outra cidade. E ela já estava conosco havia dez anos, e sua presença na firma, quando eu saía, era indispensável para a continuação dos negócios.

Então comuniquei ao Ferguson que não contasse

comigo. E ele respondeu: “É muito importante para nós que você venha também. Deus lhe deu o dom de saber comunicar-se com outros leigos. O trabalho de missões hoje precisa muito de crentes leigos que possam incentivar outros para a tarefa do evangelismo no mundo.”

Nem respondi a carta dele.

Uma semana depois, ele escreveu novamente. “Estou orando por você. Tenho certeza de que Deus vai ajudá-lo a acertar tudo aí, para que possa ir conosco.”

Também não respondi.

E o Dr. Ferguson continuou a escrever. Nunca conheci outra pessoa mais persistente que ele. Nem mais persuasivo.

Chegou a um ponto em que eu temia ver um envelope com o timbre dele em meio à minha correspondência.

No verão ele me escreveu dizendo que iria fazer conferências no acampamento de Winona Lake.

— Gostaria de ir ouvi-lo novamente, disse Juanita.

— Eu também, repliquei, mas tenho que dar um jeito de convencê-lo de que uma viagem ao Oriente, para mim, está fora de cogitação.

Encontramos o Dr. Ferguson na conferência e ele me apresentou a vários missionários, sempre falando muito sobre o roteiro da viagem que faríamos; foi taxativo, e não me deu a menor chance de recusar o convite.

Mas ao regressar a Lima eu disse ao chefe do pessoal que a viagem estava cancelada. Para minha surpresa, ele olhou para mim, quase como se fosse ele o patrão e eu o empregado, e disse:

— Acho melhor você ir.

A reação de minha esposa também foi favorável à viagem.

— Há muito tempo estou sentindo que você deve ir.

Naquela noite, passei várias horas em luta com o problema. Por fim disse: “Senhor, se tu queres que eu vá, irei.”

No mesmo instante senti-me inundado por uma grande paz.

— Temos que começar logo a tomar providências, disse para minha esposa. Restam poucas semanas e ainda tenho que arranjar uma secretária e deixá-la bem instruída.

Conhecíamos uma moça crente, uma secretária excepcionalmente competente, que tentáramos contratar antes, mas sem sucesso. Resolvemos fazer uma nova tentativa. Ela se recusou.

— Sinto muito, disse. Gosto muito do lugar onde estou trabalhando. Fica no centro da cidade, onde posso encontrar amigos na hora do almoço. Além disso meu ônibus vai direto para lá. Se fosse trabalhar para o senhor, teria que tomar outra condução.

Então continuamos a procurar, mas tudo parecia inútil. Não é fácil arranjar uma boa secretária.

— Mas talvez isso seja a resposta final, disse para minha esposa. Como no caso de Abraão e Isaque. Eu digo a Deus que irei e ele me diz que não precisarei ir.

— O que vai fazer?

— Vou comunicar ao Ferguson que não poderei sair agora.

Pouco depois recebi um telefonema da secretária.

— O cargo ainda está vago? indagou.

Respondi que sim.

— Não tenho conseguido dormir, explicou. Deus está-me dizendo que eu não deveria ter recusado o emprego. Tenho tentado dar todo tipo de desculpa, mas não adianta. E ontem à noite falei com Deus que ficaria com o emprego, se ainda estivesse vago. E, depois de muitos dias, foi a primeira vez que senti paz.

E assim, na última semana de setembro atravessei o Pacífico com o incansável Dr. Ferguson.

Foi uma viagem inesquecível.

O Dr. Ferguson é um homem muito agradável, calorosamente sensível e bastante autêntico. Ele tem o dom de saber incentivar os outros, de influenciar as pessoas, levando-as a reconhecer e enxergar todo o seu potencial latente.

Ele me aconselhou a descobrir formas mais amplas de influenciar os crentes leigos a exercerem a mordomia plena de sua vida.

Sentia-me muito entusiasmado com os dias que passaríamos ali, trabalhando juntos. Mas assim que chegamos a Formosa, ele recebeu um telegrama de sua esposa. O filho deles sofrera um acidente numa caçada, e morrerá.

— Tenho que voltar para casa, disse ele.

Concordei com ele.

— Você pode substituir-me no trabalho, acrescentou.

— Eu?

Aquilo me deixou apavorado.

— Basta apenas que dê seu testemunho, Stanley. Conte tudo que Deus tem feito em sua vida. Isso pode até surtir mais efeito do que as minhas pregações.

Procurei replicar. Ele me escutou, mas não se convenceu.

— Desde que conheci você na sua igreja, em Lima, explicou ele, tive uma impressão muito forte com relação a essa viagem. Senti que você deveria vir por causa do seu futuro nesse trabalho, e pelo futuro de missões no mundo.

Não entendi bem o que ele estava dizendo.

— Todas as vezes que penso no assunto, continuou ele, tenho a sensação cada vez mais forte de que você pode fazer muito bem esse trabalho de incentivar leigos para sustentarem o trabalho missionário.

— De que modo? indaguei. Não posso largar meus negócios.

— Não vai precisar largar.

Juntamente com outros missionários, fui acompanhar o Dr. Ferguson ao aeroporto. Foi com uma estranha sensação de temor que vi o avião decolar, ganhar altura e partir em direção ao horizonte.

Naquela noite, tive minha primeira responsabilidade de substituir Ferguson. Quando me aproximei do púlpito, tive a sensação de estar sendo atravessado por uma faca fria e quente. Orei a Deus pedindo

coragem, pedindo que me ditasse as palavras certas.

Foi difícilimo.

Após a primeira mensagem, virei-me para o intérprete, um pastor chinês, e perguntei:

— Você acha que eles entenderam alguma coisa do que disse?

Ele inclinou ligeiramente a cabeça, com um gesto educado, e disse, procurando expressar bondade no seu tom de voz:

— Sr. Tam, talvez na próxima vez o senhor deva tentar melhorar.

E ao seguir de um lugar para outro, tentando laboriosamente substituir o Dr. Ferguson, pude sentir que os ouvintes se mostravam bastante decepcionados.

A certa altura, chegamos a uma igreja que estava dividida devido a lutas internas. Metade dela apoiava uma junta missionária, e a outra metade, outra junta. Tive a sensação de ter entrado num cemitério.

Quando me preparava para a terceira mensagem, Deus colocou em meu coração mencionar uma simples equação: “Nada + Deus = Deus.” Alinharei algumas idéias, mas passei mais tempo em oração, do que pensando o que iria dizer. Estava desesperado. Sentia-me totalmente fracassado. Não que eu achasse que tinha de ser um grande pregador, não. Mas tinha a impressão de que estava decepcionando a Deus. Mas o Senhor abençoou aquela mensagem, e um espírito de purificação e capacitação e renovação sobreveio à igreja. Foi uma das maiores experiências de minha vida.

Alguns dias depois, compreendi a razão disso. Recebi uma carta de minha esposa na qual ela dizia: “Assim que soubemos da tragédia que se abateu sobre a família do Dr. Ferguson e compreendemos que você iria ficar aí para fazer o trabalho dele, toda a igreja se pôs a orar por você.”

A notícia chegara a Lima no dia 7 de novembro, justo no dia em que falei sobre o tema: “Nada + Deus = Deus.”

Tenho uma fé muito grande no poder da oração. Não me peçam para explicar o que é a oração, pois não sei. Nosso Deus que nos vê e sabe tudo a nosso respeito, pode interferir em nossa vida quando quiser. E muitas vezes interfere. Mas também gosta de ouvir nossa petição, quando reconhecemos perante ele nossas necessidades. O fato de ele querer ouvir nosso louvor a ele, ouvir nossa petição para depois, em resposta, abençoar-nos e operar em nossa vida nos momentos de provação, é uma característica especial da natureza divina.

É verdade que muitas pessoas relatam experiências empolgantes de respostas de oração simplesmente miraculosas. Já ouvi casos tão extraordinários que, francamente, não me atrevo nem a negá-los nem a confirmá-los. Só sei que Deus é bom, e que o nosso nada torna a onipotência dele mais evidente. No meu caso, sei que as experiências que melhor comprovam a realidade do poder da oração são as mais tranqüilas — a orientação que ele dá, a sabedoria, o poder que nos concede.

Muitas pessoas que quase nunca oram, nos momentos de dificuldade e calamidade recorrem a ele. E muitas vezes Deus atende por causa do seu amor. Mas é no caminhar diário com ele, no intercâmbio espiritual da comunhão, que nossas orações ganham um sentido mais pleno. Ora, alguém pode dizer que, no caso da situação que vivi no Oriente, os crentes começaram a orar por mim por causa da tensão em que me encontrava, mas acho que não foi essa a razão. As pessoas de nossa igreja são seres humanos comuns, com as mesmas virtudes e fraquezas de qualquer outro grupo da sociedade. A diferença reside na transformação espiritual por que passaram. Para eles a fé é um elemento vital para vida, pois sua existência toda se fundamenta em seu relacionamento com Cristo. Além disso, sempre pensam em tudo pela perspectiva do testemunho cristão, da orientação divina, de oportunidades para servirem a Deus e ao próximo. Assim sendo, quando minha esposa lhes

falou sobre o problema que ocorrera ao Dr. Ferguson, deixando-me com a responsabilidade de assumir os compromissos dele, meus amigos logo se puseram a orar a Deus, pedindo que ele me usasse.

E Deus tem a maior satisfação em atender essa oração do tipo “Usa-me, Senhor!”

Minha esposa escreveu-me: “Não apenas oramos por você, mas estamos convencidos de que, como Deus já sabia o que iria acontecer, ele colocou no coração do Dr. Ferguson aquela ansiedade para convidá-lo, já que isso acabaria tornando-se uma oportunidade maravilhosa para você, em que teria possibilidade de crescer muito em sua experiência cristã. E como teria sido triste se você tivesse insistido em não ir.”

O restante do trabalho foi muito diferente. Os missionários vinham falar comigo, abrindo o coração. Sempre que dava meu testemunho, em igrejas ou em auditórios, o Espírito Santo tocava o coração dos ouvintes.

Na Coréia, nas reuniões de oração matutinas, às cinco horas da manhã, as igrejas ficavam cheias. E nem precisávamos fazer anúncios das reuniões noturnas; nem precisávamos visitar os crentes convidando-os para os cultos. Bastava simplesmente acender as luzes do templo, e meia hora depois estaria lotado. Para um desconhecido pregador leigo americano, isso era uma oportunidade de ouro. Na Coréia não se faz a divulgação de um culto ou reunião com base no nome do orador. Ali as pessoas vão às reuniões porque acreditam no que Jesus disse quando prometeu: *“Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles.”* (Mt 18.20.)

Eu recebi mais bênçãos através daqueles irmãos do que eles através de mim.

E foi na Coréia que um importante versículo bíblico como que saltou das páginas da Palavra de Deus e penetrou em meu coração, ficando ali gravado para sempre. Vou narrar como isso aconteceu, mas antes gostaria de falar de um privilégio especial que

Deus me concedeu num avião, quando viajava de Seul para Tóquio. A certa altura do vôo, fui ao banheiro, e quando voltei ao meu lugar, vi que alguém o ocupava. Como o avião não estava lotado, não disse nada, e procurei outro assento.

Sentei-me num banco do corredor; à janela, estava um senhor coreano. Pensei em conversar com ele, mas achei que ele iria logo apontar para a boca e ouvidos, indicando que não falava nem entendia inglês. Mas depois, obedecendo a um impulso, cumprimentei-o.

— Olá!

Ele respondeu falando um inglês quase perfeito.

— Onde aprendeu a falar inglês tão bem? indaguei.

— Quando eu era jovem, explicou, meu pai me disse que se eu aprendesse a falar inglês, não teria problema para ganhar dinheiro. Então fui para Shanghai e estudei lá. Hoje, sou um empresário e estou vendo que o que meu pai disse é verdade.

— Também sou empresário, disse-lhe.

— Tem sua própria empresa?

— Tenho, repliquei.

— É o único proprietário?

— Não; tenho sociedade com outra pessoa.

— É o sócio majoritário?

— Não; o meu sócio é quem tem controle de maior parte do negócio. Aliás ele é uma pessoa maravilhosa. Gostaria de falar-lhe a respeito dele.

— Ah, claro, disse meu amigo coreano; fale sobre ele.

Então lhe expliquei tudo. Ele ouviu com atenção.

— Isso é ótimo, falou afinal. Também sou crente.

— Maravilhoso! exclamei. Conheci muitos crentes extraordinários em sua terra. Deveria ter percebido que o senhor também o é. Gostaria de saber como se converteu.

— Bom, disse ele, foi assim. Tenho um tio que é crente. Eu sempre o admirei muito, e resolvi que me tornaria crente como meu tio. Pensei nisso durante muito tempo. E uma noite, estava sentado em minha

casa, e então me ocorreu como eu faria para tornar-me crente. Sou muito rico, mas tenho muitos parentes que são pobres. Então resolvi convidar esses parentes pobres para virem morar em minha casa. Disse-lhes que viessem e que eu cuidaria deles. Daria casa para morarem; daria roupas e alimentos. E também estou pagando os estudos de seus filhos. E foi assim, Sr. Tam, que me tornei crente.

Fiz uma oração rápida a Deus, pedindo a orientação dele, e disse:

— Sr. Tsung, é muito bom a gente conhecer um homem de coração generoso como o senhor, e que tem esse grande desejo de conhecer a Deus. Estou percebendo que não foi por acaso que nos encontramos aqui neste avião. Estou com minha Bíblia aqui. Vamos examinar alguns versículos, e ver o que é realmente abandonar os pecados e tornar-se filho de Deus.

— Gostaria muito de ver isso, disse ele.

Então, ficamos alguns minutos lendo a Bíblia, e procurei, com muito tato, transmitir a ele a mensagem da salvação.

— Veja este versículo aqui, disse eu abrindo em Isaías. Quer fazer o favor de ler?

— *“Mas todos nós somos como o imundo”,* leu ele, *“e todas as nossas justiças como trapo da imundícia”.* (Is 64.6.)

Em seguida, abri no livro de Efésios.

— Já viu este texto aqui? indaguei.

— *“Porque pela graça sois salvos”,* leu o Sr. Tsung, *“mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie.”* (Ef 2.8.)

— É muito interessante notar, Sr. Tsung, que Deus faz o maior empenho em nos mostrar que, por mais caridosos que sejamos aqui na terra, isso não nos torna justos para ir ao céu. Foi por isso que Jesus teve de vir ao mundo. A Bíblia ensina isso. *“Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal.”* (1 Tm 1.15.)

Comecei a perceber em seus olhos a evidência de uma profunda fome espiritual.

— Eu queria perguntar-lhe uma coisa: o senhor já recebeu a Jesus Cristo como seu Salvador pessoal, do modo como a Bíblia claramente mostra?

— Não; ainda não, Sr. Tam.

— Gostaria de fazê-lo?

— Alguma coisa me diz que é isto que preciso fazer, falou.

Inclinamos a cabeça ali mesmo, e tive a honra e o privilégio de guiar aquele homem em seus primeiros passos na vida cristã, recebendo a Cristo em seu coração.

Despedimo-nos no aeroporto de Haneda, em Tóquio. Três dias depois fui a um banco apanhar dinheiro, e quando estava na fila avistei o Sr. Tsung à minha frente. Conversamos e eu disse:

— Vamos a um culto evangélico hoje à noite?

— Com muito prazer, replicou.

E para minha satisfação ele não apenas foi ao culto como também deu seu testemunho, de forma clara e inconfundível, falando da fé que agora possuía. Depois que voltei para os Estados Unidos, semanas mais tarde, recebi uma carta dele, que dizia:

“Minha esposa também quer ser crente, mas da maneira certa. Será que pode enviar-me algumas orientações sobre como devo falar com ela? Ela deseja ter a mesma paz que tenho.”

Respondi imediatamente.

Passado algum tempo, recebi outra carta com uma nota de dez dólares. Nela ele dizia:

“Compre para mim alguns livros evangélicos; tudo que o dinheiro der para comprar.”

E aquele simpático coreano tornou-se para mim um símbolo de bênção, durante aquela viagem.

Em Hong Kong, hospedei-me no belíssimo Hotel Internacional, no centro de Kowloon. Certo dia, quando estava parado no saguão, esperando um missionário que viria apanhar-me para me levar a uma

escola, aproximou-se de mim um carregador, que me perguntou:

— Senhor, que livro é esse em sua mão?

— É uma Bíblia, respondi.

Ele olhou para o livro muito curioso, e fiquei a pensar se ele tinha alguma idéia a respeito de Deus e de sua Palavra. Então disse a ele:

— Este livro é o livro de Deus. Aqui, ele nos revela o segredo para termos a vida eterna.

Ele fez mais algumas perguntas. Mais dois carregadores se aproximaram de onde estávamos. E nos engajamos numa animada conversa a respeito da Bíblia e da fé cristã. Tive o cuidado de não falar nada sobre o Budismo nem sobre outras religiões orientais, procurando sempre fazer declarações positivas acerca da atuação de Deus na vida daqueles que confiam nele.

A certa altura, chegou o missionário que eu esperava, e tive que pedir licença e sair, mas antes dei a eles um panfleto no qual estava impresso meu testemunho. Ao sair pela porta do saguão para a rua, olhei para trás, e notei que o liam avidamente.

— Vou tentar conversar de novo com aqueles homens, falei ao missionário. Eles parecem estar muito interessados.

Mas quando voltei ao hotel já era bem tarde, e os carregadores que ali estavam eram outros. Fui para meu quarto.

Quando me preparava para deitar-me, o telefone tocou. Era o gerente do hotel.

— Sinto muito ter que incomodá-lo a esta hora, Sr. Tam, disse ele. Mas será que pode vir à minha sala agora?

— Algum problema? indaguei.

— Não; nada de grave, explicou. Mas preciso conversar com o senhor.

— Já vou me deitar.

— Ah, desculpe-me.

— Mas...

— Será que pode vir bem cedo de manhã? Se eu puder falar com o senhor na hora do café será ótimo.

No outro dia, pela manhã, fui à sala dele.

Retirando do bolso um panfleto com meu testemunho, disse:

— Um dos carregadores me deu isso aqui. Li com muito interesse. Estou vendo que o senhor é um empresário americano e que teve muitas experiências interessantes. Queria que falasse aos empregados do hotel, e explicasse melhor o que está escrito aqui.

Senti uma grande alegria e fiquei estupefato.

— Mas não quero abusar do senhor, desculpou-se ele.

— Não, não! interrompi, recuperando o auto-domínio. Teria muita satisfação em atendê-lo.

Informei-o de que tinha compromissos na parte da manhã, mas estaria de volta no meio da tarde. Marcamos então para as três horas.

Para minha surpresa, vi que ele tinha reunido cerca de sessenta pessoas no refeitório.

— Essas pessoas não são todas funcionárias nossas, explicou ele; mas como havia muitas cadeiras tomei a liberdade de convidar algumas outras pessoas.

E foi assim que tive o privilégio de falar àquelas pessoas o que Cristo havia feito em minha vida, com o gerente do hotel servindo de intérprete.

No dia seguinte, quando me dirigi ao balcão da recepção para pagar minha conta, o recepcionista me mostrou a conta. Embaixo, estava escrito, *Liquidado*, e fora feito pelo gerente.

O carregador que pegou minha bagagem para levar até à porta era o mesmo que tinha começado a conversa comigo no saguão. Quando quis dar-lhe uma gorjeta, ele não estendeu a mão, e disse:

— Não posso aceitar a gorjeta, senhor. Sou eu quem está em dívida com o senhor por haver-me mostrado o caminho para Cristo.

Foi então que comecei a entender o significado do versículo que Deus tinha gravado em meu coração, quando estava na Coréia: *"Pede-me e eu te darei as*

nações por herança.” (Sl 2.8.) Esse verso me ocorrera no momento em que me encontrava entre pessoas que haviam sofrido muito, tanto como seres humanos quanto como crentes. Na ocasião, contestei: “Mas, Senhor, este verso é para missionários, não é?” Mas o texto continuava voltando-me à mente, e a cada vez com uma impressão mais forte, até que, no dia 24 de novembro de 1952, sublinhei-o em minha Bíblia, e orei: “Senhor, estou reivindicando o cumprimento dessa promessa. Não sei por que estás apresentando um verso destes a um leigo, mas aceito-o como vindo de ti.”

Ao lado desse verso, escrevi na margem de minha Bíblia: “É maravilhoso que um leigo possa ser guiado pelo Espírito Santo.”

Essa experiência constituiu um marco definitivo em minha vida. Dizem os entendidos que poucos são os adultos que fazem alterações significativas na direção que imprimem à sua vida, após os vinte e cinco anos. Mas os crentes precisam compreender que uma das características nossas deve ser justamente a maleabilidade. Temos que estar à disposição do Espírito Santo para que ele opere em nossa vida quaisquer mudanças que ele desejar, seja qual for a nossa idade.

E minha vida foi radicalmente transformada por aquele verso bíblico que Deus me apresentou ali na Coréia. *As nações por herança.* Naturalmente, eu já tinha lido o Salmo 2 antes. Já conhecia esse versículo. Mas antes dessa viagem meu interesse por missões fora apenas nominal. É claro que eu tinha interesse pelo trabalho missionário, talvez mais até do que muitos crentes. Mas nunca havia percebido, com tanta clareza e realismo, como o mundo está perdido, sem Cristo.

As nações por herança!

Essas palavras continuaram a me passar pela mente durante todo o restante da viagem. E em Bangkok, o Espírito Santo colocou diante de mim um novo conceito, também do livro de Salmos, um clamor que parte do coração do Rei Davi: “*Quando contem-*

plo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, que dele te lembres?... Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão, e sob seus pés tudo lhe puseste.” (Sl 8.3,4,6.)

Essa colocação a respeito da condição do homem em relação à criação é muito significativa.

Agora eu entendia a implicação de tudo. Eu poderia ajudar a salvar um mundo perdido que estava morrendo. Então orei assim: “Senhor, eu aceito esse desafio. Então orienta-me na direção de meus negócios de modo que possamos ganhar muito dinheiro e eu possa reivindicar o cumprimento dessas promessas.”

Senti-me como um soldado totalmente confiante na vitória.

Mas foi somente três anos depois, quando eu e minha esposa fizemos uma viagem à América do Sul, que entendi plenamente a implicação desses conceitos.

13

Por volta de 1950 nossos negócios haviam prosperado tanto que resolvemos elevar para sessenta por cento o volume das ações controladas pela Stanita Foundation, uma organização sem fins lucrativos. Sendo por natureza muito orgulhoso, houve momentos em que cedi à tentação de me sentir gratificado. Mas bem lá no fundo do coração brotava uma torrente de gratidão aos céus, pois não existe outra experiência mais satisfatória do que investirmos tudo que temos e nós mesmos no reino de Deus.

Era o que eu pensava.

Nos anos que se seguiram surgiram um sem número de oportunidades para falar a outros grupos — clubes, associações, agremiações, faculdades, e, naturalmente, igrejas e acampamentos. Orei pedindo a Deus que me desse o desejo constante de exaltar a Cristo, e nunca a mim mesmo. Deus dissera ao profeta Isaías: *“Eu sou o Senhor, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem.”* (Is 42.8.) Nós crentes devemos encarar essas palavras seriamente.

Paulo dá uma exortação à igreja de Corinto que também contém outro conceito básico a respeito da maneira correta para a utilização de nossos recursos: *“Pois quem é que te faz sobressair? e que tens tu que*

não tenhas recebido? e, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?" (1 Co 4.7.)

Que palavras arrasadoras!

A pergunta *quem é que te faz sobressair?* é uma alusão às nossas características físicas. E a outra, *que tens tu que não tenhas recebido?*, é referência aos nossos talentos e habilidades. Ambas provêm de Deus. Não há dúvida de que muita gente terá que se humilhar diante do trono de Deus no dia do juízo, pois não terão resposta para a seguinte pergunta: *E se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tivera recebido?*

Para ser sincero, gosto de ver um auditório à minha frente; gosto de ver aqueles que a princípio estavam céticos serem tocados pelo Espírito Santo, à medida em que Deus usa meu testemunho para falar ao coração deles. Mas tenho que estar sempre atento para não me deixar dominar pelo orgulho.

Certamente Deus detesta o orgulho mais que qualquer outro pecado, a não ser, é claro, a rejeição a Cristo. Mas tenho a impressão de que a maior parte das pessoas que ouvem o evangelho e o rejeitam, o faz mais por orgulho do que por outro motivo.

Mas também podemos fazer da humildade um ídolo.

Temos que reconhecer nossos talentos e habilidades da mesma forma que reconhecemos nossas incapacidades. Se ser humilde, para nós, significa nos retrairmos, e ocultarmos debaixo de um cesto a luz dos dons que Deus nos confiou, isso não é virtude alguma. Na verdade, uma humildade assim parece ser um tipo de orgulho, principalmente se a pessoa se esforça ao máximo para ser conhecida por sua humildade. Acredito que um crente pode ser uma pessoa extrovertida, disposta a empregar seus talentos em favor de causas boas, a ajudar os outros em tudo, e de certa forma tornar-se uma figura pública, e ao mesmo tempo não se deixar dominar pelo orgulho.

Parece-me que a verdadeira humildade nada mais é que uma espécie de válvula de segurança dessa

pressão interior que gera orgulho em nós.

Em 1951 eu aprendi uma grande lição nessa questão.

O redator-chefe de uma revista evangélica veio ao meu escritório um dia e perguntou se poderia entrevistar-me para escrever um artigo a respeito de evangelismo pessoal e visitaçào de casa em casa. Concordei, e pouco depois saía a revista. O redator havia escrito um bellissimo artigo e o ilustrara com muitas fotos e textos sobre este tal de Tam.

Era a primeira vez que eu me via recebendo tal promoção, e fiquei “deslumbrado”. Então tive uma idéia: por que não tirar cópias do artigo para distribuir? Fui a uma gráfica e disse ao impressor:

— Faça uma cópia desse artigo, mas quero colocar uma fotografia melhor.

— Tudo bem, respondeu o homem. Quantas cópias vai querer?

— Vamos começar com umas dez mil.

Então, todas as vezes que eu ia falar em uma igreja, deixava no fundo do salão uma pilha dessas cópias, para as pessoas apanharem à saída.

— É uma ótima idéia, diziam os pastores. Isso é como uma continuação de seu ministério.

E muitos deles me pediam mais cópias do artigo para distribuírem aos membros que não haviam comparecido à reunião, ou para utilizarem em suas visitas pastorais.

Eu via aquelas cópias como uma tacada de mestre, e estou certo de que tinha as melhores intenções, já que muitas vezes orava a Deus pedindo sua bênção para aquele testemunho impresso, assim que ele chegasse às mãos de quem não tivesse ouvido minha preleção.

Mas algum tempo depois, comecei a ter problemas de consciência. Deus começou a falar ao meu coração.

“Stanley, por que você está distribuindo cópias daquele artigo da revista?”

“É o meu testemunho, Senhor. Quero que outras pessoas o leiam e recebam as mesmas bênçãos.”

“Mas essa é a verdadeira razão?”

“A tua Palavra diz: *“O que ganha almas é sábio”*, argumentei. E eu quero incentivar outros para que se tornem boas testemunhas.”

“Mas essa é a razão principal?”

Então, uma profunda convicção de erro penetrou em meu coração. Eu sabia que a verdadeira razão por que fizera aquelas cópias era que todos ficassem sabendo que a revista tal tinha Stanley Tam em alta conta; tão alta que publicara um artigo de página de centro a respeito dele. O que eu queria era cultivar a imagem de Tam.

Assim, num sábado pela manhã, sentindo-me arrasado por ter-me deixado dominar pelo ego de modo tão flagrante, peguei o carro e fui à fábrica, e coloquei todos os exemplares do artigo no veículo e me dirigi para o aterro de lixo.

“Perdoa-me, Senhor”, orei, “O orgulho é um câncer, e quase permiti que ele corroesse minha eficiência no testemunho.”

Essa experiência acabou-se tornando um marco em minha vida; um marco positivo. E passei a enxergá-la como base para minha determinação de ser sempre obediente a Deus.

Três semanas depois, um funcionário da expedição veio à minha sala e disse:

— Acabaram os panfletos de instruções para uso dos coletores de prata.

— Não pode ser, repliquei. Temos ainda muitos milhares deles nas prateleiras.

— Já procurei, Sr. Tam. Eu também tinha certeza de que ainda havia muitos deles aí, depois que tirei alguns no mês passado, mas acabaram todos.

— Vamos lá. Vou lhe mostrar onde estão.

Quando nos encaminhávamos para o almoxarifado, o rapaz disse:

— O único impresso que encontrei lá foi aquele testemunho do senhor.

Senti meu rosto empalidecer, e depois avermelhar. Eu apanhara quase dez mil panfletos de instru-

ções, pensando que eram os do meu testemunho, e os queimara no aterro sanitário. As cópias do artigo ainda estavam ali guardadas nas prateleiras, cerca de oito mil exemplares.

Senti-me completamente humilhado.

“Senhor”, orei, “quero entender a lição completa que tens para me ensinar nesse episódio. Crucifica meu orgulho, Senhor. Tu tens sido tão bom para mim, dando-me tantas bênçãos materiais e espirituais. Não permita que eu me orgulhe disso. Sou apenas um ser humano. Mas quero que tua Palavra tenha uma presença cada vez mais vital em mim. Quero poder dizer com toda a sinceridade: *“Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo.”* (Gl 6.14.)

Estava tão desgostoso comigo mesmo que não consegui nem conversar sobre o assunto com meu pastor, embora ele fosse um homem muito espiritual, que já havia me dado muitos conselhos proveitosos e me edificara muito.

Não falei a ninguém sobre esse fato, até que um dia um líder cristão de outro lugar veio ao meu escritório. Conversamos sobre diversos assuntos, e depois comentei a respeito desse meu problema.

— Eu gostaria de ver um desses artigos, disse ele.

— Fico meio constrangido de mostrar-lhe, falei.

Mas ele o leu e fiquei a observá-lo. Comecei a desejar que não tivesse falado nada com ele. Depois de terminar a leitura, ele disse:

— Mas isso aqui não tem nada de mais. O problema estava todo em seu coração. Mas pelo que me disse, parece que já acertou tudo com Deus.

— Já. Eu já confessei meu pecado, e resolvi que, com a ajuda de Deus, esse tipo de atitude não mais acontecerá, expliquei.

— Se esse é o caso, sugiro que continue a distribuir os impressos. Eles podem ser uma bênção para muitas pessoas. Aliás, eu mesmo gostaria de ficar com um bom número deles.

Acatei o conselho dele, e depois disso não apenas utilizei os panfletos restantes, mas já mandei fazer outras impressões do artigo. E foi ele que Deus utilizou para abrir as portas para que eu desse meu testemunho no Hotel Internacional, em Hong Kong.

Então essa se tornou minha ocupação principal: testemunhar acerca da operação de Deus em minha vida.

Uma outra grande bênção divina para mim foi a formação do quadro de funcionários que trabalham em nossa firma. Muitos deles também têm consciência de que são apenas mordomos de Deus, como eu e minha esposa. E não há dúvida de que, como já disse alguém, para o crente não deve haver duas facetas de vida, uma espiritual e uma secular. Todos os aspectos de nossa vida devem estar relacionados com Cristo, de tal forma que até mesmo pregar um prego pode ser um ato de culto, feito em seu nome.

Como trabalhamos muito através do correio, grande parte de nossas operações se tornaram rotineiras. E é isso que praticamente tornam possíveis minhas saídas para pregar. Mas, se não houver um bom gerenciamento, até uma rotina bem organizada pode fracassar. E nós contamos com um bom gerente. Earl Gaskill está trabalhando conosco desde os primeiros dias de vida da companhia; é o nosso gerente geral. Peter Courlass é o chefe dos escritórios. Em nossas reuniões de chefia às vezes discutimos bastante, porque sempre há muito serviço em nossa firma. Mas o que mais me faz vibrar com relação a esses dois homens não é o fato de que trabalham com muita eficiência, como se a firma fosse deles, mas que eles possuem os mesmos objetivos espirituais que nós. Eles desejam que a firma funcione bem e tenha bons lucros, porque também querem ver mais dinheiro injetado na obra de Cristo.

Muitas vezes, quando me levanto diante de um grupo para pregar, tenho a impressão de que esses homens e muitos outros de nossos dedicados funcionários se acham ali comigo.

Estamos dando cada vez mais ênfase à obra missionária. Acho maravilhoso tudo que Deus tem realizado em nosso favor, nos Estados Unidos, as oportunidades que tem dado ao nosso grupo de ser uma bênção para pessoas com problemas, mas não nos esquecemos da mensagem que Jesus deixou antes de voltar ao céu. Ele disse que deveríamos ser suas testemunhas, não apenas no lugar onde estivermos, mas também até os confins da terra. Ele não colocou isso diante de nós como uma alternativa, mas disse que devíamos testemunhar tanto numa como noutra parte.

Eu acredito firmemente que uma das razões de nossas duas companhias terem prosperado não é apenas pelo fato de dedicarmos os lucros a Deus, mas também por carreamos grande parte dos lucros para o trabalho de missões no exterior.

Embora eu esteja bem consciente do perigo de darmos ao trabalho de missões um enfoque muito sentimental e de retirá-lo de sua perspectiva correta, mesmo assim acredito que Deus atribui grande importância à obra missionária. Foi assim com as viagens missionárias do apóstolo Paulo, quando ele evangelizou povos que nunca tinham ouvido falar de Cristo. Parece que algo de estranho se passa no coração do crente que realmente se interessa pelo trabalho missionário. Muitas vezes Deus lhe faz certas exigências que não requer de outros crentes.

Eu tive uma experiência assim, que resultou de um convite que recebi no final de 1954. O convite me fora feito por crentes do sul, chamando-me para falar em diversas igrejas e convenções.

Em janeiro do ano seguinte, eu e minha esposa viajamos ao Equador, Peru, Brasil e Colômbia, para visitar o trabalho missionário nesses lugares e dar nosso testemunho para os missionários e crentes desses países.

Mas o povo da América do Sul também iria ser uma grande bênção para nós, mais do que nós para

ele, já que o vibrante testemunho dessas pessoas me tocou profundamente o coração.

E em Medellin, Colômbia, tive outra experiência crítica.

Foi-me dada a oportunidade de pregar nas três últimas noites de uma série de conferências dedicada ao avivamento. No sábado à noite, um pequeno grupo estava presente, ocupando apenas a metade do santuário. Mas assim que comecei a falar, senti uma atmosfera espiritual diferente de todas que conhecia. Como não falo espanhol, tive que pregar por meio de um intérprete. E comecei a perceber com grande clareza que o missionário que estava interpretando minha mensagem para os ouvintes falava com uma grande unção.

Ao encerrar a pregação falei: “Deus está presente aqui. Ele está falando a muitos corações, e quebrantando a muitos. Vamos inclinar a cabeça. Se Deus falou ao seu coração hoje, saia de seu lugar e venha aqui à frente.”

Imediatamente, algumas pessoas começaram a vir. Minha mensagem não tivera nada de emocionante, a não ser o fato de apelar aos presentes a que recebessem a Cristo, dando a ele o primeiro lugar na sua vida. Mas muitos deles choravam. Minha esposa pode dar testemunho de que nenhum de nós tinha visto coisas assim antes.

Nem depois.

Foi tudo maravilhosamente espontâneo.

Normalmente, quando um pregador acaba de falar, ele se senta. Mas eu não consegui. Permaneci de pé, como que chumbado ao chão. Pois estava tendo mais uma experiência com Deus que seria outro marco em minha vida.

“Para você, qual é a coisa mais importante do mundo?” indagou ele.

Olhei para aquelas pessoas ali à frente.

“Ver pessoas buscando a tua face, Senhor, depois de eu dar uma palavra de testemunho, abençoada pelo Espírito Santo”, repliquei.

“Stanley, se uma alma é a coisa de maior valor do mundo, qual é o melhor investimento que você pode fazer, e que lhe pagará os maiores dividendos, dentro de cem anos?”

Por uns instantes, tive a impressão de que conseguira colocar-me no futuro, a cem anos na frente, e de lá, contemplar o passado, e ver minha vida. Via a casa que possuía, o dinheiro que tinha no banco, os investimentos que fizera em algumas outras companhias, os planos que tinha para obter maiores lucros no futuro. Eu estava dedicando a Deus sessenta por cento dos lucros do negócio, e ainda vivia muito bem, com os quarenta que me tocavam.

“O que estás querendo, Senhor?” orei silenciosamente.

Era bastante arriscado fazer esse tipo de pergunta.

“Stanley”, eu escutava a voz de Deus me falando à mente de maneira inconfundível, “se você concorda que a coisa mais valiosa deste mundo é a alma humana, e também é o único investimento que paga dividendos por toda a eternidade, estaria disposto a, quando voltar para Ohio, tornar-se meu empregado?”

“Empregado, Senhor? Mas não é isso que sou?”

“Agora somos sócios, Stanley. Quero que passe para mim toda a empresa!”

Senti-me estupefato.

“Eu paguei um grande preço na cruz”, disse meu Mestre, “para que você pudesse tornar-se meu discípulo. Será que você está disposto a dar tudo que tem para que outros possam conhecer-me como você me conhece?”

Inclinei-me sobre o púlpito. Quem me via naturalmente pensava que eu estava orando pelas pessoas que tinham vindo à frente. Contudo, naquele momento achava-me totalmente desligado daquelas pessoas, da igreja e nem tinha consciência de que estava na América do Sul.

Não sei explicar o esplendor espiritual daquele instante. Sou uma pessoa como outra qualquer. Não creio possuir nenhuma ligação especial com Deus, a

não ser a que todo crente possui. Só sei dizer — e digo isso para glorificar a Deus — que, quando uma pessoa procura colocar Deus no centro de sua vida, pode esperar extraordinários encontros com ele.

Eu possuo uma mentalidade muito pragmática. Já disse que não sou um homem sentimental. Mas não tenho dúvida de que estava conversando mesmo com Deus, nos momentos que passei ali naquele púlpito. Se alguém duvida, responda então por que minha própria mente iria sugerir uma idéia tão contrária aos meus egoísticos interesses?

Só podia ser Deus mesmo quem me falava!

Estava-me pedindo para entregar minha empresa toda para ele.

Era incrível. Ultrapassava tudo que eu já havia pensado com relação à questão da mordomia e consagração pessoal.

Será que eu conseguiria fazer isso? A mesa da presidência em meu gabinete não seria mais minha; nem mesmo a caneta com que assinaria documentos. Durante dezenove anos eu vivera para a empresa; eu comia, dormia e vivia a empresa. Passara com ela por todas as fases: as dores do parto, o crescimento e agora o começo do sucesso. Normalmente, um homem de negócios pensa em sua firma o tempo todo. Seu planejamento é feito com um ano de antecedência. Ela é tudo para ele, sua vida, sua segurança.

E agora Deus me pedia para lhe entregar tudo.

“Está bem, Senhor”, consegui dizer afinal, no silêncio do meu coração, mas com firmeza. “Se é isto que queres, obedecerei. Sendo um homem de negócios, sei que é o melhor investimento que posso fazer.”

Momentos depois, voltei a concentrar-me no que acontecia naquele humilde templo, mas não comentei nada com ninguém. Mais tarde, quando eu e minha esposa já estávamos no quarto, ela disse:

— Foi um culto maravilhoso!

Acenei positivamente.

— Eu estava orando por você, continuou ela.

— Estava?

— Claro!

Ela me fitou com uma expressão interrogativa. Sorri ao perceber que aquele seu espanto significava que ela não entendera a razão de minha pergunta, mas naquele momento não lhe dei nenhuma explicação.

Cheguei à janela, e olhei para a rua lá embaixo. Três mulheres índias estavam sentadas no passeio, debaixo de uma brilhante lâmpada, as costas apoiadas em um muro de adobe, conversando, provavelmente sobre os acontecimentos do dia. Na rua, um lavrador passava puxando um burro carregando sacas de café. Em contraste com a cena bucólica, ouvia-se o ronco do motor de um caminhão que fazia a mudança de marcha ao aproximar-se de uma ladeira.

Sempre que vejo os menos afortunados deste mundo, elevo uma oração de gratidão a Deus. Dessa vez, ao olhar a rua lá embaixo, orei, mas minha oração tomou um rumo bem diferente.

— Está preocupado com alguma coisa? indagou Juanita.

Não respondi. Ela não insistiu mais e fomos dormir.

No dia seguinte, acordei muito cedo. Não estava-me sentindo muito bem. Após o café, peguei a Bíblia e saí, dirigindo-me a um lugar afastado, onde havia algumas árvores. Ali voltei a orar.

“Senhor”, disse em voz alta, “não vou conseguir fazer aquilo. Quando voltar para Ohio, não vou passar toda a minha empresa para ti. Sessenta por cento não chegam? Muitos nem entregam os 10%.”

Mas mesmo enquanto ainda estava orando, senti um grande peso em meu coração.

“É possível que a decisão que tomei ontem à noite tenha sido emocional.”

O peso aumentou.

“Então preciso que tu me mostres claramente, com uma indicação direta, da Bíblia. Por favor, Senhor, preciso ter certeza absoluta.”

Não defendo muito a prática mística de alguns crentes que procuram obter respostas de Deus abrindo

do a Bíblia ao acaso, colocando o dedo sobre um verso, e aceitando isso como uma orientação direta de Deus. Contudo, naquela manhã, abri a Bíblia, no evangelho de Mateus, capítulo 13, versos 45 e 46: “*O reino dos céus é também semelhante a um que negocia e procura boas pérolas; e tendo achado uma pérola de grande valor, vendeu tudo o que possuía, e a comprou.*”

O assunto estava encerrado!

E assim, no dia 15 de janeiro de 1955, eu disse a Deus que não iria mais ter ações nem da *States Smelting and Refining* nem da *United States Plastic Corporation*.

Todas as ações passavam a pertencer a ele. Eu seria apenas um empregado.

Anteriormente, quando passáramos uma parte de nossas ações para a fundação, minha esposa tinha tido uma atitude maravilhosa. Mas dessa vez, quando senti que teria que contar a ela essa minha última decisão, minha coragem arrefeceu. E foi somente várias semanas depois, após pregar em uma igreja em São Paulo, no Brasil, que tive coragem de falar-lhe.

E a atitude dela foi maravilhosa.

Na primeira negociação, quando eu pedira ao advogado para preparar a documentação — o mesmo advogado que de princípio só concordara em modificar meu testamento — ele me dissera:

— Concordo em fazer isso desde que coloquemos sua esposa nisso pelo menos como uma funcionária de meio expediente, de modo que as duas companhias fiquem protegidas, caso o senhor morra de repente.

Então hoje minha esposa é encarregada dos pagamentos, bem como de outros departamentos da firma para os quais ela possui uma habilidade singular.

Quando viajávamos para casa, voltando da América do Sul, eu disse a ela:

— Querida, agora que Deus vai ser o dono de toda a empresa, temos que lhe dar espaço para desenvolver.

Ela concordou.

Não entenda mal minha esposa. Ela tem idéias e vontade próprias. Mas também é uma dádiva especial que recebi de Deus, uma mulher que está sempre muito perto do Senhor e que procura obedecer a ele em tudo.

Taí uma fórmula certa para um casamento feliz.

Hávamos comprado um terreno nos arredores de Lima, e então resolvemos construir ali um complexo quatro vezes maior que o antigo. Resolvemos também que iríamos construir o prédio de forma a ser ele um testemunho silencioso e claro de nosso Deus. Pois ele ocupa uma faixa de cerca de 65 metros de extensão, às margens da Rodovia 30, que eu tão bem conheci no início de minha carreira como caixeiro-viajante. Num dos lados, há três janelas altas, representando a Trindade — Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. E perto das janelas, em aço inoxidável sobre o concreto da parede, bem visível aos que passam, a inscrição: **Cristo é a Solução.**

No toldo da entrada, há três pilastras redondas que representam a vida, a morte e a ressurreição de Cristo. E na pedra angular colocamos a inscrição: *“Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo.”* (1 Co 3.11.)

Tenho certeza de que foi a partir daí que a empresa começou a crescer de fato.

E é muito bom saber, muito gratificante reconhecer que todo o crescimento econômico que tivermos nos próximos anos vai resultar em fundos para a obra de Cristo no mundo.

E a nossa firma, a Stanita Foundation, está tão bem protegida, que há dois anos nosso contabilista me fez uma advertência nos seguintes termos:

— Vocês estão deduzindo os cinco por cento da renda que a receita federal permite para doações. Podem continuar a fazer isso, mas não podem passá-los à Stanita já que agora a fundação é a proprietária

de tudo, e portanto não pode receber doação de si mesma.

Isso significa que, como já disse, se eu e Juanita quisermos voltar a ser donos de nossas empresas, seremos obrigados a comprar os certificados de ações das mãos de nosso Pai celeste.

14

Havia um hino que cantávamos com freqüência na escola dominical, e que dizia o seguinte:

Conta as bênçãos, conta quantas são
Recebidas da divina mão;
Uma a uma, dize-as de uma vez,
Hás de ver, surpreso,
Quanto Deus já fez.*

Uma das bênçãos recebidas por aqueles que procuram, de todo o coração, dar a Cristo o primeiro lugar de sua vida, uma bênção que sempre me deixa admirado, é que o dia parece ter algumas horas a mais.

Para ser sincero, nenhum de nós está imune a essa psicose de pressa que afeta o mundo moderno. Mas àqueles a quem o Mestre diz *"Este é o caminho, andai por ele"* (Is 30.21), ele ajuda a encontrar tempo para executar tudo que precisa ser feito. Sempre encontramos tempo para as coisas mais importantes da vida: examinar silenciosamente as Escrituras, meditar e orar, ser uma bênção para aqueles que passam

* *Cantor Cristão*, n.º 329.

por nosso caminho, e desempenhar nossas responsabilidades normais.

Quando falo em responsabilidades normais, refiro-me aos relacionamentos familiares.

Aquele que afirma que está muito ocupado no serviço de Deus e por isso não pode dar atenção à sua família, na minha opinião está servindo a Deus demais. Mas não está servindo realmente, é claro, pois, de certa forma, sua bem intencionada dedicação ao Senhor fez com que sua vida se tornasse desequilibrada.

Eu e Juanita temos quatro filhas — Rachel, Becky, Prudy e Candy. E que mensageiras divinas essas quatro vidas têm sido para mim!

Como Deus não nos deu um filho, recaiu sobre minha esposa a maior parte da responsabilidade da orientação delas. Entretanto, a despeito de minhas falhas, sempre procurei não faltar com minha parcela de responsabilidade para com elas, por mais curto que fosse meu tempo, sempre mais dedicado a outras ocupações.

Quando as meninas eram menores, muitas vezes ficávamos a correr e brincar pela sala. Costumava contar-lhes histórias que eu mesmo inventava, por vezes meio aventureiras, mas por isso mesmo mais interessantes para elas, dada a sua necessidade de aventuras. Mesmo quando eu tinha que sair à noite, devido às minhas responsabilidades na comunidade, procurava retardar ao máximo o momento de sair, para termos tempo de nos ajoelhar ao lado da cama delas, ensinando-lhes a lição mais importante da vida — a de conversar com Deus, e comentar com ele, em detalhes, todas as necessidades e atividades.

Também memorizávamos muitos textos bíblicos, juntos. Na minha opinião, o crente que não guarda na memória um bom número de versículos bíblicos é semelhante a um caçador que sai com seu rifle, mas não leva balas.

Deus permitiu também que eu e Juanita as guiássemos, uma a uma, ao limiar da fé. Tenho pena dos

pais e mães crentes que deixam somente com a igreja a tarefa da conversão de seus filhos. A Bíblia diz: *"Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele."* (Pv 22.6.) Para mim, isso significa claramente que temos a responsabilidade de ensinar nossos filhos, e também que, se a assumirmos, Deus garantirá os resultados.

Ensinar a criança quer dizer, antes de tudo, levá-la a conhecer a provisão divina para sua redenção, mas depois guiá-la também em seus passos na vida cristã. De certa forma, isso implica em doutrinar. A meu ver, porém, a melhor palavra para definir isso é treinar. E para se treinar alguém, seja ensinando a um novo empregado o seu serviço, ou dando qualquer outro tipo de instrução, o melhor método que existe — ainda não superado — é o exemplo. Não basta dizer a uma criança que ela deve confiar em Cristo e viver para a glória dele. É preciso que ela veja o que isso significa na prática, através do seu exemplo, em palavras e ações.

Sexta-feira à noite era a noite da família, principalmente quando as meninas eram menores. Juanita fazia pipoca e doces, e eu montava o projetor e exibíamos filmes. Elas adoravam os desenhos do Mickey, e mais ainda quando eu os mostrava de trás para diante. Jogávamos alguns joguinhos, contávamos casos, ríamos muito, e cantávamos. Às vezes me parecia que eu ficava mais ansioso pela chegada da sexta-feira do que as meninas.

Tanto eu como minha esposa dávamos muita importância à escolha do local para nossa viagem de férias. Nessas viagens, conhecemos desde o Maine até a Califórnia, desde o Canadá até o Golfo do México. E não era só o destino, mas a própria viagem em si se tornara um divertimento para nós.

Em nossa casa também dávamos muita importância ao trabalho de missões. Orávamos pelos missionários e estávamos sempre conversando sobre o trabalho deles. Nem sempre as crianças compreendiam bem os detalhes disso, principalmente quando ainda

eram pequenas. Lembro-me de certa ocasião quando Rachel deixou transparecer a confusão que fazia acerca do que era campo missionário ao orar: “Senhor, abençoe os missionários dos campos de milho.” De outra feita uma delas disse: “Abençoe os chineses lá na África.”

Éramos muito firmes na disciplina. As meninas até acham que houve situações em que fomos exigentes demais. Rachel afirma:

— Como eu era a mais velha, foi comigo que meus pais aprenderam os detalhes sobre criação de filhos. Eu não conseguia entender por que eles eram tão rígidos acerca de certas coisas.

Tínhamos em casa uma espécie de palmatória, que era guardada no porão. Sempre que tinha que fazer uso dela numa das meninas, eu ia ao porão e me punha a contar. O número de palmadas que ela iria levar seria determinado pelo número a que eu chegaria até o momento em que a garota a ser castigada chegasse ali.

Não me considero um exímio disciplinador. Só posso dizer que fiz o que pude. E tinha sempre a preocupação de aliar amor e compreensão ao aplicar a disciplina. Sempre que eu e minha esposa castigávamos as crianças, primeiro nos assentávamos com elas e lhes explicávamos a razão do castigo. Procuramos também demonstrar um interesse real nas atividades delas. Não sei o que teria sido feito se tivesse um filho que gostasse de futebol, pois não sou muito apreciador de esportes. Mas quando em certa ocasião duas das meninas conseguiram classificar-se para tocar na banda escolar, fiz questão de estar sempre presente aos eventos esportivos.

Pensando bem, eu até ficava um pouco empolgado quando o time de Lima avançava no campo do adversário.

Ser pai ou mãe é uma responsabilidade muito complexa. O mundo é tão cheio de mudanças e variações que não podemos ter esperanças de alcançar a perfeição. Mas os filhos ficam satisfeitos quando

vêm que seus pais são autênticos, sinceros nos seus esforços. E a recompensa vem quando vemos em nossos filhos os frutos de nosso esforço em dar-lhes um exemplo positivo e ensinar-lhes o caminho certo.

Houve uma ocasião, por exemplo, em que Rachel se enamorou de um simpático rapaz, que jogava no time de futebol americano da escola, filho de um dos nossos principais funcionários. Ele era dois anos mais velho que ela, e portanto já estava no segundo ano da faculdade quando ela terminou o segundo grau. Nessa ocasião, ele estava-se afastando um pouco da fé devido à influência de alguns professores agnósticos de sua faculdade. Rachel veio falar comigo.

— Jack está muito confuso, disse ela. Ele não crê mais na autoridade da Bíblia como sendo a Palavra de Deus. Acha que os milagres de Jesus podem ser todos explicados racionalmente. Será que o senhor poderia conversar com ele?

Conversei com Jack várias vezes. Ele me ouviu; foi muito educado, mas já estava com a mente firme. De certo modo até gostei da sinceridade dele, pois ele gostava muito de minha filha, e sabia que pensando assim poderia perdê-la. Disse ele:

— A realidade é que o senhor vê as coisas de maneira diferente de mim. Não digo que os professores da faculdade sejam perfeitos, mas possuem uma cabeça incrível. Eles não estão querendo destruir a Bíblia, não. Estão tentando encontrar a verdade; e quando se aplicam os modernos métodos científicos à Bíblia, ela não passa no teste.

— Mas você tem certeza de que eles examinaram a Bíblia de forma justa? indaguei.

— Bom, eles não se dizem estudiosos da Bíblia.

— Mas será que eles fazem algum exame dela?

— Ah, todo mundo sabe que a Bíblia é um bom livro. O problema é que as pessoas o tiraram de sua perspectiva correta.

Tentei argumentar com ele. Não consegui.

Eu e Juanita ficamos muito preocupados. Nossa filha gostava muito do rapaz, mas não víamos condi-

ções de deixar o namoro prosseguir. Certo dia eu disse a Rachel:

— Eu e sua mãe oramos muito pelo seu futuro. Você sabe que estamos muito preocupados com seu namoro com Jack. Resolvemos mandá-la para uma faculdade evangélica no próximo ano. Lá você conhecerá muitos moços bons.

Ela não ofereceu muita resistência, mas pude perceber em seus olhos que seu interesse por Jack não iria morrer facilmente.

Durante vários meses, não houve nenhum problema. Mas por ocasião de uma semana de conferência na escola de Rachel, ela teve um novo encontro com Deus. Depois escreveu-nos:

“Eu disse a Deus que quero entregar minha vida totalmente a ele, como o senhor fez. Quero fazer a vontade dele em todos os aspectos de minha vida; em todas as minhas decisões e ações.”

Meus olhos encheram-se de lágrimas ao ler isso. Mas logo em seguida as lágrimas se secaram quando vi o que vinha depois.

“Procure compreender-me, papai. Sei que estão preocupados a respeito de meu namoro com Jack. Eu também estive. Mas quando ajoelhei no altar, na capela da escola, Deus me falou com muita clareza. E estou certa de que é da vontade dele que me case com Jack.”

Eu e minha esposa ficamos sem saber o que fazer. Tínhamos procurado ensinar nossas filhas a importância de se buscar a vontade de Deus. Será que devíamos escrever a Rachel e questionar a validade de sua experiência? Será que Deus havia realmente dito a ela para se casar com um rapaz incrédulo? E as nossas petições no sentido de que ela encontrasse na faculdade um rapaz crente?

A situação era bastante desalentadora.

Chegou o dia em que Jack pediu para conversar comigo e com minha esposa. Eu sabia o que ele queria.

— Vim pedir permissão para me casar com Ra-

chel, disse ele, ao se sentar conosco em nossa sala de visitas.

— Você nos honra com seu pedido, respondi. Mas sabe que não daria certo. Rachel deseja sinceramente buscar todas as bênçãos de Deus, mas você se afastou de sua fé.

— Sr. Tam, replicou ele olhando-me diretamente nos olhos, com grande firmeza, eu respeito a fé de Rachel. Eu não faria nada para obstruir seu anseio de ser uma boa crente. Mas eu também pensei muito nesses últimos meses. Sei que ela tem orado muito por mim. Eu percebi como as pessoas se armam de preconceitos contra a Bíblia. Elas não fazem um cuidadoso exame dela. Pois eu estou olhando-a com nova visão, e estou percebendo que muitos daqueles professores que estão contestando minha fé não estão-me dando nada para pôr no lugar dela. Já pedi perdão a Deus pela minha desobediência, e já voltei para ele.

Meu coração começou a cantar silenciosamente um hino de louvor a Deus.

Hoje Rachel e Jack têm um casal de filhos, e Jack é um estudioso do Novo Testamento grego.

Nossa segunda filha resolveu estudar em Houghton, uma faculdade em Nova Iorque. E essa decisão favoreceu a que eu bancasse o cupido na vida dela. Aconteceu que, por volta do Natal, tive que ir a Buffalo, uma cidade do Estado de Nova Iorque, para pregar, e então combinei com Becky de apanhá-la na escola para vir passar as festas em casa. Como sempre acontece nas faculdades, muitos estudantes procuram pegar carona com outros que estão viajando na direção de suas casas, e quatro rapazes pediram para irem conosco até Lima.

Um dos rapazes chamou minha atenção. Parecia possuir uma inteligência brilhante e um genuíno calor espiritual. Depois que os deixamos na estação rodoviária da cidade, perguntei a Becky:

— Como é o nome dele?

— O nome dele é Wes, disse ela.

— Fique de olho nele, aconselhei.

— Por quê?

— Nada; fique de olho nele.

E ela seguiu meu conselho.

Em maio do ano seguinte começaram a namorar. Agora já estão casados e pretendem trabalhar como missionários em algum país estrangeiro.

Quando Becky estava com quinze anos e Prudy, nossa terceira filha, estava com quatorze, demos um jeito para irem visitar alguns missionários na América do Sul. Queríamos que tivessem uma experiência memorável, como seria uma viagem ao exterior para qualquer jovem dessa idade, mas também orávamos a Deus para que o contato com a obra de missões tocasse o coração delas, e influenciasse sua mentalidade quanto a seu futuro.

Quando regressaram, eu e Juanita fomos encontrar-nos com elas em Miami. A essa altura, eu já as via como aprendizes de missionárias, e logo percebemos que a viagem fora uma experiência bastante significativa. Mas nossas filhas eram um tanto tímidas, e eu sabia que teríamos de conversar muito para convencê-las a contar em público suas experiências de viagem e passar os *slides*.

Na viagem de volta, quando passávamos por Tennessee, vimos um local onde havia um teleférico para se subir a uma montanha. Prudy viu aquilo e logo se esqueceu do passeio à América do Sul.

— Papai, disse ela, vamos andar naquilo?

Meu primeiro impulso foi recusar, mas tenho de confessar que às vezes cedo a tolas indulgências. Comecei a pensar.

— Vamos? insistiu Prudy.

— Está bem, disse eu, mas com uma condição.

— Qual?

— Vamos subir no teleférico só se você e Becky prometerem aceitar todos os convites que receberem para falar de sua viagem.

Mais tarde, além de falar, elas montaram uma cenazinha com roupas típicas da América do Sul, que

apresentavam todas as vezes que eram convidadas a dar seu testemunho e passar os *slides*, chegando a se apresentarem perante mais de uma centena de grupos.

Prudy sempre fora muito tímida, mas depois da viagem à América do Sul e de suas palestras, passou a ter maior simpatia e graça. Quando estudou na escola Asbury College, ocupou uma posição de liderança entre as colegas. Hoje é casada com um jovem estudante de medicina, que pretende ser missionário.

Embora algumas das meninas tenham passado por fases de extrema timidez, Candy é nossa embaixatriz na vizinhança. Ela se comunica e faz amizades com muita facilidade. Quando era pequena, ia à casa dos vizinhos e lhes contava tudo que se passava conosco. Com onze anos já sabia costurar e fazia seus próprios vestidos, e revelara também talento para desenhar. Estudou pintura, aprendeu a nadar, tornando-se exímia nadadora, e aprendeu a cavalgar como um *cowboy*. Sempre fazia tudo com muito entusiasmo e agilidade. E tanto foi que, quando quis tirar a carteira de motorista, o examinador a reprovou porque dirigira muito depressa.

Quanto a rapazes, a princípio, ela não dava muita importância a eles. Sendo uma garota muito ativa e gostando muito de divertir-se, ela preferia praticar esportes, a dar longos e contemplativos passeios, conversando com alguém à parte. Mas aconteceu que um determinado rapaz começou a dar atenção para outra jovem, e aí ela descobriu que gostava dele. Não queria comer, não dormia e tornou-se apática. Conversei com ela sobre o problema.

— Vamos orar a Deus e confiar em que ele vai unir vocês dois, disse a ela.

Candy gostou da idéia. Resolvemos pedir a Deus que nos respondesse num prazo de dez dias. Ela estava transbordando fé.

Mas dez dias depois, a situação continuava na mesma. Ela perdeu as esperanças.

— Pois vou continuar a orar, disse-lhe. Quere-

mos que Deus faça a vontade dele, e ele a fará.

Cinco dias depois o rapaz voltou toda a sua atenção para Candy.

Foi um namorico de criança, na verdade, mas de muita importância para a menina. E esse episódio nos uniu muito. Mas essa nossa união foi logo estragada por uma outra situação.

Televisão.

Detesto televisão.

Enquanto os telhados das casas vizinhas iam-se enchendo de antenas, continuávamos com nosso rádio, bons livros e revistas e um aparelho de som.

Candy ficava meio irritada com isso, e vez por outra dava uma fugidela à casa de algum vizinho para ver um ou outro programa, principalmente quando eu viajava.

Juanita começou a ficar preocupada.

— Não seria melhor termos uma televisão aqui, onde podemos saber a que ela está assistindo, e controlar tudo, disse ela, em vez de expô-la à tentação de ir à casa dos outros para ver?

A idéia de que uma de minhas filhas saísse furtivamente de casa me deixava furioso.

— Não se trata realmente de fugir, Stan, explicou minha esposa intercedendo. Pense em você quando era garoto. Se surgisse um invento como a televisão e você não tivesse a menor oportunidade de vê-lo, ficaria contente?

— Juanita, retuquei com firmeza, não vamos ter uma televisão nesta casa.

A essa altura, Candy já se tornara uma encantadora mocinha, boa aluna, calma, com um espírito caloroso, com amigos bons e dignos. Mas abrira-se uma lacuna entre nós. Sempre que eu chegava em casa do serviço, procurava conversar com ela.

— Oi, Candy, dizia.

— Oi, pai, respondia sempre alegre.

— Aconteceu alguma coisa de extraordinário na escola hoje?

— Nada de especial.

— Tem muito dever para casa?

— Um pouquinho.

Assim eram nossas conversas. Certo dia disse a Juanita:

— Não estou conseguindo me aproximar mais de Candy, comentei. Parece que estamos nos afastando mais e mais um do outro.

Minha esposa, com muita sabedoria, fez poucos comentários.

Aquilo me incomodava. Ficava pensando sobre essa pequena brecha no relacionamento familiar o tempo todo, no escritório, no avião, quando viajava para ir pregar em outros lugares, à noite, revirando-me na cama. Sempre que voltava de uma viagem trazia presentes para ela, e quando telefonava para casa sempre perguntava por ela. E quando era ela quem atendia o telefone, tentava iniciar um diálogo com ela, mas invariavelmente ela passava o fone para a mãe.

O que mais eu poderia fazer?

A resposta, na verdade, era muito simples: eu poderia comprar um aparelho de televisão.

Mas eu não tinha dado sempre uma boa orientação para minhas filhas? Não ficávamos só lendo a Bíblia em casa. E as histórias que eu costumava contar? Em nossa casa não havia tantos livros? Tínhamos ensinado as meninas a apreciar os autores clássicos. Então, por que abaixar o nível assistindo televisão?

Candy é muito inteligente. Às vezes, na hora do jantar, ela mencionava um ou outro programa interessante que as colegas comentavam na escola. E eu procurava demonstrar uma atitude indiferente e até camarada, por vezes.

Mas eu não queria televisão em nossa casa.

Certa noite, decidi que iria resolver aquilo de uma vez por todas, e fiquei a pensar sobre o problema. Era claro que desejava ser atencioso com minha filha. Mas em hipótese alguma iria “suborná-la” para ter o amor dela. Por uma questão de princípio pessoal não

gostava de “comprar” a lealdade e amizade de ninguém. E depois, eu já não havia falado tanto contra a “caixa maligna”, como eu a chamava?

E era exatamente aí que as coisas estavam paradas.

Será que minha convicção contrária à televisão era válida, ou não passava de mais um preconceito de Stanley Tam?

Aflito para ter alguma orientação e mais sabedoria no tratamento do problema, orei: “Senhor, mostre-me o que devo fazer. Se tenho mesmo de me manter firme contra essa invasão de modernismo, se devo proibir mesmo a televisão aqui em casa, dá-me uma orientação. Quero ter paz com relação a isso.”

E Deus atendeu essa oração.

Ele me deu paz.

Naquela tarde fui para casa mais cedo, para estar lá assim que nossa filha voltasse da escola.

Nosso cumprimento foi como de costume.

— Oi, Candy!

— Oi, pai!

— Como é que foi na escola? Tudo bem?

— Sim.

— Nenhuma novidade? Algum fato especial?

— Não.

Fiz uma breve oração, para ter certeza de que estava fazendo tudo certinho. Candy começou a subir para o quarto.

— Olha, Candy, chamei.

Ela parou.

— Tem um tempinho aí?

Ela não respondeu.

Percebi que Juanita estava na porta da cozinha, escutando e nos observando.

— Pensei em irmos jantar fora hoje, nós três, disse eu.

— Ah, foi a reação dela.

— Dá para você?

— Claro.

Fomos a um restaurante do centro. Para falar a

verdade, eu estava um pouco nervoso. Durante todo o jantar só conversamos trivialidades. Vez por outra, eu fazia uma silenciosa oração, pedindo orientação de Deus. Quando esperávamos a sobremesa, entrei no assunto.

— Candy, falei e pigarreei, eu gosto muito de você, minha filha. Não preciso dizer que há alguma coisa se interpondo entre nós. Nós dois sabemos disso, e sabemos o que é.

Minha filha me fitou com atenção.

— Quero pedir desculpas por ter falado tanto contra a televisão, continuei. Não peço desculpas por minhas opiniões, porque elas não mudaram. Mas sinto ter insistido tanto com minhas idéias, em vez de deixar que você fizesse suas próprias observações e tirasse suas próprias conclusões. Para mim, a televisão é um dos maiores obstáculos espirituais de nossos dias. Acho que ela é um daqueles “pesos que nos assediam”, de que fala a Bíblia. Eu sei, é claro, que existem coisas boas na televisão. Mas sei também que ela é uma ladra. Ela rouba um tempo precioso de muitos crentes que deveriam estar servindo a Deus, ao invés de ficar satisfazendo a si mesmos, assistindo a uma porção de programas tolos. E não somente é uma ladra, mas também mata a sensibilidade da consciência de muitas pessoas, pois faz com que o pecado pareça agradável. E eu poderia continuar falando outras coisas, Candy, mas não quero prolongar mais esta conversa. Já estive tentado a sair e ir comprar um televisor para você, mas não desejo comprar seu amor e lealdade com uma coisa dessas. Você mesma não gostaria que eu me rebaixasse a esse ponto. O que desejo é que você continue a ter a mesma sensibilidade espiritual que demonstrou assim que se converteu. Você é uma moça maravilhosa, Candy. Estou muito orgulhoso de você. Pode ser que nunca venha a ter exatamente as mesmas idéias que eu a respeito da vida, mas sei que será sempre uma crente que procura colocar Cristo em primeiro lugar. Vamos comprar um televisor para seu quarto. Só peço que procure não

deixar que isso seja um embaraço para o crescimento espiritual que vem demonstrando em sua vida cristã.

Comprei um televisor, é verdade, e nosso relacionamento voltou a ser como antes. Eu não “comprei” o amor dela naquele dia, e, sim, expressei minha gratidão por ser ela uma filha tão boa, por estar demonstrando sempre bom-senso e discernimento das coisas, e por estar procurando ser uma verdadeira crente.

Já pedi a Deus para me dar maior lucidez a respeito da televisão, mas ainda detesto essa coisa. Tenho visto isso ocupar o primeiro lugar na vida de muitos crentes. Não posso simplesmente correr o risco de vê-la ocupar parte da minha também. Podem chamar-me de antiquado, se quiserem, mas creio que estamos vivendo dias em que as forças malignas se acham em formação de batalha contra a causa divina. E não posso permitir que nada venha atrapalhar meus esforços em favor de Cristo.

Mas desejo ser objetivo. É possível que eu e Juanita tenhamos sido por demais exigentes com nossas filhas. Afinal somos humanos e cometemos nossa parcela de erro. Mas o fato é que hoje, quando nossas filhas estão na fase adulta, estamos vendo muitas evidências espirituais que nos deixam muito gratos a Deus.

E quando presencio o que está acontecendo com os lares americanos hoje, e até com os lares crentes, eu me pergunto se realmente estávamos tão errados assim.

“Prezado Sr. Tam,

“O senhor conhece bem nossa organização e o ministério que ela realiza. Por isso, sei que vai olhar com carinho para o teor desta carta. Eu, juntamente com muitos líderes cristãos dos Estados Unidos, nos alegramos imensamente pela maneira notável como Deus o tem usado e dirigido, e por causa disso lhe escrevo na confiança de que o senhor olhará com simpatia para o nosso pedido. Temos necessidade urgente de dez mil dólares em nossa organização...”

Cartas semelhantes a essa chegam à minha mesa constantemente, em grande número. Muitas delas vêm de pessoas e organizações honradas, e eu gostaria de ajudar a todas.

Mas a mordomia é uma responsabilidade pessoal entre o crente e Deus. O bom mordomo não é aquele que recebe uma soma em dinheiro para distribuir, e depois espera que as pessoas o orientem a respeito de como deverá dispor dele. Não; um bom mordomo é um crente a quem Deus confiou bens materiais e tempo, e que depois busca do próprio Deus orientação

acerca da melhor maneira de distribuir ou utilizar o dinheiro que tem para dar.

Nossa organização missionária, a Stanita Foundation, distribui todos os anos grandes somas de dinheiro. Mas, se fosse atender a todos os pedidos que me chegam, teria que pedir empréstimo ao banco, abrindo assim um precedente em nossa firma.

Às vezes recebo cartas que dizem o seguinte: "Deus nos disse para pedir ao senhor cinco mil dólares." Normalmente respondemos nos seguintes termos: "Embora eu não esteja questionando seu relacionamento com Deus, o fato é que ele ainda não nos falou nada sobre o dinheiro que você pede, mas, assim que ele falar, pode ter certeza de que o dinheiro será enviado a vocês."

E falo sério mesmo.

Faz alguns anos, uma revista da Inglaterra publicou um artigo a meu respeito, e essa revista foi distribuída na Libéria. Algum tempo depois recebi cerca de quarenta cartas, a maioria das quais vinha de jovens crentes pedindo auxílio. Lembro-me de que uma delas estava endereçada a mim da seguinte maneira: Sr. Stanley Tam, Silver Refining, Ohio, USA.

Não tenho dúvida de que muitos desses jovens são bons crentes. Talvez todos o sejam. Não sei. Mas não enviei dinheiro para nenhum deles, embora tivesse desejado muito isso.

Acredito que existem muitos crentes que só lembram de contribuir na hora em que se passa o cesto da coleta, ou quando alguém aparece contando uma história comovente.

Não aprovo essa forma de mordomia.

Deus não é um ceguinho com uma vasilha de alumínio na mão. Contribuir para a causa dele é fazer um investimento, e não dar uma esmola. A Palavra dele diz: "*O que se requer dos dispenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel.*" (1 Co 4.2.) Isso quer dizer que todo crente deve buscar atentamente a orientação de Deus a respeito de suas contribuições,

quer ele tenha um centavo ou um milhão para dar.

Na Stanita Foundation temos três administradores que cuidam das finanças da organização. E todos os anos, assim que recebemos os lucros provenientes da States Smelting and Refining Corporation e da United States Plastic Corporation, buscamos a orientação de Deus com muito cuidado, pedindo-lhe que nos mostre a melhor maneira de distribuirmos esses fundos. Hoje posso dizer, para a glória de Deus, que sustentamos mais de vinte missionários no exterior. Temos um interesse todo especial também na formação de crentes de outros países, fornecendo fundos para educação religiosa. Então, quase que sem exceção, destinamos o dinheiro da Stanita Foundation para esse tipo de obra. São projetos que nós mesmos sondamos, e sobre os quais pedimos a orientação de Deus.

É claro que cometemos alguns erros. Mas quero dizer uma coisa: se todos os crentes do mundo hoje orassem a Deus da seguinte maneira: “Senhor, mostra-me a tua vontade nessa questão da mordomia”, o problema do financiamento de trabalhos evangélicos seria imediatamente solucionado.

Entretanto, ser mordomo não implica apenas em colocar uma determinada quantia em dinheiro no prato da coleta; é mais que isso. Ser mordomo implica em ter uma atitude certa.

Muitas vezes sou procurado por pessoas que estão-se iniciando no mundo dos negócios e que me dizem:

— Sr. Tam, estou muito impressionado com o seu testemunho. Estou começando meu negócio agora, com muita dificuldade, e gostaria de fazer o que o senhor fez. Como é que faço?

Geralmente a resposta que dou é a seguinte:

— Essa sua atitude é maravilhosa, e o mais importante é sua disposição de agir assim. Mas não peça orientação a mim; peça a Deus. Mas, se quer um conselho, eu diria que vá com calma. Dê o seu dízimo regularmente, pois isso é um princípio bíblico, e é o mínimo que pode fazer. Depois, à medida que Deus for aumentando seus ganhos, passe a dar doze ou

quinze por cento. Se continuar a prosperar, continue a aumentar a porcentagem. Mas não se limite apenas a imitar outras pessoas. Acima de tudo, o que deve fazer é obedecer a Deus.

Em segundo lugar, ser mordomo implica também em saber empregar o dinheiro. Para dizer a verdade, não sou um crente que se veste de saco e cinza. Possuímos uma casa modesta, mas confortável. Eu e minha esposa nos vestimos bem. Além disso, somos bastante cautelosos para gastar dinheiro; nunca gastamos desmedidamente. Minhas filhas são testemunhas de que sempre lhes pedi, desde que eram pequenas, que pensassem bem antes de comprar qualquer coisa, para ter certeza de que estavam fazendo uma boa compra, e não desperdiçando o dinheiro.

Acredito também que ser mordomo vai influenciar nosso conceito acerca do dinheiro, e de como ele deve ser gasto.

Quando eu era jovem e viajava muito para divulgar o negócio da recuperação de prata, periodicamente fazia uma estimativa do que ganhara, e separava dez por cento desses ganhos para dar à igreja. Em certa ocasião, eu tinha uma contribuição de dez dólares para entregar. No domingo de manhã, os diáconos passaram os cestos para entregarmos os dízimos e eu enfiei a mão no bolso para pegar o envelope. Havia desaparecido.

Terminado o culto, voltei ao estacionamento, procurando o dinheiro; procurei ao redor de casa e outros lugares de que me lembrei, mas nada. O dinheiro havia sumido.

Bom, pensei comigo mesmo, foi Deus quem perdeu esse dinheiro. Pertencia a ele. Ninguém poderia acusar-me de nada pois não houvera em mim a intenção de perdê-lo. Não é verdade que quando eu colocara o dinheiro do dízimo no envelope eu já fizera meu dever?

Mas quanto mais pensava no caso, mais reconhecia que estava errado. Eu devia a Deus dez dólares.

Perdera o dinheiro antes de dá-lo a ele. Era minha responsabilidade repor a perda.

E foi o que fiz.

De lá para cá, essa decisão revelou um fato básico em minha vida, principalmente nos primeiros anos, quando iniciava o negócio de refinaria de prata. Naquela época, dez dólares era uma quantia bem grande para mim, mas ela já me foi reembolsada muitas vezes pela atitude assumida, e confirmada pela experiência.

Mais ou menos a essa altura, Deus começou a falar comigo sobre um par de luvas que eu pegara numa loja em Lima, antes de me converter. Era um par de luvas de boa qualidade, que custava setenta e oito centavos de dólar. E quanto mais pensava na questão, mais sentia que tinha de fazer a reparação do erro.

“Mas isso aconteceu antes de minha conversão, Senhor”, disse eu a Deus. “Todos os meus pecados não foram lavados pelo sangue de Cristo derramado na cruz?”

Eu não relutava em pagar as luvas, mas devido à minha timidez, ficava nervoso só de pensar em ir à loja.

Mas fui. Procurei o gerente da loja e lhe contei o que fizera, e nunca mais esqueci o que ele disse:

— Rapaz, falou ele, admiro você por esse passo que deu em sua vida espiritual. Mostra que tem caráter. Tenho certeza de que terá um futuro promissor.

Já disse que a mordomia cristã não se aplica apenas aos bens materiais, mas também ao tempo. Isto é, nossa responsabilidade como mordomos deve afetar também o uso que fazemos de nosso tempo — atitudes, iniciativas, ações e reações.

Procurei estabelecer para minha vida cinco princípios básicos.

1. Agradecer a Deus por qualquer acontecimento adverso.

2. Preferir que um raio caia sobre mim do que falar mal de um irmão.
3. Obedecer ao Espírito Santo a todo custo.
4. Administrar com amor, e nunca “mandar” com ira.
5. Fazer três elogios por dia.

São princípios bem simples, mas com eles eu me disciplino com o propósito de alcançar o máximo na vida.

O leitor deve ter observado que dois deles estão relacionados com nossas atitudes para com os outros, em momentos de tensão. Existe uma razão especial para isso: o meu “calcanhar de Aquiles” é meu gênio, facilmente irritável. Quase todos os problemas de relacionamento que há na Igreja hoje são causados por línguas sem freio e temperamentos explosivos.

Quando eu trabalhava com a escola dominical na igreja, nosso pastor era uma pessoa excelente. Era muito atencioso, e tinha muita sabedoria para lidar com as pessoas. Mas também tinha muita iniciativa e espírito empreendedor. Eu também. Então era humanamente impossível evitar que tivéssemos desentendimentos.

Certa vez, tive que me apresentar perante a junta diretora da igreja e confessar que estava abrigando uma atitude errada para com o pastor. Foi uma experiência dolorosa. Mas eu estava em erro, e sabia disso. Só havia duas alternativas a seguir: ou mantinha uma atitude obstinada, criando assim uma ferida purulenta em nosso relacionamento na igreja, ou então obedecia ao Espírito Santo e consertava a situação.

Numa outra ocasião, poucos meses depois que encerramos a construção de nosso prédio novo, um homem me procurou em minha sala e disse:

- Você deve quinhentos dólares à minha firma.
- De quê? perguntei espantado.
- Alugamos andaimes ao sub-empregado, mas ele não nos pagou.

— E por que foi a mim que o senhor veio procurar?

— Ele não quer pagar.

— Então procure o encarregado da construção. Ele é responsável por tudo.

— Por lei, não, explicou ele. Por lei, o proprietário é o responsável. O problema é que esperamos muito para pôr embargos no prédio.

Permaneci firme em minha posição. O homem começou a empregar baixo calão. Repreendi-o, e ele saiu bufando de raiva.

Passaram-se nove anos. Um dia passei de carro em frente da firma daquele homem. Então aquela voz interior me falou com grande clareza, lembrando-me de que devia a ele quinhentos dólares.

“Isso é coisa passada, Senhor”, repliquei. “A lei de limitações já anulou a dívida. Além disso, não era eu quem deveria pagar a ele.”

Mas era eu sim.

Durante vários dias fiquei resistindo à convicção interior, mas afinal resolvi ir falar com o homem.

— Lembra-se daqueles andaimes que foram utilizados na construção de nosso prédio? indaguei.

Ele se lembrava.

— Vim aqui para acertar tudo. Quanto lhe devo?

O homem ficou boquiaberto. Olhou para mim com uma expressão incrédula. Mas assim que compreendeu que eu não estava brincando, foi ao arquivo e pegou a conta.

— Isso já foi há nove anos, disse ele.

— Sei disso.

— Estou disposto a acertar por qualquer quantia, disse ele. Depois, virando-se, encarou-me e continuou: Duzentos dólares pagam tudo.

— Eu dobro, falei. Vou lhe dar quatrocentos dólares.

E assim dizendo preenchi o cheque.

Instantes depois, quando saía do prédio, congratulei-me comigo mesmo. Eu lhe dera mais do que ele

pedira, e ainda assim economizara cem dólares.

Mas passei os dois dias seguintes com um terrível peso. Deus me “cobrava” a quantia total. E não tive paz enquanto não voltei à firma daquele homem e lhe paguei a conta toda.

Certa vez tivemos um incidente com a agência do correio de nosso lugar, do qual foi protagonista um homem negro que ali trabalhava. No que me diz respeito, um homem é um homem seja qual for a cor de sua pele, portanto, o fato de ele ser escuro não teve nada a ver com o problema. O que houve foi que perdi a calma e falei uma porção de coisas com ele, por causa de erros no serviço postal. Depois prometi a Deus que iria pedir perdão a ele na primeira oportunidade, fossem quais fossem as circunstâncias. Mas não o vi mais.

Passaram-se alguns meses e esqueci o incidente.

Certo dia meu telefone tocou. Era o pastor de uma igreja batista de nossa cidade. Disse que estava para viajar e queria saber se eu não poderia pregar em sua igreja. Verifiquei minha agenda e constatei que naquele domingo não tinha compromisso algum e concordei em ir.

Creio que todos já adivinharam o que aconteceu.

O superintendente da escola dominical era o homem que eu havia destrutado no correio.

Tentei conversar com ele, mas estava muito ocupado; além disso, ele ainda se lembrava do incidente, e não tinha muita pressa de conversar comigo. Chegou a hora do culto, e fui conduzido ao púlpito. Meu coração batia desesperadamente. Sabia que não tinha direito de pregar enquanto não acertasse tudo com aquele meu irmão em Cristo.

Pensei então em iniciar minha palavra pedindo desculpas a ele. Mas assim que me levantei para falar, ele saiu do salão. Senti-me mortificado de vergonha. Mas tinha que dar razão a ele.

Acreditando que estava dispensado de dizer alguma coisa, comecei a pregar. Então ele voltou. Ele não saíra por causa de minha pessoa, mas porque preci-

sara ver alguma coisa a respeito da escola dominical.

Fechei a Bíblia.

— Amigos, falei, estou vendo que o superintendente da escola dominical voltou ao salão, e antes de começar a dizer qualquer outra coisa, tenho que acertar uma questão.

O homem ergueu os olhos para mim, muito espantado.

— Faz alguns meses, eu cometi um erro contra esse irmão, lá no correio, onde ele trabalha, continuei. Ele sabe o que quero dizer. E agora, diante de todos vocês, quero pedir desculpas a esse irmão, pedir-lhe que me perdoe.

E aquele homem não apenas me perdoou, também se tornou meu verdadeiro irmão; e aquele culto recebeu um toque do céu.

Seria isso um ato grandioso de virtude cristã? Não. Eu estava simplesmente fazendo o que era certo, agindo como um crente deve agir normalmente, se quiser obedecer ao Senhor.

Nunca é demais enfatizar a importância da obediência. Só pela obediência podemos ter certeza da bênção de Deus. E obedecer não é apenas fazer a reparação de erros cometidos publicamente, mas também de coisas pequenas, de *"raposinhas que devastam os vinhedos"* (Ct 2.15), como diz a Bíblia. E eu já tive que pedir desculpas às minhas filhas muitas vezes, quando as repreendi com raiva, e não com amor. Tive que pedir desculpas também a membros do pessoal da firma.

A Bíblia diz: *"Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso e a sua palavra não está em nós."* (1 Jo 1.7,8.)

Quero apresentar aqui uma fórmula simples para cada um verificar se não há em sua vida alguma coisa errada.

O elemento-chave aqui é *meditação*. Pois é, em nossos momentos de reflexão, quando meditamos sobre as palavras de Deus registradas na Bíblia, quando abrimos o coração para o escrutínio dele, é aí que o Espírito Santo nos revela os pontos nevrálgicos que precisamos solucionar.

Deixe-me dar um exemplo.

Certa ocasião, quando encerramos os livros do nosso negócio com prata, no final do ano, descobrimos um fato surpreendente. Pelos nossos registros, o número de barras de prata vendidas era superior à quantidade de prata que havíamos comprado de nossos fornecedores. Não fora um erro intencional. Os cálculos feitos, à medida que recebíamos a prata, tinham dado um total inferior ao volume da prata obtida depois de processada, transformada em lingotes e vendida.

Estávamos no fim do ano, na época do Natal, e resolvi ignorar aquilo, considerando-o apenas um simples engano, uma dessas coisas que acontecem. Estávamos com pressa de encerrar nossas atividades para viajar com as crianças a Rockford, e fazer nossa visita anual à vovó.

Certa noite, depois que todos foram deitar-se, fiquei na sala sozinho. Passei alguns momentos orando a Deus e depois disse: “Senhor, estamos quase no fim do ano, e quero agradecer-te por mais um excelente ano comercial. Obrigado pelas inúmeras maneiras nas quais nos abençoaste. Estamos em época de balanço, Senhor, e hoje quero que o Espírito Santo faça um balanço em minha vida. Peço-te que me mostres se há alguma coisa em minha vida, seja lá o que for, que precisa ser consertada antes de começarmos o novo ano.”

Fiquei aguardando em silêncio, e ouvi uma voz sussurrar em minha consciência: “Stanley, você está com quatro mil dólares que não lhe pertencem.”

Eu não estivera pensando sobre a venda da prata, mas imediatamente entendi a que ele se referia. Fora essa a quantia que havíamos pagado a menos aos

laboratórios fotográficos que trabalhavam com nossos coletores de prata.

“Mas será que isso tem importância, Senhor?” indaguei. “Nós temos três mil clientes. Dividindo quatro mil dólares por três mil teríamos pouco mais de um dólar para cada um. É claro que foi um erro de rotina. Poderia ter acontecido a qualquer um.”

“Esses quatro mil dólares não lhe pertencem”, reafirmou, “pertencem aos clientes”.

“Mas eles mandam quantias diversas”, retruquei. “Seria praticamente impossível fazer os cálculos de três mil devoluções. Não valeria a pena, pelo trabalho que dá.”

Mas quanto mais eu argumentava, mais ficava convencido de que teria que fazer a restituição. Era uma ordem de Deus, e quando ele ordena a melhor coisa a fazer é obedecer.

Contratamos uma pessoa para fazer os cálculos, e um mês depois ela já estava com tudo preparado, e os três mil cheques prontos para serem enviados.

Então o Espírito Santo falou de novo ao meu coração. Será que eu não deveria dizer a esses clientes por que estavam recebendo esse retorno?

Resolvemos então imprimir uma carta-testemunho, explicando que a força propulsora que nos fazia enviar aquele dinheiro era nosso relacionamento pessoal com o Filho de Deus, dizendo que Deus se tornara meu sócio e narrando que ele nos conduzira sempre, passando todos esses anos por dificuldades quase insuperáveis, mas afinal atingindo uma fase de prosperidade e desenvolvimento.

Como a restituição era muito pequena, achei que não iria receber nenhuma resposta. Mas isso também não importava muito. Eu obedecera à ordem do Senhor. Isso bastava.

Mas recebemos um dilúvio de cartas, centenas delas, todas nos cumprimentando pelo gesto. E muitas das cartas nos deram oportunidade para mais tarde darmos testemunho de Cristo.

Nesse caso houve uma questão financeira, mas o

dinheiro aí foi incidental na questão da mordomia. O fato principal foi que eu não queria perder tempo com essas restituições tão pequenas. Tenho certeza de que muitos empresários consideram um ato desses uma prova de má administração.

Mas ser mordomo não implica apenas em saber distribuir o dinheiro; é mais que isso. É obedecer, é estar constantemente ouvindo aquela voz silenciosa de orientação divina, sempre presente quando seguimos o preceito da Palavra de Deus que diz: *"Portanto, quer comais, quer bebais, ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus."* (1 Co 10.31.)

Pois, afinal, vida cristã é exatamente isso!

16

Minha tese de que o crente não deve ter interesses seculares, pois tudo que possui e tudo que faz deve ter por objetivo promover a glória de Deus, não contém a idéia de que ele deva levar uma vida de santarrão, de que deve tornar-se tão desligado da vida que todos passem a considerá-lo uma espécie de aberração, e não um ser humano normal. Todo o propósito da atuação de Deus na vida do crente é fazer dele um cristão genuíno ao mesmo tempo em que o mantém autenticamente humano.

Depois que chegarmos aos céus vamos ter muito tempo para curtirmos auréolas.

E quanto a essa questão de auréolas e harpas celestiais, parece-me que muitas pessoas formaram uma idéia tão sentimental do céu que não entendem mais o sentido desta vida na terra como uma fase de preparação para a eternidade. Pode ser que no céu haja sons de harpas e ruas de ouro, mas essas coisas são incidentais, são secundárias em relação à dinâmica realização pessoal que experimentaremos quando contemplarmos a face de nosso Redentor, e passarmos a ter uma comunhão eterna com ele.

E o melhor de tudo isso é que podemos começar esse relacionamento aqui mesmo, no presente!

O apóstolo Paulo escreve o seguinte: *“Porque agora vemos como em espelho, obscuramente, então veremos face a face; agora conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido.”* (1 Co 13.12.) Ele está dizendo que podemos conhecer hoje a plenitude de Deus, mas conhecer como que através de uma janela embaçada. Para enxergarmos a realidade total dessa plenitude, precisaremos dos olhos que teremos na ressurreição.

Mas de qualquer modo temos uma visão de Cristo hoje, uma visão radiante, verdadeira, transformadora, e precisamos fazer tudo que pudermos para transmiti-la a outros.

E crendo nisso, temos procurado, através desses anos todos, usar nossa empresa como um veículo para o testemunho cristão. Toda mercadoria despachada leva junto um folheto, e isso há mais de trinta anos. Atualmente, ao confeccionarmos nosso catálogo, publicamos uma palavra de testemunho nosso em uma ou duas páginas. Em 1961, ano em que comemoramos nosso vigésimo quinto aniversário de fundação, confeccionamos um livrete especial, tendo a prata como tema, enviando essa mensagem a nossos clientes.

Entretanto, quero deixar aqui uma palavra de advertência. Se alguém está resolvido a ser um crente pra valer, e não apenas um crente de domingo, se decidir ser uma testemunha do Senhor de segunda a sábado também, então saiba que deverá colocar à mostra, de uma forma arriscada, o seu verdadeiro eu. Parece que as pessoas do mundo apreciam muito a palavra “hipócrita”. Deve ser a maior palavra que existe, pois muita gente está-se escondendo atrás dela. E é claro que a maior parte das pessoas que apontam para a hipocrisia o faz por um mecanismo de defesa. Mas isso não remove a responsabilidade que todo crente tem de viver de acordo com aquilo que prega; ele tem que viver aquilo que fala.

Em nossa firma damos muita ênfase a um bom serviço. No mundo dos negócios, a pessoa de valor é a que salda seus compromissos e faz um serviço bem

feito. Portanto, não é necessário dizer que um bom serviço e integridade no pagamento de impostos são requisitos básicos para se usar uma empresa como plataforma para se testemunhar da fé em Cristo.

Nós nos esforçamos. E muito.

Mas às vezes cometemos erros. Temos problemas com nossos fornecedores, principalmente com os que se comprometem a entregar-nos o material de plástico e não o entregam. Às vezes, uma voz rouca me berra no telefone:

— Ei, Tam, Deus atrasou de novo! Você me prometeu a remessa de tubos para sexta-feira. Hoje já é terça.

— Sinto muito. Telefonamos para nosso fornecedor diariamente na semana passada. Já o orientamos a fazer a remessa para você assim que tiver disponível.

— Por que você não faz uma oração, em vez de ligar para ele? Estamos precisando muito desse material. Acho bom você conseguir um milagre aí, e mandar isso para a gente!

— Vou fazer o possível.

— Amém!

Não gosto desse tipo de telefonema. Felizmente não é muito freqüente. E quando recebo um desses tenho mais pena do outro indivíduo, do que vergonha de nossa falha. Mas esse tipo de chamada serve para disciplinar-nos; é uma dentre as diversas reações que as pessoas têm para conosco devido ao nosso testemunho, e representam um desafio para nós, para que façamos o máximo no sentido de cultivar nos clientes uma firme confiança em nós.

A Bíblia afirma que *“a palavra da cruz é loucura para os que se perdem”* (1 Co 1.18). E escrevendo aos gálatas, Paulo fala do escândalo da cruz. E Pedro descreve Cristo como a *rocha de ofensa*. Portanto, embora seja verdade que o incrédulo encare nosso testemunho como algo que o agride, devemos esforçar-nos ao máximo para que as nossas palavras não representem uma agressão indevida.

Jesus disse aos discípulos: "*Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens.*" (Mc 1.17.) Ora, qual é a mais importante arma do pescador? A isca. Ele pode possuir o equipamento de pesca mais moderno, caniço, carretilha, linha, anzol, mas ainda assim precisa também da isca. E é isso que me intriga com relação a esses crentes que não gostam de utilizar os princípios promocionais no testemunho cristão. Não digo que devamos andar por aí com cartazes no peito e nas costas divulgando o evangelho — apesar de que, se Deus o mandar fazer isso, é melhor fazer. Mas acho que devemos lançar mão de todos os meios legítimos que pudermos utilizar para chegarmos aos corações sedentos, e mostrar-lhes que existe alguém levantando a bandeira de Cristo, ansioso para que conheçam a paz e alegria que só o Senhor pode dar.

Em minha opinião, é indispensável usarmos folhetos bem feitos e bem impressos. Faz alguns anos, um fotógrafo crente de Chicago me incentivou a colocar folhetos em toda a correspondência expedida pela nossa empresa. Disse-me que já enviara mais de dois milhões de folhetos em fotos reveladas e copiadas em sua firma.

Pouco depois que começamos a enviar folhetos dessa forma, recebi uma carta de um laboratório fotográfico de uma cidade de Illinois. Por sorte, eu estava para fazer uma viagem a um local da mesma região, e resolvi dar uma chegada ao seu estúdio para falar com ele. O proprietário me indicou onde ele estava.

— Está na câmara escura. Fica no porão.

Desci correndo, e fui encontrá-lo lavando algumas fotografias. Apresentei-me. Estava difícil enxergar naquele aposento meio às escuras, mas pude sentir a alegria dele ao perceber que alguém fora ali para ajudá-lo.

— Li esse folheto várias vezes, disse ele. E quanto mais o leio, mais desejo encontrar Deus. Mas não sei como fazê-lo.

— Quer fazer isso agora? indaguei.

— E pode?

— Aqui mesmo nesta câmara escura, afirmei.

Peguei meu Novo Testamento e aproximei-me da difusa luz azulada. Ele veio ficar perto de mim.

— Dá para você ler? indaguei.

— Dá; aqui embaixo a gente se acostuma logo com a pouca iluminação.

Abri em João 3.16 e ele leu estas palavras que possuem um significado eterno. *“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”* Em seguida, lemos João 1.12: *“Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem no seu nome.”*

Jesus disse: *“Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andaré em trevas, pelo contrário terá a luz da vida.”* (Jo 8.12.) E essa divina luz inundou a escuridão daquele pequeno aposento no momento em que esse meu novo amigo inclinou-se diante de Deus, confessou o seu pecado, seu vazio interior, e pediu a Cristo para purificar seu coração e tomar o controle de sua vida.

Depois disso, continuamos a manter contato um com o outro, durante vários anos, gozando de um bom relacionamento cristão, até a morte dele.

No ano passado, recebi uma carta de um fotógrafo do Texas que dizia o seguinte: “Quero agradecer o folheto que veio junto com a remessa do material. Eu o li e me converti.”

Sabemos que muitos desses folhetos acabam indo para a cesta de lixo. Mas mesmo assim, ainda são um testemunho. Lembro-me do caso de um fotógrafo de nosso Estado que sempre jogava fora os folhetos. Um dia sua filha adoeceu gravemente, e o médico lhe disse que dificilmente ela se salvaria.

— Eu tinha acabado de receber sua remessa, contou esse homem depois, e, como de costume, jogara o folheto no lixo. Mas quando o médico nos disse, a mim e a minha esposa, que talvez perdês-

semos nossa filha, comecei a pensar em alguma coisa sobre fé. Lembrei-me do folheto que você mandou e corri à cesta de lixo para procurá-lo.

Como ele morava perto de Lima, assim que recebi sua carta contando o fato, telefonei perguntando se não queria que conversássemos com ele. Aceitou prontamente.

Fui visitá-lo várias vezes. Estava muito aflito. A filha, uma jovem de mais ou menos dezessete anos, estava cada vez pior. Mas ele também estava preocupado com sua condição espiritual e, após algumas visitas, abriu o coração para o Salvador.

Pouco depois a moça morreu.

Fui para o velório orando a Deus para que ele não se tornasse amargurado e se voltasse contra Deus devido à perda da filha. Ele veio receber-me à porta e deu-me um forte aperto de mão.

— Está tudo bem, Stan, tudo bem. Deus quis levar minha filha; tudo bem.

Vez por outra ainda vou visitá-lo, e dou graças a Deus pela autenticidade que caracteriza sua fé em Cristo.

Certa vez, um homem de nome Bill Hains entrou em nosso prédio e perguntou à recepcionista se poderia falar com o dono da empresa.

— Ele está ali, perto do bebedouro, disse ela, apontando para mim.

O homem aproximou-se e se apresentou, e depois disse:

— Moro aqui em Sidney, Ohio. Estava passando de carro por aqui e vi aquele cartaz lá fora, com os dizeres: *Cristo é a Solução*. O que isso significa?

— Exatamente o que está escrito, Bill, respondi.

— Sabe, é que pertenco ao Club Kiwanis de nossa cidade, e o pessoal de lá tinha me pedido para convidar um leigo de uma igreja para nos falar na reunião da Páscoa. Quando passei por aqui e vi a placa — aliás, muito bem feita — pensei comigo mesmo que talvez houvesse aqui um homem que pudesse falar-nos.

E durante alguns minutos conversamos sobre as possíveis datas. Depois eu disse:

— Você também é um crente leigo, Bill?

Eu tinha razões para achar que ele não o era, e foi por isso que fiz a pergunta.

— Acho que não, respondeu ele.

Vi pelos olhos dele que possuía uma grande sede espiritual, e então indaguei:

— Você sente que tem uma carência espiritual?

— Sinto, respondeu. Sinto mesmo.

— Gostaria de vir à minha sala para me falar sobre isso? Se quiser, posso ajudá-lo nesse problema.

Ele aceitou prontamente. Entrou em minha sala e fechamos a porta.

— Sabe o que é, Sr. Tam, a primeira coisa é que fumo sem parar, e toda essa conversa sobre câncer de pulmão me apavora. Além disso, sou alcoólatra. Estou em condições terríveis. O senhor sabe como é, também é vendedor. Hoje em dia, se a gente não pagar bebida para os outros, não participar de um divertimento, não se consegue fazer bons negócios.

— Acho que não concordo com você, interrompi, sorrindo. Mas continue.

— É que eu gostaria de me libertar do cigarro e da bebida. E já tentei, mas é que esse negócio de religião não vai comigo.

— O que você quer dizer com isso?

— Eu frequento a maior igreja da cidade. Todas as pessoas importantes vão a essa igreja. Tento ouvir as mensagens. Mas nada do que eles dizem se aplica a mim. Tenho um amigo na igreja, e um dia, quando estávamos conversando, ele me convidou para ir à igreja que ele frequentava quando garoto, uma igreja pequena, num bairro afastado. E uma noite fomos lá. O pregador entregou uma mensagem forte, falando sobre o inferno, que me abalou bastante. No final, fez um apelo, dizendo às pessoas que sentissem sua necessidade espiritual para irem à frente. Fui o pri-

meiro. Eles me levaram para uma saleta ao lado, e oraram comigo, e naquele momento senti-me muito bem, tenho de confessar. Mas hoje estou exatamente como era antes. Bebo demais. Acendo um cigarro atrás do outro. Estou péssimo.

Eu conhecia a igreja de que ele falara, a que ficava num bairro afastado. Sabia que era uma igreja evangélica muito cheia de frutos. Eu estava achando que o problema dele estava em seu próprio coração.

Depois de fazer uma oração silenciosa pedindo a orientação de Deus, senti que devia fazer-lhe uma pergunta:

— Bill, você crê que a Bíblia é a Palavra de Deus?

— Creio, sim, replicou. Acho que creio.

— Você crê que existe um céu?

— Claro.

— Você crê que o diabo existe, e que ele é uma pessoa?

— Uma pessoa?

Acenei que sim.

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Não acredita que o diabo existe, e que é uma pessoa?

— Para falar a verdade, esse assunto foi até discutido na igreja que frequento agora, e essa situação toda eu a compreendo assim: existe muita coisa errada no mundo, mas...

— Você crê que existe céu, interrompi, mas, e quanto ao inferno?

— Se creio nele?

Acenei afirmativamente.

— Bom, disse ele, acredito num certo tipo de inferno, pode-se dizer. Pelo que essa igreja ensina, não existe um lugar certo que se chama inferno, mas as pessoas criam o próprio inferno para elas na terra. É isso que eu creio.

— Há pouco você disse que crê na Bíblia.

— Certo.

— Crê que Jesus é o Filho de Deus?

— Lógico.

Peguei a Bíblia que estava sobre minha mesa e abri em Lucas 16, e mostrei-lhe o verso 19, pedindo-lhe que o lesse.

“Ora, havia certo homem rico, que se vestia de púrpura e de linho finíssimo, e que todos os dias se regalava esplendidamente. Havia também certo mendigo, chamado Lázaro, coberto de chagas, que jazia à porta daquele; e desejava alimentar-se das migalhas que caíam da mesa do rico; e até os cães vinham lambe-lhe as úlceras. Aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico, e foi sepultado. No inferno, estando em tormentos, levantou os olhos e viu ao longe a Abraão e Lázaro no seu seio.” (Lc 16.19-23.)

Bill me fitou com uma interrogação no olhar.

— Essas palavras que você está lendo foram ditas por Jesus, lembrei a ele. Ele está falando sobre pessoas de verdade, e lugares que existem de fato. O rico morreu; o corpo dele foi sepultado, mas a alma dele estava no inferno, e conservava todos os sentidos. Ele enxergava, pois avistou Abraão. Ele falava, pois pediu a Abraão para mandar Lázaro levar uma gota de água para pingar em sua língua. Ele tinha os sentidos. E estava experimentando os tormentos do inferno.

— Eu não sabia que existia um fato assim na Bíblia, comentou Bill. Nunca ouvi ninguém falar desse texto em nossa igreja. Agora estou até envergonhado. Se a Bíblia diz que existe um inferno depois desta vida, então aceito esse fato.

Mostrei-lhe diversas passagens das Escrituras que falavam sobre o diabo.

— Devo reconhecer que você me convenceu nisso também, disse ele.

— Sabe o que foi que lhe aconteceu naquela igreja a que seu amigo o levou? indaguei. Ali você reconheceu que era pecador, e por isso foi à frente. Mas estava querendo reformar-se, quando deveria estar buscando a regeneração. Sabe, Cristo só pode salvar uma pessoa depois que ela reconhece que está perdida.

Instantes depois tive o privilégio de conduzir Bill Hains a uma experiência pessoal de aceitação de Jesus Cristo como seu Salvador e Senhor.

Karl Bienke era vendedor de uma indústria de papelão, e durante sete anos nos fez várias visitas. Era um homem excelente, trabalhava muito em sua igreja, e sempre estava disposto a conversar sobre a Bíblia. Contudo, eu tinha a impressão de que ele apenas sabia muita coisa a respeito de Cristo, mas, quando eu tentava arrancar dele a verdade, ele se adiantava e desconversava. E eu tinha por princípio não pressionar ninguém com relação a questões espirituais.

Durante muito tempo oramos por Karl Bienke.

Certo dia, ele entrou em minha sala e, com a mesma franqueza com que havia introduzido outros assuntos de religião antes, disse-me:

— Stan, você possui uma coisa que eu não tenho. Quero saber como é que posso obtê-la.

Sem saber ao certo se ele estava-se referindo a alguma questão relacionada com o nosso serviço de prata ou de plástico, disse-lhe:

— Farei o que puder, Karl. O que é?

— Você tem certeza da vida eterna, disse ele, e eu não. E é disso que preciso.

Senti uma grande alegria brotar em meu coração, percebendo que Deus estava respondendo às orações que fazíamos havia anos.

— Karl, principiei, vou-lhe dizer como é que você está espiritualmente. Você está agindo como uma pessoa que vai a um salão de vendas de uma loja de automóveis, e vê um carro novo, mas fica a espia-lo apenas pela janela. Gosta da cor; gosta do modelo; gosta da fabricação. E já decidiu que é aquele o carro que quer comprar. Além disso, já está com o dinheiro no bolso. Mas em vez de procurar um vendedor para efetuar a compra, permanece ali, apenas olhando para o carro. De certo modo, pode até dizer que o carro lhe pertence, só porque está ali a olhá-lo, só que

nunca chega a fechar o negócio. E é assim que você age com o cristianismo.

Ele me pegou pelo braço e disse:

— Vamos efetuar essa compra!

Fomos para nosso salão de reuniões, e diante da Bíblia ele confessou seus pecados, recebeu a Cristo como seu Salvador, reconhecendo-o como seu Senhor, por uma opção pessoal. Nunca me esqueci da oração que ele fez nesse dia.

Depois de terminar a oração, com lágrimas a escorrer-lhe pelo rosto, ele me olhou e disse:

— Por que não tomei essa decisão há mais tempo? Ótima pergunta!

Herb Speer chegou à nossa empresa certo dia bem cedo. Era sua primeira visita, e eu não estava. Quando já ia saindo, cheguei. Ele me deu seu cartão. Era vendedor de papel.

— Conheço a sua firma, disse-lhe mexendo com o cartão dele. Os preços de vocês estão até muito bons, e se tivessem nos procurado antes, teríamos comprado na mão de vocês, sem dúvida alguma. Mas agora já tenho um fornecedor fixo, e estamos satisfeitos com ele.

Ele me agradeceu e virou-se para sair, e nesse momento o Espírito Santo me lembrou que aquele homem tinha uma carência espiritual, e que eu deveria conversar com ele. Mas eu gostava de agir sempre com muito tato e então disse:

— Gostaria de conhecer nosso serviço de expedição?

— Sim, respondeu, gostaria.

Eu teria que segurá-lo ali até que surgisse uma oportunidade para dar um testemunho.

No salão de expedição, conversamos sobre fitas adesivas, papelão, papel de embrulho, e em dado momento bati os olhos nuns folhetos que estavam junto aos pacotes prontos para a remessa. Peguei um.

— Todas as remessas que fazemos levam um folheto desses, disse, e passei-lhe o folheto.

Ele o olhou por uns instantes.

Enquanto isso eu orava.

— Isso me lembra uma coisa, disse ele. Faz dois anos que estou procurando alguma coisa nessa questão de religião. Por ocasião da Primeira Grande Guerra eu me encontrava numa ilha do Pacífico, Ilha Baker, com dois quilômetros e meio de extensão e uns oitocentos metros de largura, e sem uma única árvore. Quando tínhamos alguma folga, sem ter aonde ir, o jeito era a gente conversar. Havia alguns sujeitos ali que eram meio intelectuais, céticos, pode-se dizer, e eles interpretavam tudo que eu cria a respeito de Deus e sua Palavra de maneira racional, dando uma explicação natural para tudo. Há dois anos, quando nasceu nosso filho, olhei para aquela criança, para aquelas mãos e pés, tudo tão perfeito, e fiquei convencido de que tem que haver milagres. Aquele corpinho era um milagre. E naquele momento voltei a crer em Deus. Mas tenho muitas dúvidas sobre a fé, e gostaria de saná-las.

Foi então que compreendi por que o Espírito Santo havia-me falado para dar meu testemunho a esse homem.

E talvez agora o leitor possa entender por que afirmo que meu local de trabalho é meu púlpito. E é assim que deve ser, as encruzilhadas da vida devem levar-nos a encontrar pessoas com carências espirituais. E que melhor lugar pode haver do que nosso local de trabalho, onde a conversa pode ficar sob nosso controle?

Tenho aprendido a ficar sempre alerta para perceber as oportunidades e descobrir quando um coração está preparado pelo Espírito Santo para ser “semeado” ou para ser “colhido”, como acontece muitas vezes.

Em muitos casos, são circunstâncias peculiares que criam essas oportunidades.

Certa ocasião, por exemplo, feri um dedo, prendendo-o entre a roldana e a correia de uma das

máquinas de nossa empresa. Além do incômodo e desconforto, ainda sofri uma outra frustração, pois estava planejando comparecer a um almoço onde um notável orador iria fazer uma preleção. Corri ao hospital mas o setor de pronto-socorro estava tendo muita movimentação naquela manhã, e houve um atraso para tirar a chapa de raio-x e enfaixar o dedo machucado. Não chegaria a tempo ao almoço.

Sentindo-me frustrado e não estando com fome, devido às dores que sentia, voltei para o escritório. Ali encontrei um rapaz a quem eu já havia testemunhado muitas vezes, mas sempre me respondia mais ou menos da seguinte maneira: “Ah, sou um sujeito muito bom. Vou sempre à igreja. Creio em Cristo. Eu vou para o céu.”

Entretanto, sua vida estava sempre cheia de problemas, e não demonstrava a menor evidência de que fosse regenerado. Algumas vezes ele revelava uma certa preocupação de natureza espiritual, mas, quando eu tentava ajudá-lo, caía na defensiva.

Mas naquele dia ele se mostrou diferente. Estava com sérios problemas e revelava-se disposto a conversar sobre eles.

— Por que você não dá logo o passo mais importante, o primeiro passo para a solução de seus problemas? indaguei cautelosamente. Enquanto você não tiver um conhecimento pessoal de Cristo, não terá o fundamento certo onde encontrar as soluções desses problemas pessoais. Mas não basta apenas saber a respeito dele.

— Está bem, replicou ele sem hesitar. Vou fazer isso.

E mais tarde, já no final do meu horário de almoço, quando estaria ouvindo o último dos preletores de um almoço num dos hotéis do centro da cidade, aquele homem abria seu coração para Cristo.

Sabe de uma coisa? Só bem depois das duas da tarde foi que eu voltei a perceber o latejar de meu dedo.

É isso. Quando as pessoas sabem que somos

representantes de Cristo, encontramos oportunidades em toda a parte.

Já recebi uma carta da companhia Eastman Kodak expressando gratidão pelo privilégio de trabalhar com uma pessoa que coloca Deus em primeiro lugar em sua vida. E outra no mesmo teor me veio de uma divisão da General Electric, que utiliza nossos coletores de prata. Uma freira católica me escreveu também. Ela trabalha num hospital, em cujo laboratório de Raio-X há um de nossos coletores. Disse ela: "Sr. Tam, eu trabalho com seu coletor de prata não pelo dinheiro que recebemos com a recuperação da prata, mas porque todas as vezes que mando um coletor carregado, recebo um novo com um daqueles maravilhosos folhetos evangelísticos."

Um cliente nosso de Stamford, Connecticut, faliu e parou de utilizar nossos coletores. Mas cerca de três meses depois comunicou-nos que estava viajando para uma loja de artigos fotográficos de Nova Iorque. Esse cliente era um judeu, pessoa muito dinâmica, e por isso não estranhei o que disse depois: "Não tenho visto coletores de prata como os seus por aqui, nos estúdios fotográficos que visito. Gostava muito, quando trabalhava com eles em meu foto em Stamford. Acho que poderia vendê-los com facilidade por aqui. Que tal dar-me permissão para vendê-los, com uma comissão?"

Imediatamente acertamos com ele as vendas. Ele era um excelente vendedor e logo conseguiu muitos clientes para nós, na Nova Inglaterra.

Tempos depois, ele escreveu outra carta: "Está vendo como estou vendendo bem? Por que não me contrata para vender só para vocês? Gosto de trabalhar com vocês."

Respondi que via com bons olhos a sugestão dele, mas gostaria antes de ter uma entrevista pessoal com ele. Então ele tomou providências para vir a Lima.

Era um homem de muita energia e espírito de iniciativa, e enquanto eu lhe mostrava as dependências da firma, senti que ele seria um ótimo vendedor,

trabalhando em tempo integral para nós. Decidi contratá-lo. Mas pedi-lhe que além de procurar novos clientes, se encarregasse também de atender aos nossos antigos usuários. Ele concordou.

Não demorou muito e recebi uma carta dele na qual dizia: “Tudo está indo muito bem, mas estou com um pequeno problema. Outro dia cheguei a um dos laboratórios que trabalham com nosso material e lhes disse que era representante do States Smelting and Refining, de Lima. Então um deles me chamou de lado e disse:

“ — Ah, você é daquela firma de crentes, em que Deus é o sócio.

“E eles estão querendo saber tudo. Um rapaz me disse que eles estavam discutindo alguma coisa sobre a Bíblia, e naturalmente acharam que eu saberia explicar-lhes o problema. Mas quando isso acontece a única coisa que digo é que escrevam a pergunta numa folha e que vou mandá-la para vocês, para que respondam.”

E três meses depois, ele nos escrevia: “Sabe de uma coisa, Sr. Tam, eu também estou interessado nesse seu Jesus Cristo.”

E na primeira vez em que veio à firma depois disso, convidei-o para jantar em nossa casa. Após o jantar, minha esposa, com muita sabedoria, levou as crianças para cima.

— Ed, falei, aquela carta que você me escreveu, dizendo que estava interessado no meu Jesus Cristo me comoveu muito. Entretanto, na verdade, em vez de você se voltar para mim, eu me volto para você. Sendo judeu, você pertence ao povo escolhido de Deus. Nós, os crentes, admiramos e respeitamos você e seu povo por causa disso, e ficamos tristes ao ver que tantos judeus se acham cegos para o fato de que Deus enviou Jesus, o Messias, o Redentor, ao mundo, por intermédio de sua raça.

Ele me ouvia de olhos arregalados, e eu abri no Velho Testamento e fui lhe mostrando como o pecado entrou na humanidade através da desobediência, e

como Deus ordenara que se fizesse o sacrifício de animais. Depois passamos ao Novo Testamento, e vimos como Cristo veio ao mundo, dando um fim à lei e às práticas antigas, abrindo-nos um novo caminho através de sua morte e ressurreição.

E naquela noite, ali mesmo em nossa sala de visitas, Ed se ajoelhou e fez um assentimento pessoal sobre seu Messias como Redentor e Senhor. Nos meses que se seguiram ele deu evidências claras de que tinha passado por uma real transformação.

Dois anos depois, eu estava sentado à minha mesa, quando recebi um interurbano de Stamford, Connecticut. Pensei que fosse Ed ligando para tratar de algum assunto relacionado com os negócios. Mas era a esposa dele, muito nervosa, que me ligava para dizer que o marido havia morrido de repente de um ataque cardíaco.

Lágrimas me vieram aos olhos, e não pude contê-las. E nem tentei. Mas não chorava por causa de Ed, pois sabia que ele estava com o Senhor. Eram lágrimas de gratidão ao Espírito Santo pela sua firme mas amorosa atuação em minha vida, ensinando-me a ser obediente, disciplinando-me, guiando-me.

Lembrei-me daquele Natal, quando estávamos em Rockford, em que Deus me falara sobre os quatro mil dólares que havíamos pagado a menos aos clientes. A conversão de Ed havia começado naquela noite. Se eu não tivesse mandado aqueles cheques de restituição, não teriam surgido as oportunidades de testemunhar aos técnicos de fotografia, e eles não saberiam que Deus é meu sócio majoritário, e dessa forma não teriam começado a fazer perguntas a Ed, perguntas que ele não sabia responder.

17

Agora quero falar sobre Joe Leatherman.

Joe era um sujeito de uns trinta e quatro ou trinta e cinco anos, vendedor de uma firma de alimentos. Era um vendedor muito habilidoso. Como não havia a menor relação entre seu produto e nosso ramo de negócio, a possibilidade de ele vir à nossa empresa era mínima. Mas ele veio um dia, e veio outras vezes, e a explicação disso é a seguinte.

Joe estava muito bem financeiramente. Possuía uma linda casa, dois carros e um barco a motor. Tudo que pensarmos, ele possuía. Mas tudo isso não significava nada, pois após oito anos de casamento, nos quais tinham nascido duas lindas garotas, ele e sua esposa Eleanor não se suportavam mais.

Certo dia, pela manhã, quando os dois, como de costume, discutiam à mesa do café, Eleanor se pôs a gritar:

— Quer saber o que mais desejo? Pois vou-lhe dizer. Quero o divórcio!

Aquelas palavras foram para ele como um soco na boca do estômago.

E pela primeira vez na vida Joe orou. Orou mais ou menos assim: “Ó Deus, eu e minha esposa estamos vivendo num verdadeiro inferno. Eu a amo, e

quero ter um lar feliz. Por favor, ajuda-nos a acertar as coisas, ajuda-nos a salvar nosso casamento.”

Imediatamente experimentou grande sensação de alívio. E hoje ele conta:

— Quando me recordo de tudo, agora entendo por que naquele instante tive a impressão de que um grande peso havia sido removido de meus ombros. É verdade que aquela oração não foi a solução do problema, mas foi a chave que deu a partida para a solução. É que, quando uma pessoa pede socorro a Deus, se esse pedido não for egoísta, não há dúvida de que ele começa a mover algumas engrenagens.

E Joe tem razão.

Deus diz: “*Buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso coração.*” (Jr 29.13.)

Agora, gostaria de chamar atenção para alguns fatos importantes com respeito ao nosso relacionamento com Joe Leatherman. Ele nos procurou antes mesmo de colocarmos na fachada do prédio nossa placa dizendo *Cristo é a Solução*. Ele não me conhecia. Não existe a menor explicação, em níveis humanos, para o fato de ele ter-se interessado por nossa firma. Quem quiser chamar isso de coincidência que chame, mas a meu ver a história de Joe Leatherman é uma prova do toque sobrenatural do Espírito Santo no trabalho de evangelismo, um caso em que ele trouxe à minha presença um homem que estava querendo conhecer a Cristo.

Tudo aconteceu assim.

Sendo vendedor, vez por outra, Joe tinha que ir apresentar-se a uma firma em Lima, e geralmente vinha pela Rodovia Elida, que é a mesma rodovia US 30. Ele tinha notado o trabalho de construção de nossa nova sede, mas aquilo não tivera muita importância para ele. Quando nos procurou, já havíamos colocado o letreiro com o nome da firma, *States Smelting and United States Plastic Corporation*, mas, como disse, ainda não tínhamos afixado a placa com os dizeres *Cristo é a Solução*.

Ele não me conhecia, nem sabia acerca de meu

interesse em ajudar as pessoas a se encontrarem com Cristo. Mas mais tarde ele me narrou o que sucedeu.

“Foi uma coisa muito estranha. Vou lhe contar, aquilo foi coisa de Deus mesmo. Eu estava rodando pela US 30, justamente naquele dia em que tinha orado a Deus pedindo que salvasse meu casamento. E passei pela firma de vocês, como já tinha passado inúmeras vezes. Então vi o letreiro *States Smelting and United States Plastic Corporation*. De repente, pareceu-me ouvir uma voz me dizendo para ir lá e expor meus problemas para o homem que era o diretor da firma. Que loucura, não é? Vou lhe contar, achei que estava meio louco. Mas eu não estava disposto a passar um ridículo desses, e segui em frente. Não é mesmo ridículo você entrar num lugar onde não conhece ninguém, perguntar por uma pessoa que não conhece, e começar a contar-lhe que você e sua esposa estão tendo problemas no relacionamento?”

Joe resolveu tirar da cabeça aquela idéia. Ou foi o que pensou.

Mas em casa, a situação não melhorou nada. Inspirado pela oração que havia feito naquele dia, Joe tentou deixar as coisas correrem, tentou levar a esposa com mais calma, mas assim que ela se mostrava mais cordata, era a vez de ele perder a calma, gritar com ela, e assim aquele louco carrossel começava a girar de novo, a toda velocidade.

“E eu passei em frente à firma do Sr. Tam várias e várias vezes”, relata Joe, “e todas as vezes tinha aquela mesma sensação, e ouvia a mesma voz interior. Mas não tinha coragem de entrar.”

Certo dia, quando se aprontava para ir apresentar-se ao escritório de sua firma em Lima, ouviu a voz dizer-lhe: “Você vai passar perto daquele lugar outra vez. Será que vai fazer o que mandei?”

Aquilo parecia ridículo.

Ele achava que, se entrasse em nossa firma, alguém iria achar que sofria das faculdades mentais, e chamaria a polícia.

“Quer que eu pese a mão sobre você?” sussurra-va-lhe na mente a voz. Naquele momento, pela primeira vez, ocorreu-lhe que talvez fosse Deus quem estivesse lhe falando. Ele havia orado. Tinha pedido que Deus o socorresse. Será que era essa a maneira como ele estava respondendo a sua oração?

Então, uma hora depois, quando passava pela Rodovia 30, Joe diminuiu a marcha, e acionou a seta, indicando uma conversão à esquerda. Mas, de repente, ficou sem coragem.

Desligou a seta e acelerou. Mas só rodou meio quarteirão. Tinha que voltar. Não sabia por quê. Só sabia que tinha de voltar.

Esperou o tráfego diminuir, e fez o retorno, e dirigiu-se para nossa firma. Mas mais uma vez perdeu a coragem e passou direto por ela.

Mas mais adiante fez o retorno de novo, voltou, não teve coragem de entrar e seguiu em frente. Mas parou de novo e voltou.

Afinal, rodou até o estacionamento e entrou no prédio.

— Às suas ordens, disse a recepcionista.

— Ah, por favor, disse Joe, eu queria falar com o Sr. States.

— Com o Sr. States? a moça ficou desorientada por um momento.

— O dono da firma, explicou Joe. Não é esse o nome que está lá fora na placa?

— Ah, o senhor quer falar com o Sr. Tam, disse ela.

E mostrou-lhe a direção de minha sala.

Depois que se apresentou, dizendo que era vendedor de um atacadista de alimentos da cidade, Joe disse:

— Sei que o senhor não está interessado em comprar catchup. E não vim aqui para lhe vender nada.

Dei um sorriso.

— Então, em que posso servi-lo? indaguei.

— Bom, Joe tentou desconversar um pouco, talvez

o senhor vá rir de mim, mas sinto que Deus me mandou vir aqui.

Dessa vez não ri.

— Você sabe alguma coisa sobre nosso negócio? perguntei.

— Não, senhor. Não sei nada.

— Já fiz palestras em diversas associações desta cidade, e em muitas igrejas. Você já esteve presente em alguma dessas reuniões onde preguei?

Ele abanou a cabeça.

— Então alguém lhe falou a meu respeito?

Ninguém tinha lhe falado nada.

Joe Leatherman entrara em nossa firma apenas porque sentira um forte impulso. Essa foi a mais singular de todas as situações que eu já experimentara no evangelismo pessoal.

— Evitei ao máximo vir aqui, disse ele, mas sabia que mais dia menos dia teria que vir. Então resolvi vir hoje.

— Por que veio aqui? falei.

— Estou com um sério problema.

— Qual é o problema?

— Eu moro naquele bairro novo, no lado oeste da cidade. Eu e minha esposa temos uma linda casa, duas filhas lindas, mas estamos passando por um problema sério.

— Que tipo de problema?

— Estamos a ponto de nos divorciarmos, e quando penso nisso fico desesperado. Amo minha esposa e nossas duas filhas, e quero manter o casamento, mas parece que não consigo nada. Há um tempo atrás, fiz uma oração a Deus e depois disso parece que, como resposta dessa oração, ele está sempre me dizendo para vir procurar o senhor.

Peguei a Bíblia e a abri.

— O que mais preciso, continuou Joe, é uma orientação sobre como posso conviver bem com minha esposa.

— Não, Joe, retruquei, não é disso que você precisa.

— Mas é sim!

— Você precisa é aprender a conviver com Jesus Cristo.

Joe assumiu uma atitude de defesa. Compreendi que eu tinha de agir com cautela. Ele estava com a idéia fixa de acertar o relacionamento com a esposa, e depois continuar a viver da mesma maneira como sempre tinha vivido.

— Você lê a Bíblia? perguntei.

— Para ser sincero, replicou ele, é provável que tenha lido menos de uma página dela, até hoje.

Então procurei expor-lhe o plano de salvação, mas ele me pareceu confuso. Mais tarde ele me disse que achou que eu estava tentando induzi-lo a entrar para alguma sociedade secreta ou para alguma organização, em que a pessoa tem que aprender uma porção de regulamentos, se quiser associar-se.

Eu tinha consciência de que aqueles instantes eram muito delicados. Se não fosse habilidoso, ele poderia ir embora dali e nunca mais voltar. Fiquei um tanto ansioso, com medo de que o deixasse escapar do anzol, mas não estávamos conseguindo nos entender bem.

— Vamos fazer o seguinte, sugeri afinal. Passe alguns dias meditando sobre o que lhe falei. Depois me telefone, e marcaremos um encontro para conversarmos um pouco mais.

Ele saiu.

Inclinei a cabeça e orei por aquele jovem. Agradei a Deus por tê-lo mandado me procurar. Pedi que Deus fizesse com que voltasse, com que enxergasse sua carência espiritual, e que o Espírito lhe mostrasse a solução para essa carência.

Dias depois ele ligou. Queria conversar comigo. Eu teria um horário vago no início da tarde e sugeri que ele viesse à uma hora.

Quando chegou, percebi nele uma atitude totalmente diferente.

— Gostaria que me falasse daquele plano que tentou me mostrar da outra vez, principiou ele.

— O plano da salvação?

— Isso.

Naquele dia Joe Leatherman se tornou um novo homem!

Tive um interesse todo especial por Joe, talvez devido ao fato de nosso primeiro contato ter sido tão singular. Ele era uma pessoa muito maleável, calorosa, de coração aberto. Acabou-se tornando uma espécie de “Timóteo” para mim. Sempre que ia pregar, eu o levava junto e pedia-lhe que desse um breve testemunho. Certo dia, paramos em um posto de gasolina, e dei-lhe um empurrão para que saísse do ninho, dizendo-lhe que testemunhasse para o rapaz que nos atendia. Ele falou, e pouco depois, nós dois, tivemos o privilégio de ganhá-lo para Cristo.

Eleanor, a esposa de Joe, não aceitou tão prontamente. A princípio, ela duvidou das palavras dele, achando que estava utilizando a religião como uma arma para prendê-la, o último recurso dele. Mas, à medida que o tempo passava, ela via a transformação que se operava na vida dele, via que ele largava os vícios, sentiu nele um novo amor para com ela e com as crianças.

E ela também recebeu o Filho de Deus em sua vida.

Eu poderia continuar contando muitas coisas sobre Joe e Eleanor; poderia falar de nossa comunhão com eles, de seu amadurecimento cristão. Joe ainda é vendedor, mas hoje ele é vendedor da Moody Press, uma das principais editoras de livros evangélicos dos Estados Unidos. As duas filhas, que hoje estão mais crescidas, naturalmente, também seguiram o exemplo espiritual dos pais.

18

Veza por outra encontro pessoas que dizem ter pena de mim, por saberem que tenho pouco tempo para atividades extras. Se é verdade que um homem só se realiza plenamente se puder jogar golfe com frequência, tornar-se um craque do tiro ao alvo, ou pescar em alto mar na costa da Flórida, ou conquistar a admiração das mulheres por suas habilidades numa mesa de canastra, então perdi a melhor parte da vida. Não fui feito para ser um elegante homem de sociedade, mas gosto da companhia das pessoas, principalmente daquelas que têm alguma coisa para dizer. Gosto de relaxar um pouco também.

Mas o que mais enriquece nossa vida senão o prazer de ajudar outros? E num mundo como o nosso, tão cheio de dúvidas e de frustrações, o que pode superar a maravilhosa “aventura” de orientar uma pessoa desorientada para que encontre o Caminho certo?

Eu só tenho pena dos crentes que não deixam que o Espírito Santo os leve a conhecer as alegrias da colheita. Alguns fazem a sementeira, com seu testemunho. Outros regam a semente, com seus conselhos e exemplo cristão. E outros fazem a colheita do grão maduro, com um ato definido de ganhar a alma.

Cada um desses ocupa uma posição estratégica no plano geral do Calvário e do túmulo vazio. Nunca foi intenção de Deus que as alegrias do evangelismo fossem privilégio de uns poucos. Essa experiência é para todos os crentes, se quiserem dar o primeiro lugar às coisas mais importantes, se quiserem examinar as Escrituras e permitir que a Palavra de Deus, que é viva, se manifeste através de sua personalidade.

Essa é a suprema forma de vida.

E eu não aceito menos que isso.

Por que alguém deveria contentar-se com menos?

Portanto, peço que compreendam meu objetivo ao narrar minhas experiências de evangelismo. Não estou querendo “exibir-me” mas, sim, fazer com que todos vejam as possibilidades que há em sua própria vida.

Pois assim que alguém tiver provado esse delicioso maná, não terá mais tempo para dedicar a essas múltiplas atividades sociais que prometem acabar com o tédio, mas nunca correspondem ao que ostentam no rótulo.

Ganhar almas é a exaltação da arte de vender a uma dimensão divina. Sempre há lugar para um bom vendedor. Muitos vendedores ganham mais até do que seus chefes. Quando uma pessoa consegue fazer boas vendas, ela se entusiasma. Nada pode detê-la. Ela trabalha nisso desde a manhã até a noite. É só vender, vender, vender.

Por que, então, alguém pode achar estranho que uma pessoa se entusiasme com a tarefa de dizer aos perdidos que em Jesus Cristo eles podem encontrar a redenção? Supondo-se que alguém descubra hoje um medicamento que possa curar todas as enfermidades humanas, isso ainda teria importância bem menor do que poder-se dizer a um ser humano que seus pecados podem ser perdoados, seu caráter pode ser restaurado, sua vida pode ganhar um significado mais amplo e seu futuro na eternidade estar garantido.

Ganhar almas é uma grande aventura. Não acontecem duas experiências semelhantes; todas são diferentes. É como se ver envolvido no maior de todos os

dramas. Um exemplo disso foi a ocasião em que a divisão do clube Kiwanis de nosso Estado convidou-me para falar numa de suas reuniões sobre como Deus se tornou meu sócio majoritário.

O redator de um jornal local estava presente, e ficou tão impressionado com meu testemunho do que Deus fizera em minha vida, que publicou trechos dele na coluna de notícias religiosas. Por causa disso, recebi uma carta de um advogado de New Castle, Pennsylvania, que antes residira na cidade. Dizia o seguinte:

“Gostaria de receber informações detalhadas sobre as vias legais utilizadas para que você fizesse de Deus seu sócio. Sendo advogado, tenho muito interesse em questões assim.”

Mandei-lhe as informações pedidas, e incluí junto uma explicação sobre o plano da salvação. Depois de ler minha carta, ele telefonou.

— Preciso conversar com o senhor o mais breve possível, disse. Posso procurá-lo em seu escritório amanhã à tarde?

— Claro, respondi. Estarei esperando.

Ele faria uma viagem de mais de 360 quilômetros. E pouco depois que entrou em minha sala, foi logo dizendo:

— O senhor talvez seja a pessoa que estou procurando. Preciso de aconselhamento espiritual.

— Vou ajudá-lo no que puder, afirmei.

— Fiz o curso de Direito na Universidade de Michigan, explicou ele. Quando me formei, estava pronto para iniciar minha carreira. Pensei que finalmente teria grande sensação de realização, mas não tive. Foi exatamente o contrário. Sabia que precisava muito de orientação espiritual, e procurei um pastor de Ann Arbor, contando-lhe meu problema. Ele foi muito atencioso. Tenho certeza de que tentou realmente ajudar-me. Mas o máximo que ele pôde fazer foi repetir uma porção de chavões. E não encontrei a paz que meu coração desejava. Depois me mudei para Canton, Ohio, onde trabalhei num escritório de advo-

cacia. Trabalhei muito; adquiri muitos conhecimentos sobre o mundo jurídico, mas minha carência espiritual pairava sobre minha cabeça como uma espada suspensa por um fio. Então procurei uma igreja em Canton. O pastor ali também foi muito atencioso. Aliás, ele era um ótimo homem. Eu ia sempre à igreja. Mas parecia que nada resolvia meu dilema. Tive a oportunidade de melhorar de vida mudando para New Castle. A primeira coisa que fiz lá foi procurar uma igreja. A essa altura, já estava desesperado. Sabe o que é, em meu ramo de trabalho, a gente vê sempre o pior lado das pessoas, e isso só servia para complicar mais as coisas. Nessa terceira igreja a que fui, a mesma coisa se repetiu. Mas então li aquele artigo a respeito do senhor no jornal de minha cidade — que recebo apenas para estar sempre informado das coisas — e disse comigo mesmo: “É isso que é meu problema. Não estou dando muito dinheiro para a igreja.” Achei que, se agisse como esse homem de Lima, talvez começasse a me sentir mais realizado na vida. Foi por isso que lhe escrevi. Mas francamente, com aquele verso de Efésios o senhor me deixou meio confuso. Como é mesmo?

— *“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie”* (Ef 2.8), respondi, recitando o texto.

— O senhor poderia explicá-lo para mim?

Naquela mesma tarde, esse advogado da Pennsylvania ajoelhou-se em minha sala e recebeu a graça de Deus, mediante a fé em Jesus Cristo. Finalmente, seu coração conheceu o que é paz. Depois disso, continuamos a manter contato um com o outro, e tem sido uma grande alegria para mim ver como Deus o está usando, na qualidade de advogado crente, para transmitir paz a outros.

Existem corações sedentos em toda a parte. Não estão à procura de religião; querem uma experiência real. E só Cristo pode proporcionar-lhes essa experiência.

Não é minha intenção aqui criticar a igreja; longe disso. Sou membro de uma igreja há muitos anos, e quero continuar sendo até morrer. Mas muitas pessoas vêm à igreja como algo alienado da vida normal. Vêm-na como uma atividade de domingo, mas que não tem nada a ver com o que fazem no restante da semana. É por isso que o testemunho de leigos se torna tão importante. Somos nós que encontramos as pessoas nas encruzilhadas da vida. Vemo-las como são; elas nos vêm como somos, de mangas arregaçadas, na ativa, sem fachadas, sem as máscaras domingueiras. E é aí que o evangelho realmente ganha relevância.

A coisa mais difícil que já fiz foi, com a ajuda de Deus, superar meu acanhamento de falar aos outros a respeito de minha fé. As pessoas falam de religião como uma questão de foro íntimo. E talvez seja mesmo. Mas uma fé viva é outra coisa. Se eu visse um homem morrendo por falta de ar, procuraria fornecer a ele o ar necessário. Pois hoje as pessoas estão morrendo por falta de oxigênio espiritual. Necessitam de um revitalizante fôlego de fé.

Mas ainda sou adepto da idéia de que não devemos tentar impor nossa fé a ninguém. Eu nunca forçaria, propositalmente, uma pessoa a se tornar crente ou nem mesmo a ouvir meu testemunho. É o Espírito Santo que faz isso. A Bíblia ensina que *um planta, outro rega; mas o crescimento vem de Deus*. Quando estamos indo de um lugar para outro, quando temos contato com as pessoas no nosso trabalho diário, ou em nossa igreja, encontramos algumas que foram preparadas pelo Espírito Santo para nos ouvirem. Elas não se ofendem com nosso testemunho; pelo contrário, elas o recebem bem. Aliás, se não dermos nosso testemunho, estaremos falhando em relação a essas pessoas.

Quero relatar um exemplo específico.

Certa vez, quando viajava para Nova Iorque para falar em uma reunião numa faculdade, sentei-me ao lado de um homem que tinha na lapela um emblema

religioso. Isso, naturalmente, já foi um ponto de partida para uma conversa. Conversamos durante alguns momentos. Fiquei sabendo que aquele homem trabalhava muito em sua igreja. Mas em tudo que falava parecia haver uma ausência de um conteúdo espiritual. Falava muito sobre igreja, mas nada sobre Cristo. Então perguntei-lhe:

— Já pensou em nascer de novo?

— Ué, disse ele retraindo-se um pouco, mas acho que já nasci.

— Então me diga o que significa nascer de novo, indaguei.

— Bom, principiou ele, nascer de novo é... ah... Pigarreou.

Sorri, tentando deixá-lo mais à vontade.

— Eu, é... continuou ele. Acho que ser crente é... é...

E parou de novo. No seu rosto estampou-se uma expressão vaga.

— Para ser sincero, disse humilde, acho que não sei o que é nascer de novo.

— Gostaria de conversar mais sobre isso?

— Gostaria muito.

E conversamos. Naquele dia ele estava com o coração bastante quebrantado. Estava regressando de Minneapolis aonde fora para o enterro de um parente, e estivera meditando muito sobre a vida e a morte.

E ali mesmo, naquele avião, ele inclinou a cabeça e recebeu Cristo em seu coração.

Uma das primeiras oportunidades que tive de testemunhar num avião foi certa vez quando retornava de uma viagem à América Latina. Era um vôo de turismo, e o aparelho estava superlotado. Em San Juan, quando estava na fila para passar na alfândega, à minha frente postou-se um militar. Iniciamos uma conversa casual, mas, quando nos encaminhamos para o avião, nos separamos.

Contudo, pouco depois que o avião levantou vôo, o Espírito Santo começou a falar-me a respeito daquele homem. Tive a forte sensação de que, se eu não

conversasse com ele sobre sua situação espiritual, ele não teria oportunidade de falar com mais ninguém.

“Mas, Senhor”, retruquei, “o avião está lotado. Não há um lugar onde possamos conversar a sós. Ele ficaria constrangido.”

E a impressão foi ficando cada vez mais forte.

“Está bem”, disse eu em oração, “se o senhor conseguir arranjar as coisas, falarei com ele.”

Eu mal acabara de orar quando o homem se ergueu e caminhou até a frente da cabine. Levantei-me e fui atrás dele. Junto à porta, havia um mapa da região do Caribe, e vez por outra o piloto informava nossa posição.

— Onde é que estamos? perguntei.

— Acho que mais ou menos aqui, respondeu mostrando um ponto.

Orei a Deus pedindo a orientação dele.

Ficamos a olhar o mapa mais uns instantes. Afinal sussurrei.

— Desculpe-me, senhor, mas estou orando por você.

Ele se virou para mim espantado, mas não se mostrou nem um pouco irritado.

— Está interessado nas coisas espirituais?

— Estou, sim. Estou.

— Quer me dar o privilégio de conversar com o senhor um pouco?

— Gostaria muito.

Minha esposa estava comigo. Então ela trocou de assento para que o militar pudesse sentar-se a meu lado.

— Tenho uma Bíblia na maleta. Ficaria constrangido se eu a tirasse para a lermos aqui?

— De maneira nenhuma, afirmou ele.

Tenho visto poucas pessoas tão abertas, tão desejosas quanto ele. E nunca mais esqueci a oração que ele fez naquele dia, agradecendo a Deus por haver mandado um crente falar com ele, e pedindo a Cristo que se apossasse de sua vida.

Lembra-se do que disse há pouco? *Um planta,*

outro rega; mas o crescimento vem de Deus. Muitas vezes isso pode suceder conosco. Fazemos a sementeira, mas quem colhe os frutos é outra pessoa. Contudo, nesse particular, eu gostaria de enfatizar uma coisa: quando testemunhamos para alguém, devemos sempre procurar levar aquela pessoa a uma decisão. É claro que não podemos pressionar ninguém, mas também não devemos fugir de um confronto direto. Se um vendedor fizer uma excelente apresentação de seu produto, conquistar o interesse do cliente, mas não fizer nenhum esforço para concretizar a venda, estará condenado a um fracasso total.

Entretanto, gostaria de lembrar mais uma vez que pode dar-se o caso de não sermos nós os que vão colher o fruto. Pode ser que sejamos apenas o sementeiro.

Um exemplo disso é o que me aconteceu há alguns anos. Estava andando numa rua de Chicago e passei por um parque onde havia umas meninas jogando beisebol. Fiquei a olhá-las distraidamente, e continuei caminhando, e bati a cabeça num poste, ferindo um pouco a testa, logo acima do olho.

Voltei ao hotel, procurei o médico da casa, e ele deu uns pontos no corte, pedindo-me que voltasse na quarta-feira para que ele desse uma olhada no ferimento.

Como ele não tinha muito serviço naquela tarde, e eu estava com disposição para conversar, achei que deveria falar-lhe de meu testemunho. Mas não falei.

Mas isso ficou a incomodar-me tanto que resolvi mandar a ele um folheto escrito por um médico crente, achando que assim já tinha feito meu dever, e o caso encerrava aí.

Um ano depois, eu estava pregando em uma igreja nas Cataratas de Niágara, e Deus me falou com grande clareza sobre o erro que havia cometido, ao deixar passar a oportunidade de dar meu testemunho para aquele médico de Chicago. Aquele peso foi-se tornando tão intenso que prometi a Deus que procuraria entrar em contato com ele assim que chegasse a

Lima. Imediatamente senti uma grande paz brotar em meu coração após fazer essa promessa, e tenho certeza de que foi essa minha oração que ocasionou as grandes bênçãos daquelas conferências em Niágara.

De volta a Lima, liguei para Chicago. O médico ainda se lembrava de mim, e marcamos uma entrevista. No dia seguinte, uma vez mais, eu seguia pela rodovia 30, em direção a Chicago.

O consultório dele estava lotado, e quando a enfermeira me conduziu para a saleta de exames, já passava muito da hora que havíamos marcado. Alguns minutos depois, o médico entrou ali.

— Boa tarde, Sr. Tam, disse ele cordialmente. Como está o olho?

Nas mãos, ele tinha a minha ficha médica.

— O olho está ótimo, respondi.

Ele me fitou uns instantes sem entender direito.

— Doutor, falei, acho que sou o paciente mais estranho que o senhor já teve. Vim a Chicago para lhe falar sobre sua alma.

— Ah, é, disse ele, lembro-me de você. Foi você quem me enviou um livrete escrito por um médico. Eu o li, e estou muito interessado. Tem mais alguma coisa que eu possa ler?

— Não; não trouxe mais nada para ler, expliquei, e estou vendo que o senhor está com muito serviço hoje.

— Todo dia estou, comentou ele sorrindo.

— Bem, continuei, eu também às vezes fico com o dia muito cheio. Mas nesse final de semana eu estava em Niágara, pregando numa igreja, e lá tive uma forte convicção de que deveria vir a Chicago para lhe falar e contar-lhe meu testemunho pessoal.

— E eu gostaria muito de ouvir, disse ele.

Ele se recostou mais na cadeira, e comecei a dar-lhe um resumo de minha experiência, falando durante quinze minutos, enquanto ele me ouvia atento. Nem ao menos olhou para o relógio. Por fim ele disse:

— Sr. Tam, como sabe, meu consultório está

cheio, e não posso dar-lhe mais tempo. Mas agradeço sinceramente por ter vindo aqui, falar comigo. Garanto-lhe que nunca vou esquecer isso, e vou pensar com muito carinho em tudo que me disse.

Embora meu contato com aquele médico tenha terminado aí, tenho uma forte certeza interior de que vou encontrá-lo no céu.

Uma das placas sinalizadoras que temos de observar com atenção, nessa caminhada do testemunho cristão, é a dos transtornos ocasionais. "*Os passos do homem são dirigidos por Deus*" (Pv 20.24), diz a Bíblia, e quando surgem problemas, muitas vezes, é porque, como já disse alguém, "os transtornos, na verdade, são orientações de Deus".

Isso já me sucedeu inúmeras vezes, como foi o caso, por exemplo, de uma viagem que fiz recentemente a Montana, onde iria falar numa igreja de uma cidadezinha na fronteira com o Canadá. Então orei:

"Senhor, dá-me oportunidade de evangelizar alguém no avião hoje."

Geralmente embarco no aeroporto de Dayton, que fica a uma hora de carro de minha casa, seguindo pela rodovia estadual 75. Naquele dia, quando subi ao avião, percebi que não estava lotado. E ninguém veio sentar-se perto de mim. No vôo de Chicago a Minneapolis aconteceu a mesma coisa; e o mesmo se deu no avião de Minneapolis a Billings.

Aquilo me incomodou.

De Billings até meu destino eu iria pegar uma ponte aérea para o norte, e então fui ao balcão da companhia para me apresentar. Mas ali o recepcionista me disse:

— Sinto muito, senhor, mas o vôo de hoje foi cancelado.

— Quando é o próximo? indaguei.

— Só amanhã, às sete da manhã.

— Mas tenho que ir para lá. Tenho um compromisso para falar numa igreja hoje à noite.

— Sinto muito.

Afastei-me do balcão e em silêncio agradei a

Deus por esse problema, pedindo-lhe que me mostrasse a razão de ser dele. Nesse ínterim, outro homem aproximou-se do balcão, um sujeito grandalhão e corpulento, que assim que soube do cancelamento do vôo soltou uma torrente de palavrões.

— Olhe aqui, berrou ele, arranje-me um vôo. Se eu não for lá, vou perder muito dinheiro.

— Sinto muito, retrucou o rapaz calmamente. Não posso fazer nada.

Daí a pouco chegou outro homem para apresentar-se para o vôo. E ele também, ao saber do cancelamento, deu vazão à sua raiva, embora não tão exaltado quanto o primeiro.

Aproximei-me dos dois homens e disse:

— Já que somos três, por que não fretamos um avião?

— Boa idéia! exclamou o grandalhão.

E logo ele se virou para o atendente da agência e disse:

— Queremos informações sobre aviões de frete, imediatamente.

Instantes depois, estávamos na pista, para embarcar num pequeno aparelho. O sujeito grandalhão sentou-se na frente, junto ao piloto. Eu e o outro homem, que éramos menores, ficamos atrás. Daí a pouco, meu companheiro se apresentava.

— Meu nome é Malcom Randall.

— Stanley Tam, disse eu. O que o senhor faz?

— Sou funcionário do governo. E o senhor?

— Sou de Lima, Ohio. Trabalho com reprocessamento e refinamento de prata, mas também tenho uma firma de comercialização de plásticos.

— Está viajando a negócios?

— Não; vou falar em uma igreja hoje, contando minhas experiências como empresário crente.

— Muito interessante. Gostaria até de ir ouvir sua palestra, mas tenho compromissos.

— Mas eu posso contar-lhe algumas de minhas experiências agora; quer ouvir?

— Claro; por que não?

Então comecei a relatar-lhe minha história.

— Espere, interrompeu-me ele a certa altura. Eu já o ouvi falar. Foi num clube ou coisa parecida.

Aquela súbita abertura da parte dele me atrapalhou um pouco.

— Ah, que coincidência! exclamei.

— É, ouvi mesmo, disse ele, e apontou para um emblema em sua lapela. Foi numa reunião do Lion's Clube, em algum lugar. Eu viajo muito, mas onde chego dou um jeito de comparecer ao clube da localidade. Não é interessante?

Estava tão empolgado de haver assistido uma de minhas preleções anteriormente, que quase não consegui retomar o fio da meada. Mas afinal ele disse:

— Mas continue. Conte-me o resto da história.

E enquanto eu falava, ele foi-se tornando mais e mais atento. Pela expressão de seu rosto pude perceber que brotava em seu coração um interesse espiritual. Quando concluí meu testemunho, ele disse:

— Quase todas as noites eu me ajoelho e tento orar, e confesso meus pecados.

— E experimenta a paz de Deus em seu coração? perguntei.

— Está aí uma coisa que não conheço, disse abanando a cabeça.

— Posso explicar-lhe como se consegue essa paz? indaguei.

Ele fez que sim.

Instantes depois, naquele avião, Deus me deu o privilégio de conduzir outro homem a um conhecimento pessoal de seu Filho.

— Sabe de uma coisa, disse-me aquele homem, o cancelamento do vôo em Billings não foi obra do acaso. Foi um ato de Deus. Ele sabia que eu precisava encontrar-me com o senhor.

Alguns anos atrás nossa firma foi assaltada. E reclamei disso, falando à minha esposa: “Não deixamos tudo aos cuidados de Deus? Então por que foi que isso aconteceu?”

Mas pouco depois entendi tudo.

Um vendedor muito diligente, que se encontrava em outra cidade, leu a notícia nos jornais e veio oferecer-me um cofre à prova de roubos. Mas havia anos esse homem vinha procurando paz espiritual. E essa procura terminou nesse dia, em minha sala.

Eu já disse que essa experiência de ganhar almas para Cristo torna nossa vida uma eterna aventura. E como torna. Acredito que o melhor exemplo disso no meu caso foi o que ocorreu comigo no dia em que esse vendedor de cofre entrou em meu escritório. Era um senhor já idoso, mas assim que o vi, reconheci-o, embora fizesse trinta anos que não o via. Eu já contei o início dessa história incrível. Agora vamos ver a conclusão dela.

Mostrando-me um pedaço de papel, aquele inesperado visitante disse:

— Quem me deu seu nome e endereço foi um cliente meu. Disse que tinha-se convertido, e eu vi que a vida dele estava muito diferente de como era antes. Então lhe perguntei o que havia acontecido. E ele me disse que fora o senhor quem o conduzira à fé. Disse a ele que parecia que era isso que eu estava procurando, e ele me deu seu nome e endereço. Será que o senhor teria tempo para conversar comigo?

— Claro que tenho! exclamei. Sente-se!

Ele se sentou. Parecia nervoso, e fiquei a me indagar se ele também havia me reconhecido.

— Será que não nos conhecemos? indaguei.

— Não, senhor, retrucou ele. Acho que não, Sr. Tam. Aquele meu cliente disse que o senhor faz palestras em clubes e coisas assim, mas nunca tive o privilégio de ouvi-lo.

Tive que exercitar uma forte autodisciplina para não dizer a ele o que estava na ponta de minha língua, mas consegui conter-me. E então passamos a tratar do assunto mais importante da vida.

— Como o senhor pode ver, estou muito mal fisicamente, disse o velho, e encostou as muletas em

minha mesa. Acho que vou morrer muito breve, e sei que não estou preparado para isso.

— Mas pode ficar, repliquei. Deus mandou o Filho dele ao mundo para que nós, eu e o senhor, pudéssemos ter a vida eterna. Isso significa que a morte pode ser, para nós, apenas uma passagem para uma realidade maior do que a que conhecemos na terra.

— E como é que se obtém a vida eterna?

Então lhe expus tudo.

— Se ao menos eu pudesse acreditar nisso... disse ele, os olhos marejados.

— Se isso não for verdade, então Deus é mentiroso, falei. O senhor acha que Deus iria mentir para nós?

— Ah, não, Sr. Tam. Claro que não!

— Foi por isso que ele nos deu a Bíblia, continuei, para que pudéssemos ter certeza de que ele nos ama muito, e pudéssemos conhecer a salvação eterna que ele providenciou para nós.

Peguei a Bíblia e mostrei para ele as palavras que nos trazem purificação, segurança e paz espiritual. E ali mesmo, junto à minha mesa, ele inclinou a cabeça e recebeu o dom da salvação.

Continuei a manter contato com ele. Ele nunca me pediu ajuda financeira, mas quando ficou mais doente e não pôde trabalhar, passei a auxiliá-lo. E não conheci outra pessoa que demonstrasse uma gratidão mais sincera do que ele.

— O senhor certamente é a resposta de Deus para minhas orações, disse ele.

— Essa é uma das bênçãos da vida, repliquei, ajudar uns aos outros.

— Eu gostaria muito de tê-lo conhecido mais cedo.

Cheguei a abrir a boca para falar, mas não disse nada.

Afinal, um dia, recebi um telefonema em que me informavam que aquele homem havia morrido. Lágrimas me vieram aos olhos e agradei a Deus por ha-

ver-me permitido apresentar àquele coração tão necessitado a boa-nova da graça divina.

Mas acho que eram lágrimas de expectativa também.

É que estou na expectativa do dia em que irei encontrá-lo no céu. Acho que aí então ele irá lembrar-se de que a pessoa que o ganhou para Cristo foi o mesmo homem de quem, trinta anos antes, ele comprara um Ford Modelo T, dera uma entrada de cinco dólares, pegara o certificado de propriedade do veículo, e depois se recusara a pagar o restante da dívida.

19

Eu não me espanto diante das convulsões sociais que presenciamos no mundo hoje — o desrespeito pela lei e pela ordem, os conflitos de gerações, os cortes nos princípios de ética para que se ajustem a certas situações, as idéias de homens eruditos que estão admitindo seriamente a morte de Deus e a rejeição de disposições de natureza absoluta, tais como os Dez Mandamentos.

Deus só pode ter autenticidade para uma sociedade e os preceitos da Bíblia só podem ter validade, quando pessoas comuns, como eu e você, permitirem a atuação do Espírito Santo em nossa vida, tornando-nos exemplos vivos da realidade espiritual.

Mas quantas pessoas encontramos seriamente interessadas em ser testemunhas da realidade de Deus?

E no entanto, nas viagens que tenho feito nesses anos todos, tenho conhecido todo tipo de pessoa que tem em comum a mesma fome espiritual. Nós todos queremos ajudar o próximo. Todos queremos ter uma vida mais significativa. Todos possuem pelo menos uma centelha de bem dentro de si, até o pior dos homens. Alguns chamam a isso a centelha da presença divina. Mas não há nenhum texto da Bíblia que

confirme isso. Então eu a interpreto como o anseio que a alma perdida tem de encontrar a redenção.

Nesses relatos de episódios de minha vida pode-se ver o caminho que cada pessoa tem que seguir para encontrar a redenção pessoal. Mas assim como o nascimento é apenas o começo da vida física, assim também a conversão é apenas o início da vida espiritual. E os fatores que propiciam nosso crescimento espiritual são a oração, o estudo da Bíblia e a aplicação das verdades dela ao nosso dia-a-dia, de segunda a domingo. E a base de tudo isso se resume na palavra com que iniciei meu testemunho.

Obediência.

Jesus diz: *"Importa-vos nascer de novo."* (Jo 3.7.)

Assim que uma pessoa obedece a essa determinação, ela se converte; torna-se uma nova criatura em Cristo.

E a Bíblia nos diz também o seguinte: *"Rogo-vos... que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo... E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos."* (Rm 12.1,2.) Assim que um homem começa a obedecer a esse preceito, passa a caminhar na estrada do verdadeiro discipulado.

Nesse nosso mundo agitado de hoje, ouvimos com freqüência as pessoas citarem a famosa oração de São Francisco de Assis. É uma belíssima oração. Nela ele diz: "Senhor, faz de mim um instrumento de tua paz... Pois é dando que se recebe... É morrendo que se nasce para a vida eterna."

Palavras belíssimas.

Muito significativas.

Mas enquanto não destacarmos a palavra "instrumento" e não entendermos que só poderemos tornar-nos um instrumento nas mãos de Deus depois que nos submetermos sem reservas ao Espírito Santo, essas palavras não passarão de mero chavão religioso.

E como é que podemos concretizar isso?

Suponhamos que você é um iniciante na vida cristã. Tenta ler a Bíblia, mas ela lhe parece um livro didático; está escrita em sua língua, mas acha-se

completamente fora de seu contexto mental. Você não entende como uma pessoa de carne e osso, pode conversar com um Ser invisível, e humanamente improvável. E a idéia de se empenhar na prática da melhor e mais elevada das ações — isto é, a de ajudar uma alma perdida encontrar o caminho da fé — simplesmente o apavora.

Contudo, há algo que vibra em seu coração. Você sente que, se faltar à sua vida os bens materiais, a conta no banco e suas possibilidades de crédito, pouco coisa irá sobrar; ela não terá grande valor.

Mas você quer que ela tenha.

Pois bem, o desejo de escapar da mediocridade em que vive e atingir uma realidade que se acha fora de sua esfera de vida, já é um começo.

Essa realidade é Deus.

E você conseguirá identificar-se com essa realidade quando obtiver a certeza de sua salvação, e depois passar a obedecer às orientações que Deus dá a seus filhos em sua Palavra.

É só isso; simples e ao mesmo tempo profundo.

E quando você estiver buscando esse sentido para a vida através da obediência a Deus, procure lembrar-se sempre de uma verdade. A Bíblia é um livro abrangente, profundo e de caráter definitivo. Muitos teólogos devotam toda a sua vida ao estudo dela, e quando chegam ao fim se queixam de que conseguiram apenas arranhar a superfície de seu assombroso conteúdo. E no entanto a melhor característica da mensagem divina é sua simplicidade — e nisso está a grandiosidade da Bíblia. Ela foi escrita para criancinhas, para aqueles que estão à procura da fé, e nunca foi intenção de Deus que ela nos deixasse confusos.

Embora eu respeite os teólogos sinceros, e absolutamente não questione sua capacidade e sua honestidade, às vezes penso que os problemas que alguns têm para entender a Bíblia talvez se originem do fato de não a abordarem com mentalidade de criança, com atitude humilde e quebrantada.

O salmista diz: *“Lâmpada para os meus pés é a*

tua palavra, e luz para os meus caminhos” (Sl 119.105), e é exatamente isso que Deus quer que ela seja para nós.

Agora talvez alguém esteja esperando que eu lhe forneça uma fórmula mágica para que a Bíblia se torne mais significativa para ele. Se assim o for, sinto ter que desapontá-lo. A Bíblia é um livro profundamente pessoal. Deus fez dela uma mensagem pessoal para cada ser humano aqui na terra.

Como é triste pensar que há milhões e milhões de indivíduos que estão perdendo esse grandioso privilégio.

Não posso fornecer uma fórmula mágica porque não existe essa fórmula. Cada pessoa descobre a Bíblia por si mesma.

A única coisa que posso fazer é repetir que essa descoberta que cada um faz deve ter por base a obediência. Deus nos diz para termos um coração e mente puros, e nós obedecemos. Diz-nos que o amor deve ser a motivação de tudo que fazemos e de nossas atitudes, e nós obedecemos. Diz-nos para termos preocupação pela alma de outros, e nós obedecemos. Deixemos que ele aplique todos esses mandamentos à nossa pessoa, ao nosso verdadeiro eu, com base na maneira como nos criou, com nossas características, nossos talentos, nossa personalidade. E assim que obedecemos abre-se para nós um portal de bênçãos contínuas e ilimitadas.

Não conheço nenhum casamento que tenha terminado em divórcio quando tanto o marido como a esposa são crentes fiéis e se esforçam com sinceridade para obedecer a Deus em tudo. Não sei de nenhum caso em que filhos de um casal assim tenham tido que comparecer perante um juiz, num tribunal. Não conheço nenhum indivíduo com essas características que tenha sido desonesto em seu trabalho, ou que tenha transgredido as leis, ou que tenha terminado a vida em meio a frustrações e desilusões.

A vida do crente deve ser uma vida rica, plena e

maravilhosa. Sei disso porque eu próprio tenho experimentado isso.

Como disse, ela é um contínuo fluxo de bênçãos.

Em primeiro lugar, nossa vida particular é abençoada. A atividade principal de Deus é transformar vidas. Sua obra-prima não é a galáxia Andrômeda, atirada no espaço, a dois e meio milhões de anos-luz. Sua obra-prima é cada um de nós sendo conformados diariamente à imagem de Cristo, através da operação do Espírito Santo, que vai moldando nossa vida à medida que buscamos conhecer os conceitos e preceitos da Bíblia, e obedecemos a eles.

Hoje você pode ser melhor do que foi ontem. A Bíblia é ao mesmo tempo nosso diagnóstico e tratamento; é espelho e janela. A Palavra de Deus ordena: *"Crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo."* (2 Pe 3.18.) Eu faço questão de estar sempre fazendo um auto-exame. Onde estão as asperezas que precisam ser limadas? Onde estão os pontos positivos que, com a ajuda de Deus, posso tornar mais fortes?

E à medida que nossa vida vai sendo transformada, também nosso relacionamento com aqueles que nos cercam se torna mais rico.

Eu e Juanita somos pessoas bem comuns. Possuímos nossas fraquezas e imperfeições, como qualquer outra pessoa. Mas esforçamo-nos, com toda sinceridade, para dar o primeiro lugar a Cristo em nosso relacionamento e em nosso lar. E como resultado disso, conseguimos preservar o clima de romance que caracteriza a relação de duas pessoas que se amam, bem como um senso de maturidade em nosso casamento, que é a única coisa que pode mantê-lo sempre vivo, significativo e abençoado. Cada um de nós possui sua quota de fraquezas, que poderiam ter destruído nosso relacionamento, mas, pela presença de Cristo em nossa vida, essas coisas foram disciplinadas, a ponto de perderem a importância.

E, na verdade, que sucesso na vida pode ser mais

importante do que a edificação de um casamento cheio de ternura e de um lar feliz? E quando Cristo ocupa o centro de nossa vida, essas duas coisas se acham ao nosso alcance.

Já faz muitos anos que passamos para o Senhor todas as ações de nossa empresa. Será que nos arrependemos? Se tivéssemos que tomar essa decisão novamente, será que agiríamos diferente?

Para responder a essas perguntas, quero mencionar algumas idéias que me ocorreram recentemente, quando estava meditando na Bíblia.

O texto de Mateus 6.19-21 diz o seguinte: *"Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam nem roubam; porque onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração."*

Temos aí apenas três versículos, e de forma nenhuma isso pode ser considerado um tratado teológico. É apenas uma orientação para pessoas sábias. Trata-se de uma verdade prática e vital, que os insensatos continuarão a ignorar, mas que será atentamente observada pelos sábios. Ela tem respaldo em todo o Novo Testamento, e representa uma condensação de todo o ensino de Jesus e dos apóstolos sobre a questão das riquezas.

Aqui, Cristo está falando sobre a possibilidade de um acontecimento extraordinário: a transmutação de nossas riquezas terrenas em um tesouro de valor mais elevado e eterno, que permanecerá para sempre. Estou empregando aqui a palavra "transmutação" com o sentido do velho conceito medieval de que os alquimistas poderiam aplicar uma fórmula para transformar um metal comum, como o chumbo, por exemplo, em metal precioso, como o ouro. É este o significado de "transmutação" — o ato de um elemento transformar-se em outro.

Que conceito impressionante!

Aqui estou eu, com cinqüenta e poucos anos,

rememorando anos que se passaram com incrível velocidade. Espero ter ainda mais alguns anos para trabalhar, mas na verdade tenho que reconhecer que minha vida já passou da metade. Suponhamos que eu e Juanita tivéssemos retido conosco a posse das ações. Teríamos uma retirada anual de \$250.000 dólares, deduzidos os impostos. Para quê?

Uma casa na Flórida? Investimentos? Um belíssimo mausoléu para nos enterrarem?

Cada pessoa só pode comer uma refeição a cada vez; só pode dirigir um carro de cada vez e só pode vestir uma muda de roupa. Eu tenho tudo isso. Não basta?

Basta. E não tenho desejo de possuir mais nada. Na verdade, o que fizemos foi “enviar a riqueza para lá, na nossa frente”, como já disse alguém. Temos uma vida confortável e muito feliz. Temos tudo de que precisamos. E estamos transmutando os esforços desta vida em ações e apólices de valor eterno.

Mas essa transmutação não se aplica apenas a riqueza material. Todos os esforços do crente para ganhar almas, para se posicionar ao lado de seu pastor e sua igreja, para falar a outros crentes sobre a causa de Cristo, todas essas coisas também são investimentos para a eternidade.

E com respeito a isso, gostaria de relatar agora uma das maiores alegrias de minha vida.

Certa vez um homem me visitou em minha sala. Era um dos líderes de uma conhecida organização cristã. E ele me falou sobre um determinado movimento que estava ocorrendo entre empresários crentes, em diversas regiões do país, o do companheiro de oração. Procura-se outro homem com quem podemos nos reunir uma vez por semana, para orar e falar de nossos problemas e dificuldades, sempre com o espírito de oração.

Achei a idéia ótima e resolvi experimentar.

O nome de meu companheiro de oração é Art; ele é proprietário de uma firma que trabalha com equipa-

mentos médicos. É num parque que nos encontramos para orar.

Para começar, geralmente, conversamos um pouco sobre os negócios; depois contamos um ao outro as evidências das bênçãos de Deus em nossa vida. Ele conta com cinco vendedores trabalhando para sua firma, e sempre me informa sobre as vendas. E eu também lhe passo as notícias sobre nossas duas firmas. É como se fôssemos sócios, extra-oficialmente. Conversamos também sobre nossas famílias; falamos das novas lições que aprendemos na Bíblia. E oramos.

É uma comunhão muito abençoada, que comprova as promessas que Deus nos faz em sua Palavra, de que vai ouvir e atender nossas orações.

Há pouco tempo, o filho de Art começou a namorar uma moça de sua faculdade. Era uma pessoa excelente, mas que não queria nada com a fé evangélica.

Conversamos muito e oramos sobre o problema. Art disse:

— Falei a ele que não iria mais pagar as despesas da faculdade. Agora o pai da namorada diz que ele vai pagar.

Eles marcaram a data do casamento. Eu e Art continuamos orando.

Pouco antes de eles anunciarem o casamento, sem que houvesse qualquer pressão por parte de Art — apenas suas orações — eles desfizeram o noivado.

Muitas vezes, oramos pelas pessoas às quais o outro está evangelizando, e temos recebido ótimas respostas de oração.

O mais notável exemplo disso é Pete Peterson.

A esposa de Pete já freqüentava nossa igreja fazia dez anos, mas o marido era duro como pedra, em relação à mensagem do evangelho. Eu e Art resolvemos orar por ele intensamente. Passado algum tempo, inesperadamente, Pete vendeu a casa aqui e se mudou para a Califórnia, onde comprou um posto de gasolina.

A princípio ficamos meio desanimados, mas con-

tinuamos orando por mais três meses. Depois disso, recebi um convite para ser orador de um retiro espiritual na Califórnia, e, ao consultar o mapa, descobri que o acampamento onde ele se realizaria ficava a mais ou menos dez quilômetros da cidade onde Pete estava morando. Contei isso para Art e ele disse:

— Vou ficar aqui orando, enquanto você estiver por lá.

Na primeira oportunidade que tive, entrei em contato com ele. Achei-o incrivelmente amistoso e mais aberto. Foi até fácil falar com ele. Quando entramos no assunto do Evangelho, falei:

— Peter, você já fugiu muito de Deus; agora não dá para fugir mais. Hoje é o dia de você tomar a decisão de receber a Cristo como seu Salvador.

Pete me fitou diretamente no rosto, os olhos brilhando.

— Você tem razão, disse afinal.

Ajoelhamo-nos, ali, em sua casa, e Peter Peterson tornou-se uma nova criatura em Cristo. Naquela noite, ele foi ao retiro, onde eu estava pregando, e deu um maravilhoso testemunho. Tempos depois, sua esposa nos contou que ele estava crescendo rapidamente, em sua vida cristã.

Eu e Art passamos um bom tempo agradecendo a Deus pelas respostas de oração que recebemos.

Mas nossa maior gratidão ocorreu três semanas depois que regressei da viagem. Recebi um telefonema da esposa de Pete.

— Peter morreu, disse ela soluçando. Houve um assalto no posto e o assaltante deu-lhe um tiro na cabeça. Estou tão grata de o senhor ter conseguido que ele se convertesse antes de morrer. Ele estava tão feliz com sua nova condição espiritual.

Outro resultado de minha associação com Art para intercessão foi a criação de uma rádio evangélica em nossa cidade. Mas isso já é outra história.

O fato é que essa comunhão tem-me dado um interesse cada vez maior pelas pessoas de nossa

cidade. Há ocasiões em que é mais fácil falar de nossa fé para pessoas desconhecidas do que para nossos vizinhos.

Criamos uma classe de estudo bíblico em nossa empresa. Funciona nas quintas-feiras à noite. Nosso objetivo é fazer disso um complemento para o trabalho das igrejas da cidade, e não uma concorrência com elas. No início, o objetivo era dar apoio espiritual a novos convertidos, mas acabou-se tornando um centro de pregação do evangelho.

A freqüência varia entre dezoito a vinte pessoas; às vezes aumenta bastante e temos até quarenta presentes. Ao todo, temos um total de cem pessoas envolvidas nesse trabalho.

Certa noite apareceu uma senhora acompanhada de sua filha. Elas moravam numa cidadezinha próxima. Ela indagou:

— Vocês permitem que católicos assistam a seu estudo bíblico?

— Claro, respondi. Há vários católicos que freqüentam nosso estudo. Hoje mesmo há diversos aqui.

— Sou católica, explicou ela. Faz dois anos que ouço falar desses estudos. Passo de carro muitas vezes por aqui, mas só hoje tive coragem de entrar para ver como é uma reunião dos crentes.

Ela freqüentou as reuniões regularmente durante seis meses. Depois, certo dia, disse-nos que estava querendo abrir o coração para Jesus. Pouco depois o marido dela também passou a vir e, afinal, ele se tornou uma nova pessoa.

A filha dessa senhora, a que tinha vindo com ela na primeira vez, era estudante de enfermagem, mas sempre que podia vinha às reuniões. Numa das noites em que veio, vi-a parada junto ao balcão de venda de refrigerante. Desejando ser cordial, perguntei-lhe se queria uma garrafa.

— Não, obrigada, respondeu. Eu só vim aqui hoje por um motivo. Também quero entregar a vida a Cristo.

Em quatro anos de atividade, já vimos mais de

cem pessoas se converterem. E esse número está sempre aumentando.

Onde é que se pode encontrar experiências mais maravilhosas e gratificantes, senão na vida cristã? Tenho pena das pessoas que se referem à fé cristã como uma coisa antiquada e sem graça. Deus criou o homem com um objetivo em mente: preparar-nos para nos tornarmos seus filhos por intermédio da fé em seu Filho e da obediência à sua Palavra.

E é somente possuindo essa fé que nossa vida encontra paz e realização pessoal.

Muitas pessoas me indagam quais são meus planos para o futuro. Como não tenho filhos do sexo masculino, o que vai acontecer às minhas empresas? Eu penso um pouco nisso, e tenho buscado a orientação de Deus nesse sentido. Mas estou mais preocupado é em certificar-me se estou ou não fazendo a vontade de Deus em todos os momentos de minha vida.

Ele tem um plano certo para mim. Tem um plano para você também. A mim ele deu uma determinada direção. Para você ele pode dar outra bem diferente.

Mas é pela obediência que nos encaixamos no plano dele.

Pela obediência.

Mas ao examinar cada ano que passa, nunca posso dizer que todo ele foi vivido em perfeita obediência às ordens do Senhor; sou um ser humano. Mas dou graças a ele por tudo que ele já realizou em minha vida por causa das vezes em que obedeci. E olho para o futuro com muita expectativa.

Deus é o dono de meus negócios. É o dono da minha vida.

Tenho certeza de que ele cuidará bem do que é dele!

20

E agora, mais uma década.

Nos seis anos que decorreram após a publicação desse livro aconteceram muitas coisas boas. Minha terra comemorou o bicentenário de sua independência. Nossos negócios continuaram a prosperar. Eu e Juanita construímos uma nova casa. Passamos a participar de uma nova igreja. Nasceram nossos netos. Fizemos várias viagens ao exterior.

Mas também tive ocasião de ouvir meu médico, juntamente com um especialista, dizer:

— Stanley, você tem, quando muito, mais dois anos de vida.

Os detalhes desses eventos vão aparecer em um outro livro que eu e Ken Anderson vamos escrever, que é uma compilação das experiências que o Senhor me permitiu viver nessa atividade que é a mais importante do mundo: levar as pessoas a descobrir uma fé viva, eterna.

Com a passagem dos anos, nosso prédio ficou pequeno para comportar nossas empresas, e compramos um terreno de trinta acres de área, e ali construímos novas dependências que ocupam cinco acres dessa área. Além disso, nosso movimento financeiro

cresceu; passou de quatro milhões de dólares anuais para treze milhões. E estamos caminhando para atingir o meu alvo, que é de vinte milhões.

Em meu novo filme *The Answer* (A solução), o ator Harry Elders retrata uma tensa reunião de diretoria que tivemos certa vez, quando os negócios sofreram uma queda súbita e os preços estavam muito baixos. Mais uma vez tive que lembrar ao grupo que nosso negócio não é controlado pela economia nacional, mas por Deus.

Certo dia, quando lia a Bíblia, Deus aplicou a mim pessoalmente um verso do oitavo capítulo de Deuteronômio, que diz o seguinte: "*Antes te lembrarás do Senhor teu Deus, porque é ele o que te dá força para adquirires riquezas.*" (Dt 8.12.)

Parecia que essa promessa tinha sido escrita só para mim.

Hoje, estamos podendo contribuir com um milhão e quinhentos mil dólares por ano para o trabalho missionário no mundo. Investimos esse dinheiro através da organização "Every Creature Crusade", da qual participam quase cem equipes missionárias em doze países. E a cada ano que passa, mais quarenta ou cinquenta igrejas novas são fundadas nesses países.

Em minha opinião, não faz sentido ganhar dinheiro, a não ser que se tenha o objetivo de ajudar outros.

Hoje nossa lista de produtos plásticos para a indústria é a maior da América. Quase todas as grandes companhias deste país e milhares de companhias pequenas possuem nosso catálogo. É claro que desejamos vender muito, mas apenas se pudermos oferecer a melhor qualidade e o serviço mais bem executado, a preços justos. Se não for assim, estaremos enganando a nós mesmos, pois o mero aumento das riquezas empobrece o homem.

Gosto de ganhar dinheiro. É muito agradável enviar nossos catálogos — a única publicidade paga que fazemos — e ver depois os pedidos chegando. Todas as tardes, às dezessete horas, nossa expedição fica como uma colméia agitada.

Eu e meu genro, Wes Lytle, contemplamos os gráficos de desenvolvimento da empresa com grande satisfação.

Mas eu mesmo não tenho a menor dúvida de que a maior empreitada do mundo, a maior e mais gratificante aventura da vida é essa que minha família e muitas pessoas de nossa firma já conhecem: ajudar as pessoas a experimentarem um verdadeiro relacionamento com Deus através de seu Filho Jesus Cristo.

Na face interna da capa de nosso catálogo, testemunhamos de nossa fé a nossos clientes, e, juntamente com todos os pedidos, enviamos também exemplares de literatura evangelística. Por causa disso recebemos por ano mais de setecentas mensagens de pessoas comunicando-nos que passaram a crer em nosso Salvador.

Esse livro que você está lendo também já se tornou um evangelista silencioso. Todos os meses recebemos vários telefonemas de leitores que falam de seu desejo de conhecer nosso maravilhoso Salvador. Outras vezes eles vêm ao nosso escritório.

Assim que lançamos esse livro, fizemos também um filme com o mesmo título, *Deus é o Dono do Meu Negócio*. Cedemos cópias deles para indústrias e outros tipos de negócios, gratuitamente, e muitas pessoas que o viram experimentaram o novo nascimento.

Recentemente fizemos outro filme, *The Answer*, que relata nossas experiências mais recentes, e a experiência miraculosa que tive quando, sozinho num quarto de hospital, fui curado de câncer.

A importância de nossos livros, filmes e do testemunho que damos através da empresa ficou claramente marcado num episódio recente, ocorrido em Chicago. Fui assistir a um seminário sobre catálogos de vendas. No início, as pessoas que viam nosso catálogo com o testemunho na face interna da capa, nos criticaram bastante. Mas devo dizer que, sem que eu fizesse nenhum comentário em minha defesa, os próprios participantes do encontro se levantaram para

me defender. Depois dei esse livro para um desses homens, que o levou para casa e o guardou numa gaveta.

Tempos depois, ao regressar do trabalho, ligou a televisão e viu a parte final de nosso primeiro filme que estava sendo mostrado ali. Lembrou-se do seminário de catálogos, e relacionou as duas coisas. Recordou que havia guardado meu livro, e resolveu pegá-lo e lê-lo. Depois ligou para mim e disse que se tornara um novo homem, ao depositar sua fé no Senhor Jesus.

Essa é a verdadeira riqueza!

Enquanto Deus me der forças — agora que estou passando o comando de meus negócios para meu genro — quero dedicar todas as minhas energias, idéias e iniciativa ao nosso principal objetivo, de aprender sempre mais e mais a colocar nossa vida e nossos esforços sob o comando total de nosso Pai celeste.

Por que você não faz o mesmo?

ORAÇÃO DE ENTREGA PESSOAL

Senhor Jesus,

Nesse momento, tomo a decisão de seguir teus caminhos.

Graças te dou por teres dado tua vida por mim.

Agora, arrependo-me de meus pecados e os abandono, e aceito o teu perdão.

Peço-te que entres em minha vida, e passes a controlá-la.

Recebo-te agora como meu Salvador e Senhor.

Obrigado, Senhor, pela maravilhosa bênção da vida eterna.

De hoje em diante quero seguir somente a ti.
Ensina-me a ler tua Palavra e a orar diariamente para que possa viver apenas para glorificar teu nome.

Graças te dou por me aceitares em tua família.

Peço-te essas coisas em teu nome.

Amém.

Se você fez a oração acima entregando sua vida a Jesus e recebendo-o como Salvador e Senhor, pode estar certo de que deu o passo mais importante de sua vida.

O Dr. Stanley Tam gostaria muito de saber dessa decisão. Por que não escreve para ele contando?

Stanley Tam
United States Plastics Inc.
1390 Neubrecht Rd.
Lima, Ohio, 45801